Labirintos da Vida

José Feldman

copyright © José Feldman

Digitação, organização. editoração: José Feldman

Montagem da Capa e Imagens: Microsoft Bing

FELDMAN, JOSÉ

Labirintos da vida / José Feldman – Maringá/PR: Plat. Poe. Biblioteca Sunshine, 2025.

1. Contos 2. Crônicas 3. Contos em versos

Permitida a divulgação, desde que citados autor e fonte

Agradecimentos

Primeiramente a meus pais, Moisés e Mina Feldman (ambos falecidos)

À minha eterna companheira, Alba Krishna, que continua a meu lado.

À três pessoas maravilhosas que conheci e aprendi a admirar e respeitar ao longo dos anos: Antonio Augusto de Assis (A. A. de Assis), de Maringá/PR, Carolina Ramos, de Santos/SP e Therezinha Dieguez Brisolla, de São Paulo/SP

A seis amigos, já falecidos, que sempre estiveram a meu lado, me incentivando e me apoiando: Ademar Macedo, André Granja Carneiro, Artur da Távola, Francisco José Pessoa, Hermoclydes Siqueira Franco e Izo Goldman.

Às minhas irmãs (4 cadelas e 27 gatas, todas falecidas) que com suas limitações foram minhas professoras, e pelo seu amor incondicional, com destaque especial a:
(gatas) Ayllin, Nikita, Cherie, Nuhtara Dahab, Lady, Cerydween; (gatos) Lad, Gwyddion, Cotton Candy e Nino
(cadelas) Maya, Mel, Cléo e Fluffy (único macho)

E um agradecimento muito especial à minha cadelinha, a Sunshine, que ainda vive comigo, pelo seu amor, pela sua paciência, pelos seus cuidados comigo, pela sua preocupação comigo 24 hs por dia.

Finalmente, a todos/ as que sempre me apoiaram e me incentivaram a acreditar mais em mim.

Sobre o Livro

Neste livro de contos e crônicas, somos convidados a adentrar um universo onde a realidade se entrelaça com a emoção, revelando histórias que pulsam como o coração da cidade. As páginas que se seguem trazem à tona a dura verdade das ruas, onde a solidão e o abandono se fazem presentes em cada esquina, em cada olhar perdido.

Aqui, encontramos o retrato de idosos que, esquecidos pela sociedade, enfrentam a solidão com dignidade. Suas histórias nos falam do tempo que escorre como areia entre os dedos, das memórias que se apagam, mas também da sabedoria que perdura. Através de suas vidas, somos lembrados da importância de valorizar cada momento e cada relação.

Os cachorros abandonados, protagonistas de muitas dessas narrativas, simbolizam o amor incondicional que tanto buscamos. Eles nos ensinam sobre lealdade e compaixão, sobre a amizade que transcende palavras. Em meio aos natais solitários, onde a alegria parece se dissipar, suas presenças iluminam a escuridão, oferecendo um consolo que poucos conseguem compreender.

Cada conto e crônica carrega consigo uma mensagem poderosa para as atuais e futuras gerações. São reflexões sobre a empatia, a solidariedade e a necessidade de olharmos uns pelos outros. Através das relações entre pessoas e seus fiéis companheiros, somos lembrados de que a verdadeira riqueza está na conexão humana e na capacidade de amar sem reservas.

Convido você, leitor, a mergulhar nesta coletânea e deixar que cada história ressoe em seu coração. Que as emoções despertadas aqui inspirem uma nova visão sobre a vida nas ruas, sobre aqueles que muitas vezes passam despercebidos, e sobre a força que encontramos na amizade e no amor. Que, ao final desta leitura, você se sinta motivado a agir, a transformar a realidade ao seu redor e a perpetuar essa mensagem de esperança e compaixão.

José Feldman

Prefácio

Quando se tem um ideal na vida, tudo parece mais fácil de ser realizado. Só assim, é possível explicar a capacidade ímpar de José Feldman em levar avante a tarefa espontânea à qual, há tanto tempo, se entrega, na missão auto imposta de espalhar trovas, poesias e textos de seus amigos e irmãos de jornada, por este Brasil afora. É isto o que Feldman faz, passando por cima de seus próprios problemas e cansaços, fazendo, do bondoso coração, um ninho de afetos que a todos acolhe com fraternal carinho, estendendo ainda sua ternura aos cães e gatos que lhe servem de companhia através da vida.

Em audaciosa imagem, José Feldman é uma espécie de "gralha azul" que, em vez de semear pinhões, semeia letras e versos, reflorestando o Brasil com esse viço poético que desperta a sensibilidade - em tempos atuais, sob constante ameaça de ser sufocada pelo árido e pesado concreto do dia-a-dia.

Sensível, sofrido, faz ele de sua vida um barco que enfrenta tempestades e mares revoltos, com o estoicismo de poucos, e, sem esmorecer, digita, altas horas, as páginas que cria, repletas de obra alheia e, nas quais, quem menos aparece é seu próprio nome.

Difícil enumerar, sem pecado de omissão, os inúmeros blogs e jornais virtuais por ele criados e alimentados com dedicação digna de ressalto. Entre eles: Pavilhão Literário Singrando Horizontes, O Voo da Gralha Azul, Coleção Memória Viva, Paraná Poético, Almanaque Paraná, Trova Brasil, Chuva de Versos, etc.

Afetivo e impulsivo, por vezes, Feldman não hesita em dar um passo atrás para desfazer mal entendidos, ciente de que, o caminhar por esta vida, não nos isenta de tropeços que uma amizade sincera não possa suplantar. Este é José Feldman, cujo coração fraterno bate mais forte pelos que o cercam, do que, na verdade, em proveito próprio.

Que estas palavras sinceras lhe sirvam de alento, estimulando-o a prosseguir em suas lides literárias, dentro das metas por ele mesmo estabelecidas. E que o seu livro traga de retorno o fruto das alegrias fartamente semeadas pelo autor.

Carolina Ramos – Santos/SP

Há uma palavra moderninha – bookaholic, que na verdade nem é tão moderninha assim, porém me pareceu com jeito de chique e vem aqui a calhar. Foi a melhor maneira que achei para definir o escritor, pesquisador e gestor cultural José Feldman, paulistano radicado há quinze anos em Maringá.

Bookaholic é a pessoa excessivamente apaixonada por livros. Em português, um sinônimo próximo seria bibliófilo. Feldman é assim: gosta de cães e gatos, mas sua paixão enormemente maior é pelos livros. Lê tudo, em todos os momentos disponíveis. E quase tudo que lê ele transcreve em seus vários blogues, para alegria de milhares de leitores. Ele é o maior divulgador de textos alheios via internet. O maior propagador da arte literária no país.

O homem que mais divulga a obra dos colegas escritores finalmente achou um tempinho para trazer à tona sua própria produção. Sucesso garantido.

A. A. de Assis – Maringá/PR

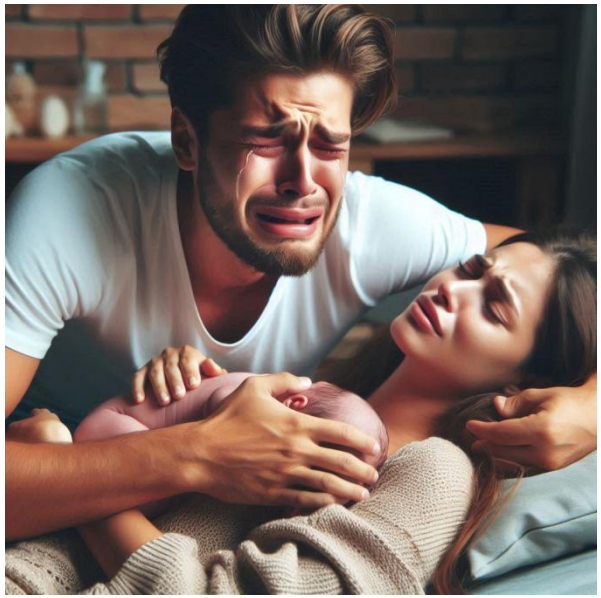
Agradecimentos 3
Sobre o Livro 4
Prefácio 5
Amor e tragédia nas sombras da intolerância 10
Arauto do amanhecer 14
Bolinha e a luz que mudou tudo 15
A solidão no coração da cidade 18
Um Homem e sua Luz 21
Mais um adeus 23
O coração sonhador 26
O encontro no cemitério 29
Abelardo e Azeitona 33
O sol dentro de mim 38
O lamento da terra 41
A verdadeira face 44
O menino e o natal 47
O café da tarde 50
O encontro de titãs 53
A soleira do conhecimento 57
A beleza das pequenas coisas 60
Sob o prisma de um dia de chuva 63
A outra face do Natal 67
Um encontro inusitado 70
A última noite de Natal 75
A solidão das cadeiras vazias 78
Companheiros de Infortúnio 81

Reflexões sobre a Solidão Coletiva 85
Cuchulainn* e Danned Dur 88
O brilho dos antigos Carnavais [ou a falta dele] 91
O Último Suspiro de Mia 94
O Natal de Seu Miguel 97
O Relógio das Memórias 102
A Biblioteca dos Portais 105
Previsões e Ilusões 110
A esperança nunca morre 113
O sonho do poeta 116
A Caixinha de Música 119
Solidão: Ser e estar 123
Amores na mocidade 126
A síndrome da folha em branco madrugada adentro 129
A História de uma cadela 132
O jogo das ilusões 135
No silêncio da madrugada 139
Lealdade até o fim 142
O Tempo e a Amizade 145
Cartas ao Vento 150
Um Café Atemporal 153
Plantando Sorrisos 157
A alegria de viver sete décadas 159
O Tempo e o Agora 163
E se...? 165
Contos em Versos Diversos 168

A Intolerância e a Flor.....169
Apenas uma mão.....171
O Desconfiado.....173
Biografia do Autor.....175

Amor e tragédia nas sombras da intolerância

(Baseado em fatos reais)



José era um homem comum, um judeu não praticante que trabalhava incansavelmente em um hospital na cidade, jovem ainda, tinha cerca de 21 anos de idade. O dia a dia se desenrolava entre tubos de ensaio, mas havia algo de especial em seu coração que ainda não tinha despertado. Isso mudou quando conheceu Najla, uma colega de trabalho, uma jovem de beleza estonteante e olhos que refletiam a dor de uma vida conturbada. Ela era jovem também, 19 anos de idade, filha de imigrantes libaneses que traziam consigo a cultura e a religião com muita devoção.

A atração entre eles foi imediata, mas havia um empecilho: Najla estava em um relacionamento com um rapaz que parecia prometer o mundo a ela. No entanto, essa promessa se desfez como um castelo de areia quando ele a engravidou e desapareceu, deixando-a sozinha e

José Feldman

vulnerável. A família de Najla, profundamente religiosa, a declarou impura e a expulsou de casa, condenando-a ao ostracismo por um erro que não era apenas dela.

Desesperada e sem ter aonde ir, Najla encontrou abrigo em José. Ele, que sempre teve um coração generoso, não hesitou em alugar um pequeno apartamento para que ela pudesse ter um lugar seguro para esperar o nascimento de seu filho. Durante o dia, ele convivia com sua família, que nada suspeitava de seu amor secreto. À noite, ele se tornava o porto seguro de Najla, compartilhando momentos de ternura e esperança em meio a um mundo que parecia estar contra eles.

O amor que floresceu entre os dois era um oásis em um deserto de intolerância. José adotou a ideia de que a filha que estava por vir, seria um símbolo de sua união, um laço que desafiava as barreiras que a sociedade impunha. O nascimento de Yasmin, em 9 de dezembro de 1975, trouxe uma luz nova à vida de ambos. José não a via apenas como a filha de Najla; ele a amava como se fosse sua, um amor profundo e incondicional.

Mas essa felicidade era efêmera. Em 14 de maio de 1976, tudo mudou. Naquele dia fatídico, José, Najla e Yasmin estavam deixando o prédio para um passeio no parque planejando o futuro juntos, em um momento simples virou tragédia. Ao saírem do apartamento, dois ladrões armados os abordaram. O pânico se instalou quando um dos bandidos tentou arrancar a pulseira do pulso de Yasmin. Com um empurrão, a inocente criança caiu, batendo a cabeça e rolando escada abaixo, enquanto seu choro ecoava em meio ao caos.

José, em um ato desesperado, correu para agarrar Yasmin, mas quando finalmente a alcançou, o silêncio que se seguiu era ensurdecedor. Ela já estava sem vida. O grito de Najla, misturado ao desespero de José, atraiu vizinhos que correram para ajudar, mas nada poderia salvar a pequena. Os ladrões fugiram diante do ocorrido. A cena era um pesadelo, um momento que se tornaria uma ferida aberta em suas almas.

A vida continuou, mas José e Najla foram consumidos pela dor. O luto se transformou em um peso insuportável; um mês depois, Najla fez a escolha trágica de tirar a própria vida. Ele se viu sozinho, mergulhado em uma depressão que parecia não ter fim. Sua família, alheia ao que realmente havia acontecido, levou-o a um psiquiatra. No entanto, a ajuda parecia inútil diante de sua dor insuportável. Em um momento de desespero, ele tentou se suicidar, mas o destino tinha outros planos e ele sobreviveu, sentindo-se ainda mais desamparado.

A culpa corroía sua alma. Ele culpou Deus, questionando a razão pela qual um amor tão puro e sincero entre um judeu

e uma árabe não poderia existir em paz. As noites se tornaram um tormento; os sonhos eram assombrados pela imagem de Yasmin rolando escada abaixo, pelos gritos de Najla, pela dor que não se dissipava.

A tragédia de José e Najla se desenrolava como uma peça shakespeariana, repleta de amor, perda e a eterna busca por aceitação em um mundo que muitas vezes se recusa a entender. O amor que havia florescido entre eles, mesmo em meio a tanta adversidade, foi sucumbindo sob o peso da intolerância e da tragédia. A história deles, marcada por momentos de beleza e dor, nos lembra que, apesar das barreiras que tentamos erguer, o amor verdadeiro é uma força imbatível, ainda que, por vezes, tragicamente efêmera.

Décadas se passaram desde aquela tragédia que transformou José, mas a dor que ele carrega é tão viva quanto no primeiro dia. Tentou reconstruir sua vida, mas a imagem de Yasmin rolando escada abaixo e a visão de Najla, caída no meio da rua, não o abandonaram. Essas memórias o assombram, como sombras persistentes que se recusam a se dissipar.

Hoje, sozinho em sua casa, nos momentos de quietude, especialmente à noite, quando a escuridão cobre o mundo, os pesadelos vêm. Ele se vê novamente naquele dia fatídico, o grito de Najla ecoando em seus ouvidos, a impotência de não poder salvar a filha que nunca teve a chance de conhecer. José repete para si mesmo que deveria ter feito mais, que deveria ter encontrado uma maneira de protegê-las. A culpa é um peso que ele carrega, uma carga invisível que o atormenta.

A ideia de ter filhos nunca foi uma possibilidade. O medo de reviver aquela perda, de ver outra criança diante de um perigo semelhante, paralisou seu desejo de paternidade. Ele observa as crianças brincando no parque, sentindo uma mistura de amor e dor. Os risos que ecoam ao seu redor apenas intensificam o vazio em seu coração. As lembranças de Yasmin, que poderia ter corrido por aquelas mesmas calçadas, o perseguem como um fantasma.

As noites se arrastam, e os pesadelos se tornam mais frequentes. Ele acorda em suor, o coração acelerado, tentando se lembrar que o que passou não pode ser mudado. Mas a mente é traiçoeira, e os sonhos levam-no de volta àquela escada, àquele momento de desespero. Ele se pergunta se algum dia encontrará a paz que tanto almeja, se as cicatrizes da mente podem realmente cicatrizar.

Os anos se acumularam, mas a dor não diminuiu. Ele busca consolo em pequenos rituais, em memória de Najla e Yasmin, falando com elas em sussurros, como se ainda pudesse alcançar suas almas. Ele vive com a esperança de

que, ao menos, elas saibam que ele as amou profundamente, que sua vida foi marcada por um amor que desafiava todas as barreiras, mas que também trouxe uma dor insuportável.

A sombra do passado é uma companheira constante, e José convive com ela. Ele sabe que, mesmo após tanto tempo, o amor e a perda estão entrelaçados em sua história, e que a memória de Yasmin e Najla permanecerá viva dentro dele, como um lembrete de que a vida é preciosa, mas também frágil.

Arauto do amanhecer

Dedicado ao amigo A. A. de Assis

Ah, poeta, como é lindo
teu trabalho, e quão fecundo...
- Noite e dia produzindo
sonhos novos para o mundo!
A. A. de Assis (Maringá/PR)

Ah, poeta, como é lindo o teu trabalho, um ofício que floresce nas entrelinhas da vida. A cada verso, a cada rima, você dá vida a mundos invisíveis, onde a imaginação dança livre. É um dom fecundo, como um jardim repleto de flores que desabrocham em cada estação, trazendo cores e aromas que encantam a alma.

Noite e dia, você se entrega à criação, mergulhando nas profundezas do ser e das emoções. Em cada momento de solitude, transforma silêncios em palavras, como se o universo sussurrasse segredos que apenas você pode captar. Sua caneta é a extensão do coração, capturando a essência do que é humano, do que é belo e doloroso.

Produzindo incessantemente, você tece sonhos novos para o mundo. Cada poema é uma semente lançada ao solo fértil da esperança, um convite a sonhar, a refletir, a sentir. As páginas se enchem de histórias que ressoam em todos nós, despertando memórias adormecidas e anseios por um futuro melhor.

Assim, você se torna o arauto de um novo amanhecer, a voz que ecoa na eternidade, lembrando-nos de que a arte é um farol na escuridão. Ah, poeta, teu trabalho é uma ode à vida, um presente que nos inspira a olhar além, a buscar a beleza nas pequenas coisas e a acreditar que, mesmo em tempos difíceis, os sonhos ainda têm o poder de transformar o mundo.

Bolinha e a luz que mudou tudo

José Feldman

Os nomes são fictícios, mas a história é real.

Poema Para Gwyddion (1998 – 2001)

Nos sonhos, ainda te vejo,
teu ronronar a me embalar.
A saudade é um desejo,
que não consigo evitar.

Gwyddion, gatinho que seduz,
deixou um eco profundo.
Teu amor era pura luz,
encantava nosso mundo

.

Em uma manhã cinzenta, enquanto a cidade despertava com o barulho dos carros e o cheiro do café fresco, Lucas caminhava rumo ao trabalho. Ele sempre passava pelo mesmo caminho, mas naquele dia algo o chamou a atenção.

No canto da rua, um pequeno filhotinho de gato, sujo e magro, uma bolinha de pelo, olhava para ele com olhos grandes e desesperados. O coração de Lucas se apertou. Sem pensar duas vezes, ele se agachou e estendeu a mão. O filhote, em um ato de desespero e esperança, subiu na perna dele, buscando calor e segurança.

Lucas, que tinha outros gatos de estimação, sentiu uma onda de compaixão. Ele não podia deixar aquele pequeno ser à mercê do mundo, então, com muito cuidado, pegou o gatinho nos braços e o levou para casa, colocando-o em uma caixinha aconchegante, protegendo-o. No lar, sua esposa, olhou surpresa para o recém-chegado.

— Olha o que eu trouxe! — disse Lucas, com um sorriso nervoso.

Ela, ao ver o estado do filhote, o acolheu com amor.

As opiniões de amigos e familiares ecoavam em sua mente: "Ele não tem salvação". Mas o casal acreditou que, com amor e cuidado, eles poderiam mudar a sorte daquele gatinho. E foi assim que Bolinha, como o casal decidiu chamá-lo, entrou em suas vidas.

Nas semanas seguintes, a transformação de Bolinha foi mágica. Comida, carinho e um lar quentinho fizeram maravilhas. O pequeno filhote, que antes era apenas uma sombra de um gato, tornou-se um animal bonito e peludinho. Ele se tornou a sombra constante do casal, sempre ao redor, pronto para brincar ou simplesmente fazer companhia.

O relacionamento de Bolinha com os outros gatos da casa era um verdadeiro espetáculo de afeto e travessuras. Desde o primeiro momento em que ele entrou no lar, mostrou-se um gato sociável e curioso, rapidamente se integrando ao grupo já estabelecido.

Mesmo sendo o mais novo, rapidamente assumiu uma posição de destaque entre os outros sete gatos. Ele tinha um jeito natural de interagir. Os gatos mais velhos, que inicialmente poderiam ter visto a chegada de um novo membro como uma perturbação, logo se renderam ao charme e à energia do novo membro. Ele se aproximava deles com um jeito brincalhão, e em questão de dias, todos estavam se envolvendo em jogos e brincadeiras.

Bolinha tinha uma personalidade travessa. Ele adorava explorar e se meter em encrenca. Uma vez, enquanto brincava no andar de cima do sobrado onde moravam, ele caiu do balcão e bateu a boca em um cano. A mulher, que estava na sala, ouviu um barulho e correu para ver. Ao abrir a porta, encontrou ele arranhando a madeira da porta, tentando entrar.

— O que você aprontou dessa vez? — ela riu ao vê-lo. Era impossível não se apaixonar por aquele ser tão arteiro.

Ele dormia carinhosamente entre os dois, e nas noites frias, quando queria o calor do cobertor, ele fazia questão de colocar a patinha gelada no rosto dela, despertando-a com um leve toque. Ele era o relações públicas da casa, sempre acolhendo novos amigos. Quando o casal trouxera duas gatinhas siamesas, foi Bolinha quem as recebeu com um charme irresistível, fazendo amizade rapidamente para que se sentissem em casa.

Suas travessuras não tinham fim. Ele aprendeu a abrir a tampa da panela que ficava sobre a mesa, sempre em busca de um pedaço de carne suculenta. E quando ele ia no quintal onde havia uma cachorra pastora belga branca, ele corria em volta dela e junto com Mocinho, um persa azul britânico, que era o líder, deixavam a cachorra tonta.

O casal ria das artimanhas do pequeno, que parecia ter um talento especial para se meter em confusões.

Mas a vida, como sempre, tem seus altos e baixos. Quando o casal decidiu se mudar para outra cidade, a mulher teve que voltar para resolver algumas pendências. Bolinha ficou em casa com os outros gatos, mas a saudade dela começou a pesar em seu coração. Ele andava pela casa, miando e procurando pela sua amada dona. A espera se prolongou por semanas, e o pequeno gato, que antes trazia tanta alegria, começou a definhar.

Infelizmente, em uma noite silenciosa, Bolinha não resistiu. Ele foi encontrado por Lucas, que voltou para casa cansado, apenas para descobrir que seu querido gatinho não estava mais ali. O luto tomou conta do lar. A dona, ao saber da notícia, correu de volta, mas já era tarde. A tristeza era imensa, e mesmo cercados por outros sete gatos, Bolinha deixara um vazio profundo.

Ele sempre fora o bálsamo para os dias cansativos do casal, a luz que iluminava seu lar. As risadas que proporcionava com suas travessuras ecoavam ainda na memória do casal. Embora a vida continuasse, Bolinha nunca foi esquecido. Lucas, muitas vezes, se pegava lembrando das travessuras do pequeno, e as lágrimas escorriam pelo seu rosto, misturando-se com risos saudosos.

A vida de Bolinha, embora breve, foi repleta de amor e alegria. Com pouco mais de três anos, ele deixou uma marca indelével na vida do casal, e em cada canto da casa, ainda se sentia sua presença. Ele não era apenas um gato; ele era um pedaço do coração do casal, e sua memória viveria para sempre.

A solidão no coração da cidade

PRÓLOGO

A linha entre a solidão como um refúgio e como uma prisão é tênue. Para aqueles que se sentem abandonados, a solidão pode rapidamente se transformar em um estado de desespero. O que começa como um momento de paz pode se transformar em uma espiral de tristeza, onde a conexão com o mundo exterior se torna cada vez mais difícil. A falta de interação social pode provocar sentimentos de inadequação e a crença de que não se é digno de amor ou amizade. Nesse cenário, a pessoa pode se isolar ainda mais, criando um ciclo vicioso que parece não ter fim.

= = = = = = = = = = = = = = = = = =

Em um pequeno apartamento no coração da cidade, onde a agitação nunca termina, vive um homem chamado Luca. O espaço é modesto, mas acolhedor, decorado com quadros de paisagens que ele mesmo pintou em momentos de inspiração. Ao seu lado, sempre, está a fiel companheira, uma cadela chamada Bolota, que se tornou sua única fonte de amor e alegria.

A rotina de Luca é marcada pela solidão. Os dias começam com o sol tímido percorrendo suas janelas, e o primeiro som que ouve é o leve arranhar das patas de Bolota no chão de madeira. Ela se aproxima, balançando o rabo, e isso, por um breve momento, desvanece a nuvem que paira sobre seu coração. Com um carinho suave, Luca a cumprimenta, e, juntos, eles se preparam para mais um dia que se desenha no horizonte.

Nos últimos anos, a vida de Luca tomou um rumo inesperado. A família, antes unida, se desfez em desentendimentos e distâncias. Os amigos, que não eram muitos, foram se afastando, cada um mergulhando em suas próprias rotinas e compromissos. A solidão se tornou a constante e, com o passar do tempo, ele aprendeu a conviver com essa dor. Mas a presença de Bolota, com seu olhar profundo e amoroso, trazia um pouco de luz a essa escuridão.

As tardes se perdem em longas caminhadas no parque, onde Luca observa as famílias se reunindo, as crianças brincando, e os sorrisos compartilhados. Cada risada que ecoa ao seu redor é como uma flecha que fere seu peito. Ele vê pais segurando as mãos dos filhos, amigos se abraçando, e sente a ausência de tudo isso. A tristeza se torna uma companheira constante, uma sombra que caminha ao seu lado. Mas Bolota, com sua energia contagiante, faz com que ele sinta que ainda há vida em meio à dor. Ela corre livre, seu pelo brilhando sob a luz do sol, e Luca sorri, mesmo que por um instante, ao ver a felicidade simples que ela traz para si.

À noite, quando a cidade se acalma e o silêncio domina o apartamento, o vazio se intensifica. As paredes parecem ecoar sua solidão, e os quadros, antes fontes de inspiração, agora lembram momentos de alegria tão distantes. Ele se senta no sofá, e Bolota se aninha ao seu lado, oferecendo a companhia que ele tanto necessita. O calor do corpo dela é um bálsamo para sua tristeza, e ele se perde nos olhos dela, que parecem entender sua dor.

As conversas que antes compartilhava com a família se tornaram ecos em sua mente. Ele relembra os jantares em família, as risadas, as histórias contadas à mesa. Agora, as refeições são solitárias, e ele tem que cozinhar, mesmo que o apetite tenha diminuído. Bolota, sempre atenta, observa cada movimento, como se soubesse que ele precisa dela mais do que nunca. Ao lado dela, Luca encontra um propósito: cuidar, amar, e ser amado de volta.

Algumas noites, a solidão se torna insuportável. Ele se vê preso em pensamentos, questionando onde tudo deu errado, porque as pessoas que amava estão tão distantes. A tristeza é palpável, quase uma entidade que ocupa o espaço entre ele e o mundo. Mas, então, Bolota se levanta

e coloca a cabeça em seu colo, um gesto simples, mas cheio de significado. A conexão entre eles é eterna; ela não precisa de palavras para expressar seu amor. E, por um momento, Luca percebe que, mesmo na solidão, não está completamente só.

O tempo passa, e as estações mudam. O inverno traz o frio, e Luca se vê cercado pela escuridão mais intensa. As noites são longas, mas Bolota se torna seu cobertor, aquecendo seu coração. Ele aprende a encontrar beleza nas pequenas coisas: o jeito como ela corre atrás das folhas secas, como se cada uma fosse uma nova aventura. A vida, embora marcada pela solidão, ainda reserva pequenos momentos de alegria.

Ele se dá conta de que a solidão não é apenas dor; é também um espaço para reflexão e crescimento. Com Bolota ao seu lado, ele começa a redescobrir a arte de viver. A cadela se torna sua musa, inspirando-o a escrever, a pintar, a capturar a essência do amor que ainda existe entre eles. Em cada traço, em cada palavra, Luca expressa sua gratidão por ter alguém que o ama incondicionalmente.

E assim, dia após dia, Luca e Bolota continuam sua jornada. A solidão pode ser um fardo, mas também é um espaço onde o amor verdadeiro pode florescer. Ele sabe que, mesmo na ausência de pessoas, o amor se manifesta de formas inesperadas. Bolota, com seu olhar profundo e afetuoso, mostra que a felicidade pode ser encontrada mesmo nos momentos mais sombrios.

Às vezes, enquanto observa a cidade adormecer pela janela, Luca sorri ao perceber que, apesar de tudo, ele não está completamente só. A solidão pode envolver seu ser, mas o amor de sua cadela ilumina até os cantos mais escuros de sua alma. E isso, ele sabe, é um presente que poucos têm a sorte de receber.

Um Homem e sua Luz

José Feldman

Era uma vez, em uma cidade tranquila, um homem chamado Leônidas. Desde jovem, tinha uma grande paixão por aprender. Ele adorava ler e estudar, sonhando em um dia se formar em uma grande universidade. No entanto, a vida não foi fácil para ele. Quando chegou a hora de entrar na faculdade, as dificuldades financeiras o obrigaram a abandonar seus estudos, deixando-o desolado.

Apesar das frustrações, nunca deixou de apoiar sua amiga Bianca, por quem nutria um amor silencioso. Ela era brilhante e ambiciosa, e ele sempre a incentivou em seus estudos, ajudando-a a se preparar para exames e oferecendo palavras de encorajamento. Ela se formou, e mesmo depois, continuou seus estudos, chegando ao pós-doutorado.

Um dia, Bianca, já uma acadêmica respeitada, ia para um encontro com seus amigos formados. Com entusiasmo, Leônidas falou que ele poderia ir junto.

Bianca, sem perceber a dor que estava causando, disse: "Leo, eu não posso te levar. Meus amigos são todos

formados, e você... bem, você não tem uma faculdade. Não seria apropriado."

Aquelas palavras feriram-no profundamente. Ele se sentiu pequeno e desolado. "Eu sempre a apoiei", pensou ele, "e agora sou desvalorizado por não ter um diploma." A sensação de impotência tomou conta dele, e ele se afastou, angustiado.

Em sua casa, se sentou em uma velha cadeira, cercado por livros que sempre foram seus companheiros. Ele se dedicou a estudar por conta própria, criou até um blog, mas a angústia e a frustração o acompanhavam. Mesmo com todo o conhecimento que adquiria, a desvalorização de Bianca o deixava triste e solitário.

Os dias se transformaram em semanas, e ele se isolou ainda mais. A única companhia que lhe restava era sua fiel cachorra, Bela. A cadela o seguia por toda parte, sempre lhe dando amor e apoio incondicional. Ele se sentia grato por isso, mas a solidão o consumia.

Bianca, por sua vez, continuou sua vida acadêmica, cercada por amigos formados. Nunca conseguiu aceitar o fato de que Leônidas não tinha um diploma, e isso criou um abismo entre eles. Ele, mesmo com suas conquistas pessoais, viveu angustiado, sentindo-se invisível e desvalorizado.

A cada dia, ele se sentava com Bela, lendo em voz alta, como se estivesse ensinando sua melhor amiga. A cadela ouvia atentamente, como se entendesse cada palavra. Ele percebeu que, mesmo sem reconhecimento, a paixão pelo aprendizado ainda ardia dentro dele.

Com o passar do tempo, decidiu que, mesmo sozinho, continuaria a buscar o conhecimento e a compartilhar o que aprendeu com Bela. Ele percebeu que a verdadeira valorização vinha de dentro, e que, embora Bianca não reconhecesse seu valor, ele ainda tinha a capacidade de se erguer e encontrar alegria nas pequenas coisas.

Moral da História
A desvalorização e a angústia podem nos isolar, mas o verdadeiro valor do conhecimento não depende da aprovação dos outros. Mesmo em solidão, cultivar a paixão pelo aprendizado e o amor verdadeiro, como a de uma amiga leal, mesmo que seja uma cadela, pode nos trazer paz e satisfação.

Mais um adeus

José Feldman

Texto construído tendo por base a trova de Eliana Palma (Maringá/PR)

Adeus com dores combina,
adeus inspira piedade.
Adeus de amor, triste sina
de quem vive de saudade!

O sol estava se pondo em Maringá, tingindo o céu de laranja e rosa, como se o próprio dia estivesse se despindo para dar lugar à noite. As ruas começavam a se esvaziar, e o movimento frenético do centro da cidade diminuía, dando espaço a um silêncio que parecia carregar a melancolia de tantos "adeus" que haviam sido ditos ao longo dos anos. Em cada esquina, um pedaço de história, um resquício de amor ou amizade, ecoava na memória dos que por ali passavam.

Naquela tarde, Maria, uma jovem de cabelos cacheados e olhos brilhantes, caminhava pela Avenida XV de Novembro. Seu coração pulsava descompassado. Ela sabia que estava prestes a se despedir de Humberto, seu primeiro amor, que decidira se mudar para outra cidade em busca de novas oportunidades. O anúncio da partida havia caído sobre ela como uma tempestade de verão: repentino e avassalador.

"Quando você vai embora mesmo?", ela perguntou, tentando esconder a tristeza na voz. Humberto, com um sorriso nostálgico, respondeu que partiria na manhã seguinte. O que era uma nova chance para ele, tornava-se um abismo para ela. O amor, que havia sido uma doce melodia, agora era um lamento que ecoava pelas ruas de Maringá.

Enquanto Maria caminhava, lembranças dançavam em sua mente. O primeiro encontro no Parque do Ingá, com suas árvores majestosas e o perfume das flores. As tardes passadas em um banco à sombra, onde eles trocavam promessas e risadas, como se o mundo ao redor não existisse. E agora, todas aquelas memórias pareciam pesadas, como se cada risada carregasse um peso insuportável.

O "adeus" que se aproximava era uma verdadeira sina. Maria sentia o coração apertar ao pensar nas despedidas que já havia vivido — a partida do pai para o exterior, a saída da melhor amiga que se mudara para a capital, as idas e vindas da vida. Cada adeus trazia consigo um rastro de saudade, e ela se perguntava se um dia aprenderia a lidar com isso.

Na esquina da Avenida XV com a Avenida São Paulo, um grupo de amigos se despedia. Riam e se abraçavam, mas Maria percebia que, por trás das risadas, havia um fundo de tristeza. O "adeus" sempre vinha acompanhado de uma sombra. "Adeus com dores combina, adeus inspira piedade", pensou. As despedidas em Maringá eram como melodias que se repetiam, sempre com a mesma harmonia triste.

Com o coração pesado, ela decidiu encontrar Humberto uma última vez. Dirigiu-se ao café onde costumavam ir, um pequeno lugar aconchegante, com mesas de madeira e um cheiro inconfundível de café fresco. Ao entrar, avistou Humberto na mesa do canto, olhando pela janela. Ele parecia distante, perdido em pensamentos, e Maria percebeu que ele também estava sentindo o peso da partida.

— Oi, você veio! — Ele sorriu, mas a alegria não alcançou seus olhos.

— Precisamos conversar — disse Maria, sentando-se à sua frente.

O clima estava carregado, e as palavras pareciam não querer sair. O garçom trouxe os pedidos, mas o café esfriou enquanto eles trocavam olhares que falavam mais do que mil palavras.

— Eu não sei como vou lidar com isso — ela finalmente desabafou. — Vai ser tão difícil te ver partir.

— Eu também não sei, Maria. É como se estivéssemos vivendo um sonho e agora temos que acordar. — ele hesitou. — Mas isso não significa que o que tivemos não foi real.

A conversa fluiu entre risos nervosos, lembranças e promessas de que tudo ficaria bem. Mas, no fundo, ambos sabiam que a vida os levaria por caminhos diferentes. O café esvaziou-se em suas xícaras enquanto as horas passavam, e o sol começava a se esconder, deixando uma sombra sobre a cidade.

Quando finalmente se levantaram para sair, Maria sentiu que aquele momento se tornaria mais uma memória, mais um "adeus" a ser guardado na caixa de saudades. Eles caminharam lado a lado, sem saber se deveriam se abraçar ou apenas se despedir com um aceno. O medo da dor os impedia de se aproximar.

Na porta do café, Humberto parou e, em um gesto inesperado, puxou Maria para perto. O abraço foi apertado, cheio de sentimentos não ditos. Era um "adeus" que transbordava dor, mas também gratidão. Um "adeus" que, mesmo triste, celebrava o que haviam vivido juntos.

— Adeus, Maria. Cuide-se! — ele disse, com a voz embargada.

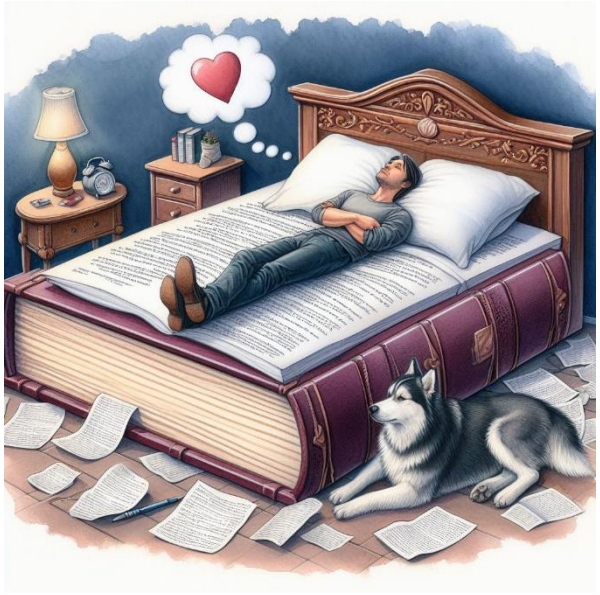
— Adeus. E não se esqueça de mim — respondeu ela, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto.

O "adeus" ecoou, pesado e doce como um canto de despedida, deixando no ar a promessa de que, apesar da distância, as memórias permaneceriam.

Enquanto ele se afastava, Maria ficou ali, observando o homem que um dia fora seu amor. O céu estava agora escuro, e as luzes da cidade começavam a brilhar. Em cada ponto luminoso, ela via uma lembrança, uma risada, um abraço.

E, assim, em Maringá, onde os adeuses são sempre acompanhados de saudade, Maria aprendeu que a vida segue, mesmo entre dores e despedidas. O amor se transforma, mas nunca desaparece completamente. E, ao final, cada "adeus" traz consigo a semente de um novo "olá", mesmo que, por ora, a saudade seja a única companhia.

O coração sonhador



Texto construído tendo por base a trova de Therezinha Dieguez Brisolla (São Paulo/SP)

Envergonhado e sem jeito,
meu coração sonhador
conserta o ninho desfeito
enquanto espera outro amor!

Em uma pequena cidade à beira do mar, onde as ondas sussurravam segredos e o sol se despedia em cores vibrantes, vivia um jovem chamado Rafael. Ele era conhecido por seu espírito sonhador e sua sensibilidade à flor da pele. Com seus cabelos bagunçados e um olhar que carregava a luz do horizonte, Rafael caminhava pelas ruas

da cidade com um caderno sempre à mão, onde anotava pensamentos, poesias e fragmentos de suas esperanças.

Ele acreditava no amor como algo mágico, um laço que transcende a lógica e as barreiras do cotidiano. Desde pequeno, ele sonhara em encontrar sua alma gêmea, aquela pessoa que faria seu coração bater mais forte e transformaria sua vida em uma aventura. Porém, a realidade o havia ensinado que os amores nem sempre são eternos. Recentemente, ele havia passado por um término doloroso com Lúcia, uma jovem que iluminou sua vida como poucos. A separação foi abrupta, deixando um ninho desfeito em seu coração, repleto de memórias e promessas não cumpridas.

Sentado em seu quarto, cercado por livros e poemas, Rafael sentia-se envergonhado e sem jeito. A dor da perda ainda pulsava em seu peito, mas, ao mesmo tempo, havia uma chama de esperança que se recusava a se apagar. Ele sabia que precisava consertar o ninho que havia se desfeito, não apenas para curar suas feridas, mas também para se abrir a novas possibilidades. O amor poderia ser um ciclo, e ele estava determinado a não deixar que o medo do fracasso o impedisse de voar novamente.

Os dias passaram, e ele começou a se dedicar a si mesmo, a recuperar o que havia se perdido na relação anterior. Ele se permitiu sentir a dor, mas também se permitiu sonhar. Começou a frequentar uma nova cafeteria na cidade, um lugar aconchegante e repleto de pessoas criativas. Ali, entre risos e conversas, ele começou a se abrir para o mundo. O cheiro do café fresco e o som das xícaras se chocando criavam um ambiente acolhedor, onde ele podia se perder em pensamentos e anotações.

Em uma dessas manhãs ensolaradas, enquanto rabiscava algumas linhas de poesia, uma jovem entrou na cafeteria. Seu nome era Ana, e sua presença iluminou o ambiente. Ela tinha um sorriso contagiante e um olhar curioso, que imediatamente capturou a atenção de Rafael. Eles começaram a conversar, e, a cada trocadilho e risada, ele sentia seu coração despertar lentamente. Era como se ele estivesse consertando seu ninho desfeito, colocando de volta cada pedaço que havia se espalhado com a dor da separação.

Ana e Rafael começaram a se encontrar regularmente, trocando histórias sobre suas vidas, sonhos e desejos. A conexão entre eles cresceu de maneira orgânica, como uma planta que se adapta ao ambiente. Rafael se sentia mais vivo e mais inspirado do que nunca. Ele redescobriu a alegria de escrever, agora fluindo com versos que falavam sobre recomeços e a beleza de se abrir novamente para o amor.

No entanto, mesmo com a felicidade renascente, Rafael não conseguia esquecer completamente Lúcia. A saudade ainda o acompanhava em momentos de solidão, e ele se perguntava se estava sendo justo com Ana ao permitir que essa sombra ainda existisse em seu coração. Era um dilema que o deixava angustiado: como poderia amar plenamente outra pessoa se ainda havia espaços ocupados por memórias passadas?

Uma noite, enquanto caminhava pela praia com Ana, Rafael decidiu que era hora de ser honesto. Com o som das ondas como pano de fundo, ele compartilhou suas inseguranças. "Ana, eu estou tão feliz por estar aqui com você, mas preciso te contar que ainda sinto a falta de minha ex. É um sentimento que não sei como lidar, e temo que isso possa afetar o que estamos construindo juntos."

A brisa do mar trouxe um silêncio momentâneo, e Rafael sentiu seu coração apertar.

Ana olhou para ele com compreensão: "Rafael, é normal carregar algumas bagagens, mas o que importa é o que decidimos fazer com elas. O amor não é uma competição; é um espaço onde podemos crescer juntos. Se você está disposto a abrir seu coração para mim, estarei aqui, ao seu lado."

Suas palavras foram como um bálsamo para as feridas de Rafael. Ele percebeu que, embora as sombras do passado ainda estivessem presentes, a luz do novo amor poderia iluminá-las.

Com o passar do tempo, Rafael aprendeu a equilibrar seus sentimentos. Ele não precisava apagar Lúcia de sua memória, mas poderia permitir que Ana ocupasse um lugar especial em seu coração. A cada encontro, a cada conversa, seu ninho se tornava mais forte, mais acolhedor. Rafael dedicou-se a construir uma nova história, onde o amor não era uma substituição, mas uma continuidade.

O que começou como uma angústia se transformou em um aprendizado profundo sobre amor, perda e renovação. Rafael percebeu que a vida é feita de ciclos, e cada amor traz suas lições. Ele aprendeu a olhar para suas experiências não como fardos, mas como parte da bela tapeçaria que compõe sua existência.

E assim, enquanto o sol se desvanecia no ocaso em mais um dia, ele sentiu seu coração sonhador pulsar com uma nova esperança. Sabia que estava em um caminho de cura, e que, enquanto consertava seu ninho desfeito, estava também se preparando para voar mais alto. Afinal, o amor verdadeiro não se apaga; ele se transforma, se adapta e, na maioria das vezes, nos ensina a amar de uma maneira ainda mais profunda.

O encontro no cemitério

José Feldman

Era uma noite tranquila em Piracicaba, e a lua cheia iluminava a rua Boa Morte, onde o Leandro, dono da funerária "Pé na Cova", fazia sua última checagem nas flores do altar no cemitério. Ele sempre achou que as flores eram como os clientes: tinham que estar sempre bem apresentáveis, mesmo que a maioria não estivesse mais entre os vivos.

Enquanto isso, Belarmino, um vendedor ambulante que passara os últimos anos viajando pelo Brasil, finalmente decidira voltar à sua cidade natal. Ele carregava uma sacola cheia de bugigangas variadas — desde chaveiros de plástico até garrafinhas de água com a imagem do Cristo Redentor. Seu retorno, no entanto, não era apenas para vender suas quinquilharias, mas também para visitar os túmulos dos pais.

Assim que Belarmino chegou ao cemitério, avistou Leandro, que estava concentrado em arrumar as flores. Um sorriso brotou em seu rosto ao ver o amigo de infância.

— E aí, Leandro! — gritou Belarmino, acenando com a mão. — O que você está fazendo tão tarde aqui? Esperando alguém?

Leandro virou-se, surpreso, e logo reconheceu a figura conhecida.

— Belarmino! Que surpresa! Você não mudou nada, só adicionou algumas bugigangas a mais! — riu Leandro, enquanto se aproximava.

— É, meu amigo! O mundo é cheio de coisas inúteis, e eu sou o mestre em vendê-las! — respondeu Belarmino, piscando.

— Que bom que você voltou! Estava pensando em quem eu poderia contratar para ajudar na funerária. Você não quer trabalhar comigo? Poderíamos usar alguém com seu talento de vendas.

Belarmino arregalou os olhos, como se Leandro tivesse sugerido que ele vendesse almas.

— Trabalhar em uma funerária? Ah, não, Leandro! Você sabe que eu sou supersticioso! — disse ele, dando um passo para trás, como se afastasse um espírito maligno.

— Supersticioso? E desde quando? Você sempre foi o primeiro a se arriscar em tudo! — provocou Leandro, cruzando os braços.

— Olha, eu já vendi de tudo, de cuia de chimarrão a saquinho de erva-dos-gatos. Mas trabalhar em um lugar que lida com a morte? Isso é de dar medo! — respondeu Belarmino, olhando ao redor como se esperasse ver fantasmas.

Leandro riu e gesticulou dramaticamente.

— Ah, vai! Você não precisa ter medo! Morto não morde! Venha passar um tempinho aqui. Você ia adorar. Podemos até criar promoções! "Compre um caixão e leve um jazigo de brinde!"

Belarmino fez uma careta.

— E se as almas não gostarem da promoção? Já pensou que eu posso atrair uma maldição? — a expressão no rosto era de receio genuíno.

— Maldição? Você já vendeu itens com zumbis e ainda está aqui, vivinho da silva! Olha, a gente poderia fazer um grande evento: "O Dia da Morte com Desconto!" — sugeriu Leandro, rindo.

— Isso é um marketing pesado, meu amigo! — Belarmino balançou a cabeça, tentando se conter. — E se, em vez de clientes, aparecerem só almas penadas?

— Então a gente oferece um pacote promocional: "Traga um amigo e ganhe uma lápide personalizada!" — Leandro se divertia com a ideia.

Belarmino não conseguia mais se conter.

— Você é maluco, sabia? Mas não posso negar que a ideia é boa! E quanto mais eu penso, mais eu imagino o caos que isso ia causar no cemitério.

Leandro, agora sério, perguntou:

— Mas, sinceramente, o que você tem contra a morte? Todo mundo vai passar por isso um dia. A diferença é que eu ajudo a tornar a passagem mais tranquila.

Belarmino suspirou, um pouco mais sério agora.

— Olha, eu só não gosto de lidar com essas coisas. É como se eu fosse um vendedor de sonhos e você fosse o vendedor do fim. Não dá! Eu prefiro o lado alegre da vida!

Leandro assentiu, compreendendo a perspectiva do amigo.

— Tá certo, Belarmino. Mas uma coisa é certa: se precisar de caixão, você sabe onde me encontrar! — disse, piscando.

— E se precisar de bugiganga, é só me contatar! — Belarmino respondeu, estendo a mão com um cartão.

Os dois se entreolharam e, por um momento, a amizade que os unia desde a infância se fortaleceu ainda mais.

— Então, vamos tomar uma cerveja? — sugeriu Leandro, mudando de assunto. — Para celebrar nossos trabalhos!

— Com certeza! E nada de ultrapassar os limites do cemitério, hein? — Belarmino disse, enquanto os dois caminhavam em direção à saída.

A cerveja que Leandro e Belarmino escolheram era uma artesanal local chamada "Pira Pura". Servida em canecos de vidro gelado, sua cor âmbar brilhante refletia a luz da lua, criando um brilho dourado que parecia dançar entre as bolhas.

Leandro e Belarmino estavam sentados em uma mesa de madeira rústica, com os canecos de "PiraPura" à frente. A conversa começou a fluir naturalmente, acompanhada de risadas.

Leandro começou a contar casos que ocorreram com ele: “Houve uma vez em que um cliente pediu um caixão "temático", sabia? Ele queria um que parecesse uma guitarra!”

— Ah, claro, lembro vagamente! E você acabou fazendo um caixão que mais parecia um palco de rock! O cara deveria ter sido enterrado com um microfone! (Fingindo ser solene) "Aqui jaz o grande roqueiro, que nunca parou de tocar até o fim!" E o que foi aquele funeral? Todo mundo dançando e batendo cabeça ao som de "Highway to Hell"!

Ambos riram muito.

Leandro abrindo os braços disse: "Foi o primeiro enterro que eu vi ser animado! Aposto que até as almas estavam batendo palmas! Mas teve uma vez que eu fui fazer uma visita a um cemitério onde um "cliente" pediu para ser cremado com seu gato. Fui até lá e, surpresa! O gato estava mais vivo que nunca!"

— O que você fez? Deu um jeito de convencer o gato a entrar no caixão? - disse, rindo.

— Até que tentei convencer o gato, ele simplesmente se recusou a entrar, deu um miado e sumiu de vista.

— É, gato é um bicho complicado. Eles têm um senso de sobrevivência bem apurado!" – disse Belarmino, rindo.

— E você, Belarmino? Alguma história engraçada das suas vendas de bugigangas?

— Ah, teve uma vez que eu tentei vender chapéus de palha em uma feira. Um cliente pegou um e disse: "Esse chapéu é tão bonito que me faz parecer rico!" E eu respondi: "Se você comprar dois, eu garanto que você vai parecer um milionário!"

Leandro rindo: "E o que aconteceu? O cara comprou dois?"

— Não! Ele ficou tão distraído que saiu correndo e deixou o chapéu pra trás!

Leandro se divertindo: "Então você se tornou o primeiro vendedor a vender chapéus invisíveis!"

— Exatamente! E ainda consegui um novo slogan: 'Se você não vê, é porque é caro!'

Os dois gargalharam, e a cerveja "Pira Pura" descia suave, acompanhada de histórias que só reforçavam a amizade deles.

Leandro levantando o caneco: Às nossas aventuras! Que venham mais histórias malucas!

— E que cada caneco venha cheio de boas risadas! Saúde!

Os canecos se chocaram mais uma vez, ecoando na noite, enquanto eles continuavam a compartilhar suas memórias hilárias, cada gole de cerveja trazendo à tona mais risadas e lembranças.

E assim, sob a luz da lua e com risadas ecoando pelo cemitério, Leandro e Belarmino se afastaram, cada um com suas peculiaridades, mas unidos pela amizade que transcendia até mesmo a linha da vida e da morte.

Abelardo e Azeitona

José Feldman

Abelardo sempre foi um homem solitário, mas sua vida ganhou um novo significado quando decidiu adotar um cachorro de rua. Ele o chamou de Azeitona, um nome que refletia tanto a cor do pelo do animal quanto sua personalidade travessa. Desde filhote, Azeitona se tornou o melhor amigo de Abelardo, acompanhando-o em todas as suas aventuras e se tornando parte de sua rotina.

Os dois eram inseparáveis. Todos os dias, ao amanhecer, eles se dirigiam ao parque da cidade, onde Azeitona corria livremente, brincando com outros cães e perseguindo folhas que voavam com o vento. O parque era um refúgio para Abelardo, um lugar onde ele se sentia em paz, cercado pela natureza e pela alegria de seu fiel amigo.

Certa tarde, como de costume, Abelardo decidiu fazer uma pausa em um dos bancos do parque. O dia estava ensolarado e calmo. Ele observou Azeitona brincar com uma bolinha que havia trazido, rindo com a energia do cão. Mas, em um momento de distração, ele fechou os olhos e deixou-se levar pela brisa suave. Quando os abriu, Azeitona havia desaparecido.

O coração de Abelardo disparou. "Azeitona!" ele chamou, mas o silêncio do parque respondeu apenas com o farfalhar

das folhas. Ele se levantou rapidamente, o desespero tomando conta de seu peito. Começou a procurar, chamando pelo nome do cachorro, perguntando a todos que encontrava pelo caminho se haviam visto seu amigo. Cada resposta negativa parecia um golpe, e a angústia crescia a cada segundo.

Percorreu o parque em busca de Azeitona, passando por caminhos que nunca havia explorado. Ele se sentia perdido, não apenas em relação ao espaço, mas também em sua própria esperança. Horas se passaram, e a luz do sol começou a se pôr, colorindo o céu com tons de laranja e rosa, mas isso não trazia conforto.

Do outro lado do parque, Azeitona também estava angustiado. Ele havia se afastado, atraído por um grupo de crianças que brincavam com uma bola. Quando percebeu que seu dono havia desaparecido, entrou em pânico. Correu por arbustos e trilhas desconhecidas, chamando por Abelardo, mas não conseguia encontrá-lo. O desespero tomou conta do pequeno cão, que começou a ganir, ecoando sua tristeza.

Finalmente, após horas de busca, Abelardo ouviu um som familiar. Era um ganido fraco, mas cheio de desespero. Seu coração se encheu de esperança. Ele seguiu a direção do som e, ao virar uma esquina, avistou Azeitona, encolhido em um canto, tremendo de medo.

Os olhos de Abelardo se encheram de lágrimas. Ele correu até Azeitona, que o reconheceu instantaneamente. O cachorro saltou para os braços do homem, abanando o rabo com toda a força que tinha, como se quisesse compensar cada segundo em que estiveram separados. Abelardo o abraçou com força, sentindo a suavidade do pelo e o calor do corpo de Azeitona.

"Eu pensei que nunca mais te encontraria, meu amigo!" disse, a voz embargada pela emoção.

Azeitona, aliviado e feliz, lambeu o rosto de Abelardo, expressando toda a sua alegria. O rabo do cachorro balançava freneticamente, quase parecendo um chicote, e Abelardo não pôde deixar de rir.

"Vai devagar com este rabo, parece um chicote!" brincou ele, enquanto algumas pessoas que haviam se juntado à busca também riam e se emocionavam com o reencontro.

O parque, que antes parecia um labirinto de incertezas, agora se enchia de alegria. Abelardo e Azeitona estavam juntos novamente, e isso era tudo o que importava. A amizade entre eles se fortalecia ainda mais naquele momento. Agradecendo a todos que o ajudaram, Abelardo se sentiu grato, não apenas por ter encontrado seu amigo, mas também pela solidariedade que o cercava.

Os anos passaram, e a relação entre Abelardo e Azeitona se aprofundou. O parque, que uma vez foi o cenário de seu reencontro emocionante, tornou-se o palco de muitas memórias: corridas alegres, piqueniques sob a sombra das árvores e longas caminhadas ao pôr do sol. Abelardo observou Azeitona crescer, seu pelo escurecendo e suas patas se tornando mais lentas. No entanto, o brilho nos olhos do cão nunca se apagou.

Com o passar do tempo, Abelardo também sentiu os efeitos da idade. Seus cabelos, antes escuros, agora eram salpicados de grisalhos, e sua energia não era mais a mesma. Mas a presença de Azeitona ao seu lado sempre o animava. O cachorro parecia entender quando Abelardo estava cansado, fazendo questão de parar e descansar um pouco, como se quisesse preservar cada momento juntos.

Certa manhã, enquanto caminhavam pelo parque, Abelardo se sentou em um banco, observando o movimento ao seu redor. As crianças brincavam, os casais passeavam de mãos dadas, e os pássaros cantavam nas árvores. Ele olhou para Azeitona, que se deitou ao seu lado, com a cabeça apoiada nas patas dianteiras. Era um momento simples, mas cheio de significado.

"Azeitona, você sempre esteve comigo, não é?" Abelardo disse, acariciando o pelo macio do cachorro. "Passamos por tantas coisas juntos."

O cão levantou a cabeça, olhando para Abelardo com seus olhos expressivos. Era como se ele entendesse cada palavra, cada sentimento. Azeitona lambeu a mão do homem, como se quisesse confortá-lo.

Com o tempo, as caminhadas se tornaram mais curtas. Azeitona, agora um velho amigo, preferia explorar os pequenos caminhos do parque, cheirando cada cantinho e apreciando a brisa suave. Abelardo, por sua vez, começou a notar que a energia de seu fiel companheiro estava diminuindo. As corridas alegres foram substituídas por caminhadas lentas e contemplativas.

Certa tarde, enquanto se sentavam juntos em seu banco favorito, Abelardo sentiu uma pontada de tristeza. Ele sabia que o tempo era implacável e que cada dia que passava era precioso. Olhando Azeitona, ele percebeu que o cachorro havia se tornado mais do que um amigo; era uma parte de sua alma.

"Eu prometo que vou cuidar de você para sempre, Azeitona," ele disse, a voz embargada. "Você é a melhor parte da minha vida."

Nos meses seguintes, Abelardo fez tudo o que pôde para tornar os dias de Azeitona confortáveis. Ele comprou cobertores macios e petiscos especiais, e sempre que possível, tentava levar o cachorro ao parque. A amizade

deles era uma fonte de força, e mesmo nos dias mais difíceis, o amor que compartilhavam iluminava suas vidas.

Certa manhã, enquanto o sol nascia, Abelardo acordou e percebeu que Azeitona não estava ao seu lado. Um frio na barriga tomou conta dele. Ele se levantou e procurou por toda a casa, até que encontrou seu querido cão deitado em sua cama, respirando calmamente, mas com um olhar distante. Abelardo se ajoelhou ao lado dele, acariciando sua cabeça.

"Oi, meu velho amigo," disse Abelardo, a voz trêmula. "Eu estou aqui."

Azeitona levantou a cabeça lentamente, reconhecendo a presença de seu dono. Abelardo sentiu uma onda de nostalgia ao recordar todos os momentos que compartilharam. Ele se lembrou das corridas no parque, das risadas, e da profunda conexão que formaram ao longo dos anos.

Naquele instante, Abelardo decidiu que faria daquele dia um dia especial. Ele preparou um piquenique com os petiscos favoritos de Azeitona e os levou para o parque. Sentaram-se juntos sob a sombra de uma árvore, e Abelardo compartilhou histórias de suas aventuras, como se o tempo tivesse parado.

"Você sempre foi meu melhor amigo, Azeitona," ele disse, olhando nos olhos do cachorro. "E sempre será."

Enquanto o sol se punha, Abelardo percebeu que a luz nos olhos de Azeitona estava começando a se apagar. O amor que compartilhavam era eterno, e ele sabia que, não importava o que acontecesse, Azeitona sempre estaria em seu coração.

Uma onda de tristeza envolveu Abelardo. O peso do tempo, das memórias e da iminente perda o atingiu como um soco no estômago. O amor que sentia por aquele cachorro era tão profundo que parecia quase insuportável.

"Eu não sei o que vou fazer sem você," ele murmurou, a voz tremendo. "Você é tudo para mim."

A tristeza começou a se transformar em um nó apertado no peito, e Abelardo sentiu seu coração disparar. Ele tentou ignorar, mas a sensação era esmagadora. O desespero de perder Azeitona era tão intenso que ele se viu lutando para respirar.

"Por favor, não me deixe," implorou, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto.

Nesse momento, a dor se intensificou, e, de repente, Abelardo caiu para trás, o coração não suportou a carga emocional. Ele caiu no chão, ainda segurando Azeitona em seus braços, o cachorro imediatamente percebendo a

mudança. Azeitona lambeu o rosto de Abelardo, como se tentasse acordá-lo, mas o homem não respondeu.

Naquela entardecer, enquanto a lua começava a iluminar o céu, Azeitona fechou os olhos pela última vez, com a cabeça apoiada no colo de Abelardo.

O parque, antes cheio de vida, silenciou. As risadas e os sons da natureza se tornaram um eco distante. As pessoas que passavam notaram a cena e correram em direção a Abelardo, mas era tarde demais. O amor incondicional que unia os dois havia se tornado um laço eterno, selado naquele último abraço.

As lágrimas começaram a cair dos rostos dos que assistiam à cena, muitos lembrando-se de seus próprios amores e perdas. Era um momento de profunda conexão, uma lembrança de que, mesmo em sua fragilidade, o amor pode ser uma força poderosa e transformadora.

Para aqueles que testemunharam a cena, nada seria igual. A história de Abelardo e Azeitona se tornaria uma lenda local, um exemplo de amor puro e incondicional que transcendeu a barreira entre o homem e o animal, mostrando que, mesmo em sua diferença, eles eram iguais na profundidade de seus sentimentos.

E assim, juntos, eles deixaram este mundo — um em um último suspiro em um amor que nunca morreria. O parque, repleto de memórias, agora guardaria para sempre a essência daquele amor imenso, imortalizado no coração de todos que tiveram a sorte de conhecer a história de Abelardo e Azeitona.

O sol dentro de mim

José Feldman

Texto construído tendo por base a trova da Magnífica Trovadora Therezinha Dieguez Brisolla (São Paulo/SP)

Se vejo o mundo às escuras,
embarco em meu sonho...e assim,
subo a escada e, nas alturas,
acendo um sol para mim!

Em uma manhã nublada, na pequena cidade de Luzemar, onde o céu parecia sempre um pouco mais cinza do que o desejado, um homem chamado Vicente caminhava pelas ruas, refletindo sobre a vida. Ele sempre fora um sonhador, alguém que via o mundo através de uma lente cheia de cores, mesmo quando tudo ao seu redor parecia

desbotado. Vicente acreditava que, por trás das nuvens, havia sempre um sol esperando para brilhar.

Aquela manhã, como muitas outras, começou com uma sensação de opressão no peito. O dia estava triste, e os habitantes da cidade pareciam carregar um peso invisível. As crianças brincavam, mas suas risadas não tinham o mesmo brilho de antes. Os adultos passavam apressados, os rostos fechados e os olhos perdidos em suas preocupações.

Vicente, porém, tinha um talento especial: ele conseguia transformar a escuridão em luz. E foi assim que, ao passar por uma escada que levava ao parque da cidade, decidiu que era hora de acender seu próprio sol.

Ele subiu os degraus com a determinação de quem sabe que há algo maior à sua espera. A escada, antiga e cheia de histórias, parecia resistir ao tempo. Cada passo era como uma pequena vitória contra a melancolia que o cercava.

Chegando ao topo, Vicente olhou ao redor: o parque, mesmo sob o céu nublado, tinha uma beleza particular. As árvores dançavam suavemente ao vento e as flores, apesar da falta de sol, exalavam um perfume doce.

Vicente respirou fundo e fechou os olhos. Ele se lembrou da trova que costumava de sua mãe: "Se vejo o mundo às escuras, embarco em meu sonho... e assim, subo a escada e, nas alturas, acendo um sol para mim!" Essas palavras ressoaram em sua mente, como um mantra que o encorajava a buscar a luz dentro de si.

Decidido a espalhar essa luz, Vicente começou a cantar. A princípio, sua voz era suave, quase como um sussurro. Mas, à medida que se sentia mais à vontade, sua canção se transformou em um hino de alegria.

Ele cantava sobre sonhos, sobre a beleza do mundo e sobre a esperança que sempre renasce, mesmo nas horas mais sombrias. A melodia flutuava pelo ar, como uma brisa leve, e aos poucos, começou a atrair a atenção dos passantes.

As pessoas pararam e começaram a olhar. Um a um, foram se juntando a Vicente. Algumas crianças, curiosas, se aproximaram e começaram a dançar. Os adultos, inicialmente hesitantes, não demoraram a se deixar levar pela música. A atmosfera pesada que envolvia Luzemar começou a dissipar-se. Os rostos, antes fechados, foram se iluminando, e os olhos ganharam um brilho que há muito não se via.

Vicente percebeu que havia acendido algo muito maior do que um simples sol. Ele havia reacendido a chama da comunidade. As pessoas começaram a compartilhar histórias, risadas e até mesmo suas preocupações. O

parque, que antes parecia um lugar esquecido, transformou-se em um espaço de união.

Enquanto a tarde avançava, o céu nublado começou a se abrir. Raios de sol começaram a penetrar as nuvens, como se o próprio universo estivesse respondendo àquela explosão de alegria. Vicente, com um sorriso no rosto, olhou para cima e viu que, embora o mundo estivesse às escuras, havia sempre uma luz a ser encontrada, mesmo que fosse dentro de nós mesmos.

O dia que começou triste se transformou em uma celebração da vida. Vicente, com sua voz e seu sonho, acendeu um sol que não só iluminou seu coração, mas também trouxe calor e vida a todos ao seu redor. Naquele momento, ele percebeu que a verdadeira magia não estava em mudar o mundo, mas em inspirar outros a encontrar a luz que já existia dentro deles.

Ao final da tarde, enquanto o sol se punha no horizonte, Vicente desceu a escada com um novo propósito. Ele sabia que as nuvens poderiam voltar, que os dias sombrios fariam parte da vida. Mas, com a experiência daquela tarde, ele também aprendeu que, mesmo nas horas mais difíceis, sempre poderia subir a escada do sonho e acender um sol para si e para os outros.

E assim, entre risos e canções, Luzemar voltou a brilhar, não apenas com a luz do sol físico, mas com a luz da esperança e da união. Vicente, agora mais do que um sonhador, tornou-se um verdadeiro farol para sua comunidade, mostrando que, às vezes, tudo o que precisamos é de coragem para subir as escadas e acender nossos próprios sóis.

O lamento da terra

José Feldman

Texto construído tendo por base a trova de José Lucas de Barros (Serra Negra do Norte/RN, 1934 – 2015, Natal/RN)

Viram cinza os verdes braços
de árvores tão bem formadas
e a terra morre aos pedaços
por onde vão as queimadas!

Na pequena cidade de Verdeluz, onde a natureza sempre foi a protagonista, o verde das árvores e o canto dos pássaros formavam uma sinfonia que encantava a todos. As colinas eram cobertas por florestas densas, e os rios serpenteavam alegremente, trazendo vida e frescor ao ambiente. No entanto, nos últimos anos, algo sombrio começou a se espalhar por aquelas terras outrora vibrantes.

Os moradores de Verdeluz, sempre em harmonia com a natureza, notaram que as árvores, antes exuberantes e saudáveis, começaram a perder seu brilho. "Viram cinza os verdes braços de árvores tão bem formadas", murmuravam os mais velhos, enquanto as crianças, sem

entender a profundidade da tristeza, brincavam entre os troncos que começavam a se tornar estéreis. A terra, que um dia parecia pulsar com vida, agora mostrava sinais de cansaço e desespero.

O responsável por essa transformação drástica era a prática das queimadas. A busca desenfreada por terras para cultivo e pastagem levou muitos a incendiar áreas florestais, sem considerar as consequências. As chamas consumiam tudo em seu caminho, deixando atrás de si uma paisagem desoladora, uma cicatriz permanente na terra que nutria a vida.

"A terra morre aos pedaços por onde vão as queimadas", pensava Ana, uma jovem ativista local que sempre se preocupou com o meio ambiente.

Ana cresceu em Verdeluz e tinha uma conexão profunda com a natureza. Desde criança, costumava passar horas explorando as florestas, aprendendo sobre plantas e animais, e sonhando em um dia se tornar uma defensora da Terra. Ao ver a devastação ao seu redor, ela sentiu que precisava agir. Com o apoio de alguns amigos, decidiu organizar uma campanha de conscientização sobre a preservação da floresta.

Com cartazes coloridos, encontros comunitários e palestras, Ana e seu grupo começaram a mobilizar a população. Eles contavam histórias sobre a importância das árvores, não apenas como provedores de madeira e sombra, mas como guardiãs de um ecossistema que sustentava a vida. A cada reunião, mais pessoas se juntavam à causa, unindo forças para tentar reverter o cenário trágico.

Certa tarde, enquanto caminhava pela floresta, Ana encontrou um velho sábio, conhecido por todos como o Guardião da Floresta. Ele estava sentado sob uma árvore imponente, cujos galhos pareciam tocar o céu.

"Você trouxe um peso grande em seu coração, minha jovem", ele disse, olhando nos olhos dela.

Ana se sentou ao seu lado e desabafou sobre suas preocupações. "Sinto que estamos perdendo nossa casa. As queimadas estão destruindo tudo e ninguém parece se importar."

O velho sorriu, mas havia tristeza em seu olhar.

"A natureza sempre encontrará uma forma de se regenerar, mas precisamos cuidar dela com amor e respeito. As árvores têm uma sabedoria que muitas vezes ignoramos", respondeu ele. "Viram cinza os verdes braços, mas se você reacender a esperança, pode fazer com que voltem a florescer."

Inspirada pelas palavras do Guardião, Ana decidiu que era hora de agir de forma mais intensa. Com a ajuda da

comunidade, organizaram um grande evento: o Festival da Reflorestação. Seria um dia de celebração, conscientização e, principalmente, plantio de árvores. O evento atraiu a atenção de muitos, e pessoas de várias partes da cidade se uniram à causa.

No dia do festival, a atmosfera era mágica. Músicos tocavam, crianças corriam com sorrisos iluminados, e os adultos se preparavam para plantar novas árvores. Ana sentiu que a esperança estava renascendo naquelas pequenas mãos que seguravam mudas de árvores. Ela viu ali uma nova geração disposta a lutar pelo que é certo.

Com cada árvore plantada, Ana sentiu que a conexão com a terra se fortalecia. As raízes que se entranhavam na terra eram como promessas de um futuro mais verde. "Juntos, podemos mudar o curso da história", ela dizia para todos os que se reuniam ao seu redor. "Cada árvore que plantamos é um passo em direção à cura da nossa terra."

Os meses se passaram, e o que começou como um pequeno movimento cresceu. As árvores plantadas começaram a brotar, e a vida retornou lentamente às áreas que haviam sido devastadas. As pessoas começaram a perceber a importância de cuidar da natureza, e a consciência coletiva despertou para a necessidade de preservar o que restava.

Certa manhã, ao acordar e olhar pela janela, Ana viu que a floresta estava mais vibrante do que nunca. As árvores, que antes pareciam tristes e cinzentas, agora exibiam uma nova folhagem, como se dançassem ao vento, agradecendo por terem sido resgatadas.

"A terra não morre, ela se transforma", pensou Ana, sentindo uma onda de gratidão.

O Guardião da Floresta apareceu novamente, e Ana correu até ele.

"Olhe para o que conseguimos fazer!", exclamou, cheia de alegria.

O velho sorriu, seus olhos brilhando. "Vocês reacenderam a luz que havia se apagado. Mas lembre-se, a luta é contínua. A proteção da natureza é uma jornada, não um destino."

E assim, em Verdeluz, a luta pela preservação se tornou uma parte da vida cotidiana. As queimadas diminuíram, e a floresta começou a se recuperar. A comunidade aprendeu que a beleza da natureza não é apenas um presente, mas uma responsabilidade. Pois onde a sombra cobre e embaça, ainda há esperança, e cada gesto de cuidado pode reacender a luz que ilumina a vida da Terra.

A verdadeira face

Texto construído tendo por base a trova de Filemon Martins (São Paulo/SP)

Da vida não quero a glória
que tanto engana e seduz.
Prefiro não ter história
a renunciar minha cruz.

Na pequena vila de São Lázaro, onde as montanhas se erguiam majestosas e os rios cantavam em seu leito, vivia um homem chamado Elias. Ele era um camponês simples, conhecido por sua generosidade e pela serenidade que exalava. Enquanto os outros aldeões se deixavam levar pela busca incessante por fama e riqueza, Elias se

dedicava a cultivar sua horta e cuidar de sua família. Para ele, a vida era uma jornada de aprendizado, e não uma corrida em busca de reconhecimento.

Certa vez, durante uma festa na aldeia, um viajante chegou, trazendo consigo histórias de grandes conquistas e glórias. Ele falava de palácios, tesouros e da admiração que recebia por onde passava. Os aldeões, fascinados, rodearam o homem e deixaram de lado suas atividades cotidianas. O viajante, percebendo a atenção que atraía, começou a incitar a ambição nas pessoas, sugerindo que a vida sem glória era uma vida sem valor.

Elias, que observava em silêncio, sentiu um desconforto crescente. Ele conhecia as armadilhas que a busca pela glória podia trazer. Não era a fama que deixava marcas na alma, mas a vivência honesta e autêntica de cada dia. Ao final do evento, ele se aproximou do viajante e, com um olhar calmo, disse: "Da vida não quero a glória que tanto engana e seduz. Prefiro não ter história a renunciar minha cruz."

O viajante riu, achando que o camponês falava de maneira ingênua.

"Como pode não querer ser lembrado? A história é o que nos torna imortais!"

Elias, porém, não se deixou abalar. Ele sabia que a verdadeira imortalidade não estava em ser lembrado, mas em deixar uma marca no coração das pessoas ao seu redor, por meio de ações simples e significativas.

Com o passar dos dias, o viajante decidiu ficar na aldeia, convencendo alguns moradores a se juntarem a ele em sua busca por riqueza e fama. Prometeu que, juntos, poderiam conquistar o mundo e ser lembrados por gerações. Muitos se deixaram seduzir por suas promessas, abandonando suas terras e suas tradições em busca de um futuro glorioso.

Enquanto isso, Elias continuou sua vida simples, cuidando de sua horta e ajudando os vizinhos. Ele não se importava com o que os outros pensavam, pois sabia que a verdadeira felicidade residia nas pequenas coisas: o canto dos pássaros, o crescimento das plantas, o riso de uma criança. Ele carregava em seu coração o peso da cruz, mas essa cruz, longe de ser um fardo, era um símbolo de sua resiliência e de sua conexão com a vida.

O tempo passou e o viajante, junto com seus seguidores, partiu em busca de aventuras. Prometeu voltar com riquezas e histórias que deixariam todos deslumbrados. No entanto, meses se passaram sem notícias, e a vida na aldeia continuou seu curso. Aqueles que deixaram suas

raízes começaram a sentir a falta do lar, da simplicidade e do calor humano que haviam abandonado.

Um dia, após um ano de ausência, o viajante voltou, mas não como um herói. Ele apareceu desolado, com roupas rasgadas e o olhar vazio. Os que estavam com ele o seguiam, mas seus rostos eram marcados pela fadiga e pela desilusão. O que havia prometido se revelou uma ilusão: a busca pela glória os levou a um caminho de frustração e solidão.

Elias, ao ver o viajante em tal estado, sentiu compaixão. Ele se aproximou e ofereceu-lhe água e comida. "A vida é um ciclo, e às vezes as escolhas que fazemos nos ensinam lições difíceis", disse Elias. O viajante, agora sem palavras de bravura, apenas assentiu, compreendendo a profundidade do que o camponês havia tentado lhe ensinar desde o início.

Aqueles que retornaram com o viajante, ao observar a simplicidade da vida de Elias, começaram a perceber o valor que havia em suas ações cotidianas. Eles se sentaram ao seu redor e ouviram suas histórias sobre como, mesmo sem fama, ele tocava a vida das pessoas ao seu redor. Ele falava sobre a importância de estar presente para os outros, de cultivar relacionamentos e de encontrar beleza nas pequenas coisas.

Com o tempo, a aldeia se transformou. As pessoas começaram a valorizar o que realmente importava: a comunidade, a solidariedade e a autenticidade. A busca pela glória deu lugar a um desejo de ser útil e de viver com propósito. A vida de Elias se tornou um exemplo, não de fama, mas de integridade.

O viajante, que antes acreditava que a glória era tudo, começou a entender que a verdadeira riqueza estava nas conexões que se formam ao longo da vida. Ele se tornou um contador de histórias, mas agora suas histórias eram sobre humildade, aprendizado e a beleza de uma vida bem vivida.

Elias, por sua vez, continuou a viver de acordo com suas convicções. Ele nunca se preocupou em deixar uma grande história como legado. Para ele, o que realmente importava era o amor que compartilhava e o impacto que tinha nas vidas ao seu redor. Ao final de seus dias, ele partiu em paz, sabendo que havia vivido plenamente, sem renunciar à sua cruz, mas sim abraçando-a como parte essencial de sua jornada.

E assim, na pequena vila de São Lázaro, a verdadeira glória não estava nas histórias grandiosas, mas nas vidas que foram tocadas pela simplicidade, pela bondade e pela autenticidade de um homem que preferiu não se deixar seduzir pelas ilusões da fama.

O menino e o natal

José Feldman

Numa cidade pequena, a véspera de Natal trazia consigo um misto de alegria e consumismo. As lojas estavam repletas de pessoas, as vitrinas decoradas com presentes brilhantes e árvores de Natal exuberantes. Enquanto a cidade se enchia de luzes e risos, um garoto de rua, chamado Lúcio, caminhava pelas calçadas, observando tudo com um olhar distante.

Ele tinha apenas doze anos e, desde muito pequeno, aprendera a sobreviver nas ruas. A vida não lhe oferecera muitas opções; a família se desfez e ele se viu sozinho, enfrentando a frieza do asfalto e a indiferença de quem passava. No entanto, o espírito do Natal ainda conseguia penetrar em seu coração, mesmo que de forma tímida.

Naquela tarde, enquanto caminhava pela rua principal, Lúcio parou em frente a uma loja de brinquedos. A vitrine estava repleta de jogos, bonecas e carrinhos, todos brilhando sob a luz artificial. Ele se lembrou de quando era pequeno e sonhava em ter um carrinho de controle remoto, um presente que nunca pôde ter. Observando as crianças rindo e escolhendo presentes, sentiu uma pontada de tristeza, mas também um fio de esperança.

Enquanto pensava nisso, um grupo de crianças ricas passou perto dele, rindo e falando sobre suas expectativas para o Natal. Lúcio tentou não ouvir, mas as palavras chegaram até ele como um eco distante. "Eu quero uma bicicleta!", disse uma menina. "Eu quero o último modelo do console!", gritou outro. Ele apenas suspirou, lembrando-se de que, para ele, o Natal era apenas mais um dia, a não ser pelo cheiro de comida que emanava das casas.

Decidido a não se deixar abater, se afastou da loja e caminhou até a praça central, onde um grande pinheiro estava enfeitado. As luzes piscavam, e havia um ar de celebração no ar. Ele se sentou em um banco, observando as pessoas que passavam, algumas com sacolas cheias de presentes, outras abraçando seus entes queridos. O menino se sentiu um intruso, mas algo dentro dele não queria sair dali. Queria, pelo menos, sentir um pouco da magia do Natal.

Enquanto estava ali, uma mulher idosa se aproximou. Ela carregava um grande saco de presentes e parecia estar em busca de algo. Ao vê-lo sentado sozinho, parou e sorriu.

— Olá, meu jovem! — disse ela com uma voz suave. — O que faz aqui sozinho na véspera de Natal?

Lúcio hesitou, mas a bondade daquela mulher o encorajou a falar.

— Eu só estou... olhando — respondeu ele, tentando esconder a tristeza.

A mulher percebeu a sinceridade e a tristeza em seus olhos. Com um gesto gentil, ela se sentou ao seu lado.

— Sabe, querido, o Natal é uma época de compartilhar. Você não gostaria de ter um presente? — perguntou, com um brilho nos olhos.

Lúcio ficou surpreso. Para ele, a ideia de ganhar um presente parecia um sonho distante. A mulher, percebendo sua hesitação, continuou.

— Todos merecem um pouco de alegria nesta época. Venha, vamos encontrar algo para você.

Ela se levantou e puxou Lúcio, que, após um momento de dúvida, a seguiu. Juntos, eles foram até uma pequena barraca que vendia doces e lanches. A mulher comprou um pacote de bolachas e um suco para o garoto.

— Aqui, isso é para você! — disse ela, com um sorriso caloroso.

Lúcio agarrou o pacote, os olhos brilhando de gratidão. Nunca pensou que alguém faria algo tão gentil por ele. Enquanto comia, a mulher começou a contar histórias sobre seus Natais passados, sobre a importância da generosidade e do amor. Ele ouvia atentamente, sentindo-se acolhido por aquelas palavras.

Após um tempo, a mulher olhou para ele e disse:

— Você sabe, meu querido, o Natal é mais do que presentes. É sobre estar junto, sobre compartilhar momentos e espalhar amor. Você tem alguém com quem passar o Natal?

Lúcio balançou a cabeça, sentindo a solidão pesar sobre ele. A mulher sorriu com tristeza, mas logo teve uma ideia.

— Que tal você passar o Natal comigo e minha família? Nós sempre temos um lugar à mesa para alguém que precisa de companhia.

Lúcio ficou sem palavras. Aquela oferta era um presente que jamais esperava ganhar. Ele nunca imaginou que poderia ter um Natal com uma família. O coração dele se encheu de esperança e alegria.

Naquela noite, Lúcio foi para a casa da mulher. Ele se encontrou cercado por uma família calorosa, onde as risadas e as histórias fluíam. A mesa estava cheia de comida deliciosa, e ele se sentiu parte de algo muito maior do que ele mesmo.

Os presentes foram trocados, mas o que mais tocou Lúcio foi a sensação de fazer parte de algo. Ele percebeu que, mesmo na solidão, havia esperança. O amor e a generosidade daquela mulher mudaram seu Natal para sempre.

Ao final da noite, Lúcio olhou para o céu estrelado e fez um pedido silencioso: que aquele espírito de amor e união pudesse acompanhá-lo não apenas no Natal, mas em todos os dias de sua vida. E, pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu que não estava sozinho. O Natal, para ele, havia se transformado em um símbolo de renovação e esperança.

O café da tarde

José Feldman

Era uma tarde ensolarada em Londrina/PR, e Luana decidiu visitar seu avô, Seu Afonso, que morava em um pequeno apartamento no centro da cidade. Ele sempre tinha histórias fascinantes sobre o passado, e Luana adorava ouvi-las. Ao chegar, encontrou-o sentado à mesa, tomando café e lendo um jornal antigo.

— Oi, vovô! — Luana disse, sorrindo ao entrar. — O que você está lendo?

— Ah, minha neta! — Ele respondeu, levantando os olhos. — Estou vendo as notícias de antigamente. Olha isso aqui, um anúncio de um carro que custava menos que um salário mínimo!

Luana se aproximou, interessada. — Uau, como as coisas mudaram, né? Hoje em dia, um carro é quase um sonho para muitos.

— É verdade. Na minha juventude, as pessoas sonhavam em ter um carro, mas o foco era diferente. A gente sonhava com pequenas coisas, como ter uma casa própria, uma família... — Seu Afonso disse, lembrando-se de tempos passados.

— E como eram esses sonhos, vovô? — Luana perguntou, sentando-se à mesa.

— Ah, os sonhos eram simples, mas cheios de significado. — Ele sorriu. — Eu queria estabilidade. O que importava era trabalhar duro e cuidar da família. Acredito que as pessoas valorizavam mais as relações pessoais.

— Hoje, parece que tudo é tão diferente. As pessoas estão mais focadas em ter sucesso rápido. — ela disse, balançando a cabeça. — Eu vejo meus amigos sempre correndo atrás de likes nas redes sociais.

— Likes? O que é isso? — Seu Afonso perguntou, franzindo a testa.

— É como uma forma de aprovação online. A gente posta fotos e o pessoal curte. — Luana explicou, meio envergonhada. — Mas às vezes fica parecendo que isso é mais importante do que viver as experiências de verdade.

— Sabe, Luana, na minha época, a gente valorizava mais o momento. Não ficávamos pensando em como os outros nos viam. — Seu Afonso disse, pensativo. — Acreditávamos que a felicidade estava nas coisas simples, como um passeio no parque ou um jantar em família.

— Isso é verdade, vovô. Mas hoje em dia, a pressão para ser "perfeito" é muito maior. — ela suspirou. — Todo mundo quer ser influencer, ter uma vida perfeita nas redes sociais.

— E o que é uma vida perfeita? — ele questionou, com um olhar curioso. — Na minha visão, a perfeição está nas imperfeições. Nas risadas, nas lágrimas, nas histórias que construímos juntos.

Ela sorriu, admirando a sabedoria do avô.

— Você sempre tem uma forma especial de ver as coisas, vovô. Mas às vezes sinto que a geração mais nova não se conecta como antes. Nossos relacionamentos são mais superficiais.

— É verdade, Luana. A tecnologia trouxe muitas facilidades, mas também uma certa solidão. — Seu Afonso concordou. — Lembro-me de quando nos reuníamos com amigos para jogar baralho ou contar histórias. Não havia distrações. As pessoas se ouviam.

— Isso faz falta. — ela admitiu. — Às vezes, quando estou com meus amigos, todos estão no celular, e parece que estamos todos juntos, mas, na verdade, cada um está em um mundo diferente.

— E o que você faz para mudar isso? — ele perguntou, interessado.

— Eu tento propor atividades que nos tirem do celular, como ir a um parque ou fazer um piquenique. — ela respondeu. — Mas é um desafio!

— Você está no caminho certo! — Ele elogiou. — É importante cultivar relações verdadeiras. E não esqueça de passar tempo com a família. As memórias que criamos juntos são inestimáveis.

Luana olhou nos olhos do avô e percebeu como ele valorizava esses momentos. — Eu quero aprender mais com você, vovô. Suas histórias são inspiradoras.

— E você ainda tem muito a ensinar também! — ele disse, com um sorriso. — A juventude de hoje é mais engajada em questões como meio ambiente e justiça social. Isso é admirável.

— É verdade! Nós nos preocupamos mais com o futuro do planeta. — ela afirmou. — Tentamos fazer a diferença, mesmo que seja pequena.

— Isso é excelente! — Ele exclamou. — Na minha juventude, lutávamos por direitos básicos, mas agora vocês têm uma luta mais ampla. É bom ver que a chama está acesa.

— Mas às vezes me sinto perdida. — Luana confessou. — Há tantas causas e tanta pressão para fazer a coisa certa.

— A vida é cheia de incertezas, minha neta. — Seu Afonso disse. — O importante é agir conforme suas convicções. E não se esqueça de cuidar de si mesma no processo. A jornada é tão importante quanto o destino.

— Você tem razão, vovô. Às vezes, me preocupo tanto com o futuro que esqueço de viver o presente. — ela refletiu.

— A vida é um equilíbrio. — Ele sorriu. — E lembre-se: você não precisa ter todas as respostas agora. O que importa é continuar aprendendo e crescendo.

Luana se levantou e foi até a janela, olhando para a cidade.

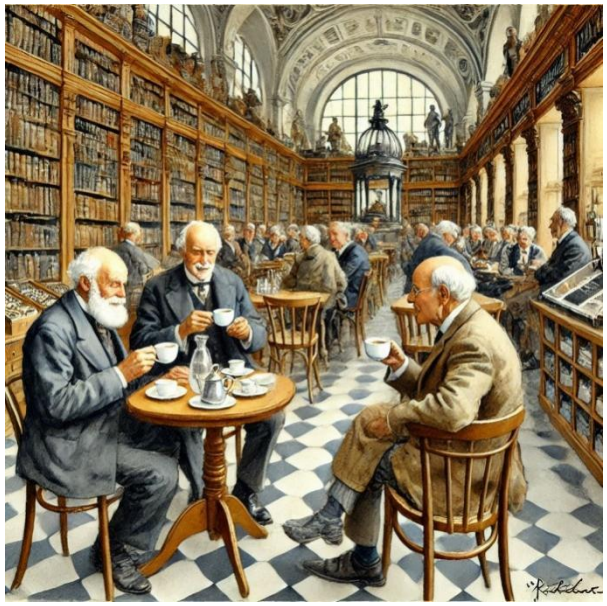
— Eu quero fazer a diferença, mas também quero aproveitar a vida, como você fez.

— E você pode! — Seu Afonso disse, levantando-se para ficar ao lado dela. — Encontre seu próprio caminho. E, acima de tudo, nunca perca a capacidade de se maravilhar com o mundo ao seu redor.

A tarde passou, e os dois continuaram conversando sobre vida, sonhos e diferenças entre as gerações. O café esvaziou, mas as ideias e as risadas encheram o ambiente. Luana sabia que, apesar das diferenças, havia um fio invisível que os unia: o amor e a vontade de aprender uns com os outros.

E assim, naquela tarde ensolarada, Luana e Seu Afonso descobriram que, embora as épocas fossem diferentes, as experiências e os sentimentos humanos permaneciam eternos e conectados, sempre prontos para serem compartilhados e celebrados.

O encontro de titãs



Em uma noite silenciosa e estrelada, uma biblioteca antiga repousava no coração da cidade, envolta em mistério e sabedoria. As prateleiras, repletas de volumes empoeirados, guardavam histórias que transcenderam o tempo. Enquanto o relógio soava a meia-noite, um fenômeno extraordinário começou a ocorrer.

Das páginas de um livro específico sobre escritores, três figuras icônicas começaram a emergir. Primeiro, Ernest Hemingway, de chapéu panamá e um olhar penetrante, apareceu com um copo de rum em uma mão. Logo depois, Jack London, robusto e cheio de energia, saiu do volume com um brilho nos olhos, seguido por Mark Twain, com seu característico paletó branco e um sorriso travesso.

Ernest Hemingway observou os dois escritores e, com um gesto de saudação, disse:

— Boa noite, amigos. Parece que a literatura nos trouxe a este lugar mágico.

Jack London, sempre entusiasmado, respondeu:

— É uma honra estar aqui. Acredito que estamos em uma biblioteca que guarda não apenas livros, mas também almas de escritores.

Mark Twain, com seu humor característico, completou:

— E que lugar melhor para um debate literário? Afinal, temos um velho marinheiro de Hemingway, um lobo do mar de London, e a sagacidade do Mississippi em mim.

Hemingway, percebendo a centelha de provocação no ar, sorriu e comentou:

— Falo de um velho que luta contra um mar indomável. "O Velho e o Mar" é a minha reflexão sobre a resistência humana. O que vocês acham?

London, cruzando os braços, respondeu:

— A luta é nobre, mas o que se pode aprender do velho? Ele é um símbolo, sem dúvida, mas a natureza é mais forte. Em "O Chamado Selvagem", mostro que a sobrevivência não é apenas uma questão de resistência, mas de adaptação.

Twain, divertindo-se com a discussão, interveio:

— Ah, mas não podemos esquecer que o velho representa todos nós. Ele é o arquétipo do homem em busca de significado. A luta é interna e externa, uma dança com o destino!

Hemingway franziu a testa:

— Concordo, mas a simplicidade da história é o que a torna poderosa. O mar é uma metáfora da vida, e o velho é um lutador solitário. O que há de errado em ser um herói em sua própria narrativa?

London, com seu espírito indomável, argumentou:

— O heroísmo é importante, mas e os que não têm a mesma sorte? Em minhas histórias, os personagens enfrentam a brutalidade da vida, e isso é tão verdadeiro quanto a luta do velho. A natureza não se importa com a coragem, e isso me fascina.

Twain, sempre o mediador, observou:

— Ambos têm razão. A luta do velho é uma batalha pessoal, mas não podemos ignorar o contexto. Todos nós somos moldados pelo nosso ambiente — seja o mar revolto ou a floresta implacável.

Hemingway, agora mais relaxado, começou a entender a perspectiva de seus novos amigos. Ele disse:

— Então, talvez a beleza da literatura esteja em como interpretamos a luta. Cada um de nós traz suas experiências para a narrativa. O velho, o lobo, o rio... todos são símbolos de algo maior.

Os três escritores, então, sentaram-se em uma mesa de madeira antiga, cercados por pilhas de livros. A conversa fluiu livremente, e as diferenças começaram a se dissolver sob a luz suave da biblioteca.

Twain concluiu:

— O que importa é que cada história ecoa em nós de maneiras diferentes. O velho e o mar falam de perseverança, enquanto o lobo e a floresta falam de instinto. As duas narrativas são igualmente válidas.

London assentiu, admirando a profundidade do pensamento de Twain:

— Exato! E no final, somos todos parte da mesma narrativa humana, lutando contra nossos mares pessoais.

Hemingway sorriu, levantando seu copo em um brinde:

— À literatura, que nos une mesmo após a morte. Que possamos sempre encontrar força nas palavras.

À medida que a primeira luz da manhã filtrava-se através das janelas da biblioteca, Hemingway, London e Twain se acomodaram, prontos para dar prosseguimento à sua conversa. O ar estava carregado de uma mistura de reflexão e expectativa.

Mark Twain, com um sorriso brincalhão, lançou:

— Já que falamos sobre luta e resistência, que tal discutirmos o papel da ironia na literatura? É um elemento que permeia muitas das minhas histórias. O que vocês acham?

Ernest Hemingway, ligeiramente intrigado, respondeu:

— A ironia pode ser uma faca de dois gumes. Em minha obra, eu prefiro a sinceridade bruta. Há uma beleza na simplicidade, na verdade nua, que não precisa de adornos.

Jack London, animado, interveio:

— Mas a ironia é uma ferramenta poderosa! Ela revela a hipocrisia da sociedade e a complexidade do ser humano. Em "O Lobo do Mar", a ironia da luta pela sobrevivência em um mundo tão cruel é palpável. É um reflexo da realidade.

Twain, acenando com a cabeça, concordou:

— Exato! A ironia nos permite rir das desgraças e nos faz refletir. É um espelho distorcido da vida que pode nos ensinar muito. Afinal, quem não ri de sua própria tragédia?

Hemingway ponderou sobre o que seus amigos estavam dizendo:

— Entendo o que vocês querem dizer. Mas não podemos esquecer que a ironia pode desviar o foco da luta real. Às vezes, o que precisamos é de uma narrativa direta, que inspire ação e coragem, como a jornada do velho.

London, com seu olhar penetrante, respondeu:

— Mas não é também uma forma de coragem enfrentar a realidade com ironia? Reconhecer as falhas do mundo e, ainda assim, seguir em frente? É uma forma de resistência em si.

Twain, agora mais sério, acrescentou:

— E a ironia permite que os leitores se conectem de uma maneira mais profunda. Eles veem a vida não apenas como um campo de batalha, mas como uma tapeçaria rica em nuances. Cada história é uma lição disfarçada.

Hemingway, refletindo sobre o que ouviu, finalmente disse:

— Então, talvez a ironia e a sinceridade não sejam opostas, mas complementares. Uma pode realçar a outra. Afinal, a vida é cheia de momentos em que rimos e choramos ao mesmo tempo.

London sorriu, satisfeito com a nova direção da conversa:

— Concordo! Cada um de nós traz suas próprias experiências à mesa, e isso enriquece nossas narrativas. A ironia é apenas uma das muitas formas de ver a luta humana.

Twain, com seu espírito provocador, finalizou:

— E no final, seja com ironia ou sinceridade, o que importa é que nossas histórias ressoem no coração das pessoas. Que elas inspirem, desafiem e, acima de tudo, façam refletir.

Os três escritores assentiram, sentindo a profundidade da conversa. A biblioteca, testemunha daquela troca rica em sabedoria, parecia vibrar com a energia criativa que emanava deles.

E assim, naquela biblioteca mágica, três titãs da literatura se uniram em um diálogo atemporal, celebrando a diversidade das narrativas e a beleza das lutas humanas.

Quando o sol começou a raiar, eles lentamente retornaram às páginas de seus livros, deixando para trás um eco de sabedoria que perduraria através das gerações.

A soleira do conhecimento

José Feldman

Nota: A ideia deste texto fictício partiu de uma conversa com um amigo escritor, de Monteiro Lobato/SP, Paulo Vieira Pinheiro (Paulo Vinheiro), daí só foi dar asas à imaginação.

Era uma manhã tranquila no sítio de Paulo, um homem de setenta anos que, após uma vida inteira de trabalho duro, finalmente havia encontrado um pouco de paz. O sol começava a despontar no horizonte, pintando o céu com tons de laranja e rosa. Ele se espreguiçou, sentindo a brisa fresca que entrava pela janela do seu quarto. A casa, rodeada por árvores frutíferas e o canto dos pássaros, parecia um santuário.

Sempre fora um homem curioso. Desde jovem, tinha um amor insaciável pelo conhecimento. Passava horas na biblioteca, devorando livros sobre história, ciência e filosofia. Agora, em sua aposentadoria, ele se dedicava ao cultivo da terra e à leitura, mas sempre havia uma inquietação dentro dele, um desejo de descobrir mais sobre o mundo e talvez até sobre si mesmo.

Naquela manhã, enquanto preparava seu café, olhou pela janela dos fundos e viu algo que nunca havia notado antes: uma luz suave emanava de um canto do quintal, perto da velha árvore de figo. Intrigado, ele decidiu investigar. Calçou suas botas e saiu, atravessando o gramado coberto de orvalho.

Ao se aproximar da árvore, a luz se intensificou, e uma sensação estranha começou a envolver Paulo. Era como se a atmosfera estivesse vibrando, pulsando com energia. Ele se agachou para examinar melhor e, de repente, notou uma pequena porta na base da árvore, quase imperceptível. Era uma porta de madeira antiga, com entalhes que pareciam contar histórias de tempos passados.

Com o coração acelerado, sentiu que aquele momento era especial. Ele estendeu a mão e abriu a porta. Ao cruzar a soleira, foi envolvido por uma luz brilhante e, em um instante, se viu em um lugar completamente diferente.

O que antes era o seu quintal agora se transformara em uma floresta mágica, cheia de árvores altíssimas e plantas que nunca havia visto. O céu era de um azul profundo, e nuvens flutuavam com formas curiosas. Sons melodiosos preenchiam o ar, vindos de criaturas que pareciam mais lendárias do que reais.

Paulo ficou atordoado, mas não sentiu medo. Ao contrário, sentiu uma onda de curiosidade percorrendo seu corpo. Ele começou a andar, admirando a beleza ao seu redor. As árvores sussurravam segredos, e o vento parecia guiá-lo. A cada passo, ele se sentia mais conectado a esse novo mundo.

Depois de caminhar por um tempo, encontrou um pequeno grupo de seres que pareciam humanos, mas com características etéreas. Seus olhos brilhavam com sabedoria, e suas vozes eram suaves como a brisa. Eles se apresentaram como os Sábios da Floresta, guardiões do conhecimento e da harmonia.

— Você veio em busca de algo, não é verdade? — perguntou um deles, com um sorriso gentil.

Paulo assentiu, sentindo-se á vontade. Ele explicou seu desejo de aprender, de entender mais sobre a vida e sobre si mesmo. Os Sábios trocaram olhares significativos e, em seguida, começaram a compartilhar com ele os segredos da natureza, da história do mundo e da essência do ser humano.

Os dias passaram como horas, e Paulo mergulhou em um universo de aprendizado. Ele aprendeu sobre as plantas que curam, sobre os ciclos da vida e da morte, e sobre a importância da conexão entre todos os seres. Os Sábios o ensinaram que o conhecimento não é apenas o que se lê em livros, mas também o que se vive, o que se sente.

Uma tarde, enquanto descansavam sob uma árvore centenária, um dos Sábios disse a Paulo:

— O conhecimento é uma jornada, não um destino. Cada experiência, cada amizade, cada dor, é uma peça do quebra-cabeça que compõe quem somos.

Paulo ouviu com atenção. Aquela frase ressoou dentro dele, como um eco de verdades que sempre soubera, mas nunca tivera a coragem de aceitar plenamente.

Após o que pareceu uma eternidade, percebeu que era hora de voltar. Ele havia adquirido sabedoria, mas também sentia saudade de sua vida no sítio, das pequenas coisas que o faziam feliz.

Os Sábios o acompanharam até a porta da árvore.

— Lembre-se, Paulo — disse uma sábia com olhos brilhantes —, você pode levar o conhecimento consigo. Mas nunca se esqueça de que a verdadeira sabedoria é vivida no dia a dia. Não tema as perguntas, pois elas são o caminho para novas descobertas.

Com um último olhar para aquele mundo mágico, Paulo atravessou a porta e retornou ao seu quintal. O sol ainda brilhava, mas algo havia mudado dentro dele. Ele olhou ao redor, sentindo a familiaridade do lugar, mas agora com uma nova perspectiva.

Nos dias que se seguiram, começou a aplicar o que aprendera. Ele passou a observar mais a natureza ao seu redor, a cuidar das plantas com um carinho renovado. Suas conversas com vizinhos e amigos tornaram-se mais significativas, e ele se interessou em compartilhar suas experiências.

Também começou a escrever um diário, registrando não apenas suas descobertas, mas as reflexões que surgiam de cada dia. Ele percebeu que o conhecimento não era algo que se acumulava em livros, mas uma vivência que se compartilhava.

Aquele homem de setenta anos, que um dia se sentiu perdido em meio às rotinas do dia a dia, agora caminhava com um brilho novo nos olhos. A soleira da árvore, que o levara a uma dimensão desconhecida, também o guiara a uma nova compreensão de si mesmo e do mundo.

Paulo sabia que, embora a vida fosse finita, a busca pelo conhecimento e pela conexão com o outro era eterna. E assim, ele viveu seus dias com a alma leve, coração aberto e mente curiosa, sempre pronto para aprender mais.

A beleza das pequenas coisas

José Feldman

Acordo com o som familiar do despertador, um pequeno aparelho que luta contra a gravidade da minha vontade de ficar na cama. Ao meu redor, a modernidade se faz presente: smartphones, tablets e uma infinidade de gadgets que tornam a vida mais prática, mas que, ao mesmo tempo, me fazem lembrar de um tempo em que a simplicidade era a regra e não a exceção.

Na minha infância, o despertador era um relógio que precisávamos dar corda manualmente. O ritual de acordar era cheio de sons e movimentos. Eu me lembro do cheiro do café fresco que minha mãe preparava na cozinha, enquanto o rádio tocava músicas que embalam a vida de uma forma mais lenta e reflexiva. A tecnologia avançou, mas também trouxe um ritmo apressado à vida. E, por mais que eu adore a conveniência do mundo moderno, não consigo esquecer as delícias do passado.

Quando olho pela janela, vejo a rua repleta de carros modernos, com suas formas aerodinâmicas e repletos de tecnologia.

A primeira vez que andei em um carro, era um fusca gelo, com seu motor barulhento e aquele cheiro característico de gasolina misturado com couro desgastado. O carro não tinha direção hidráulica, ar-condicionado ou, muito menos, assistente de estacionamento. Era uma experiência visceral, cheia de imperfeições que tornavam cada viagem única.

Hoje, os carros se tornaram verdadeiras máquinas. São equipados com telas sensíveis ao toque, sistemas de navegação e uma infinidade de recursos que prometem segurança e conforto. A tecnologia é impressionante, sem dúvida, mas sinto falta daquelas discussões acaloradas no caminho, dos engarrafamentos em que se contava histórias e se cantava músicas. O que era uma jornada simples se transformou em uma sequência de comandos e aplicativos, onde a interação humana parece ter diminuído.

As ruas, por sua vez, estão adquirindo carros elétricos que deslizam praticamente em silêncio. Enquanto isso, o barulho dos motores rugindo e o cheiro do escapamento dos carros antigos vão se tornando memórias distantes. A modernidade trouxe eficiência e uma nova forma de pensar sobre sustentabilidade, o que é admirável. Mas, em meio a tanta inovação, pergunto-me: onde foram parar as conversas informais que aconteciam em um semáforo vermelho? Onde estão os momentos de pausa que a vida moderna parece ter eliminado?

Os aparelhos domésticos também passaram por uma revolução. Antigamente nossas avós passavam horas na cozinha, utilizando um fogão de lenha que aquecia não apenas os alimentos, mas o coração da casa. Era um espaço de convívio, onde as histórias se entrelaçavam com o cheiro do pão fresco saindo do forno. Hoje, a cozinha é dominada por micro-ondas, air-fryers, fogões digitais e eletrodomésticos que prometem agilidade e eficiência. Cozinhar se tornou uma tarefa rápida, mas com isso, muitos perderam a arte da paciência e do envolvimento emocional na comida.

Ainda assim, algo me toca quando penso nos aparelhos da modernidade. Eles são, sem dúvida, impressionantes. Um smartphone na palma da mão nos conecta ao mundo inteiro, traz informações, entretenimento e a possibilidade de interagir com pessoas de diferentes partes do planeta em um segundo. Ao mesmo tempo, essa conexão global muitas vezes nos desconecta do que está bem diante de nossos olhos. As reuniões familiares se tornaram encontros onde todos estão imersos em suas telas, enquanto o calor humano e as conversas profundas ficam em segundo plano.

Na busca pela eficiência e pela rapidez, parece que esquecemos da beleza das pequenas coisas: um passeio de

carro sem destino, uma conversa à mesa ou o tempo gasto para preparar uma refeição. A modernidade trouxe muitos avanços, mas também nos ensinou a viver no modo automático. Precisamos lembrar que a vida é feita de momentos, e não apenas de tarefas a serem cumpridas.

Às vezes, num encontro entre amigos para um jantar, em vez de usar o fogão, opto por preparar algo simples, como um prato que minha avó fazia. Usar as mãos, sentir os ingredientes, ouvir as histórias que emergem enquanto cozinhamos juntos. E, à medida que o cheiro do prato se espalha pela casa, percebo que, mesmo em meio à modernidade, ainda é possível encontrar um espaço para a tradição e o afeto.

A verdade é que, enquanto os carros e aparelhos evoluem, somos nós que decidimos como queremos viver. Podemos escolher ser reféns da tecnologia ou podemos usá-la como uma ferramenta para enriquecer nossas experiências. Assim, ao olhar para o passado, não consigo deixar de valorizar o que a modernidade trouxe, mas também não quero esquecer as lições que a simplicidade do passado nos ensina.

E assim, entre o som do despertador e o ronco do motor, entre as telas brilhantes e as conversas à mesa, sigo navegando por essa dualidade. Afinal, a vida é uma dança entre o que foi e o que é, e cabe a nós encontrar o equilíbrio que nos faça encontrar a felicidade das pequenas coisas.

Sob o prisma de um dia de chuva

O céu estava carregado de nuvens cinzentas, prenunciando uma tempestade que se aproximava da cidade. Era um dia típico de outono, quando o clima inconstante trazia consigo a promessa de chuva. Na esquina da Avenida Paraná, um grupo de pessoas aguardava o semáforo abrir, suas expressões variando entre impaciência e resignação. A maioria estava com guarda-chuvas em mãos, mas havia quem, como sempre, insistisse em não se deixar levar pelo mau tempo.

Entre eles, estava Laura, uma jovem mulher de cabelos cacheados e um sorriso que iluminava o rosto, mesmo sob a ameaça de chuva. Ela observava a movimentação ao seu redor, notando como a cidade se transformava com a chegada das gotas de água.

Para Laura, a chuva era uma benção, uma pausa no ritmo frenético da vida urbana. Ela adorava o som da água batendo no chão e o cheiro da terra molhada.

— Olha como as pessoas reagem à chuva! — disse Laura para seu amigo Cido, que estava ao seu lado.

Cido, um homem de olhar sério e pragmático, apenas balançou a cabeça.

— Para mim, é só um incômodo. Nada como um dia ensolarado, onde as coisas funcionam. — Ele olhou para o céu, já escuro, e suspirou.

Laura riu.

— Mas você não vê a beleza nisso? As pessoas se apressam, mas a chuva transforma tudo. As cores ficam mais vivas, e há uma certa poesia no caos.

Enquanto conversavam, um grupo de mulheres passou apressado, rindo e se protegendo sob um único guarda-chuva. Laura notou a camaradagem entre elas, a forma como se apoiavam mesmo em meio ao desconforto da chuva.

— Olha só! — Laura apontou. — Elas estão se divertindo, mesmo com o tempo ruim.

Cido fez uma careta.

— Ou estão apenas tentando não se molhar. A chuva faz com que as pessoas fiquem mais irritadas, não mais felizes.

— Você tem uma visão tão negativa! — Laura retrucou, mas não pôde deixar de notar como as gotas começavam a escorregar pelo rosto de Cido. — Às vezes, é preciso relaxar e deixar a chuva te tocar.

— Relaxar? — ele perguntou, arqueando uma sobrancelha. — E ficar encharcado? Não consigo entender como você consegue ver beleza nisso.

O semáforo finalmente abriu, e eles começaram a caminhar. A cidade, em sua essência, parecia se dividir: os que corriam, os que se protegiam e os que, como Laura, simplesmente decidiam aproveitar o momento.

Ela observou um homem, provavelmente com uns sessenta anos, que caminhava lentamente, sem guarda-chuva, deixando a chuva molhar seu cabelo grisalho. Ele parecia alheio ao mundo, perdido em seus pensamentos.

— Olha aquele homem. — Laura disse, apontando. — Ele parece estar em paz.

— Ou é apenas imprudente. — Cido respondeu, com um tom sarcástico. — Ninguém gosta de ficar molhado.

— Às vezes, a imprudência é uma forma de liberdade. — Laura insistiu. — Ele deve estar lembrando de algo bom, uma lembrança que a chuva trouxe à tona.

Cido revirou os olhos.

— Você e suas teorias. Eu só quero chegar seco ao trabalho.

Enquanto continuavam a caminhar, Laura se lembrou de sua infância, das tardes passadas em casa, ouvindo a chuva tamborilar no telhado. Aqueles eram momentos de aconchego, de histórias contadas pelo avô, de chocolate quente e risadas. Para ela, a chuva sempre foi sinônimo de calor humano.

— Você não sente falta de momentos assim? — perguntou Laura, olhando para Cido. — De simplesmente parar e apreciar?

— Não posso me dar ao luxo de parar. — Ele respondeu, com um tom de voz que não deixava espaço para discussão. — O mundo não espera.

Laura não queria discutir mais. Eles chegaram a um ponto onde a calçada estava cheia de poças, e ela decidiu dar um salto. A água espirrou, e Cido a olhou, incrédulo.

— Você é louca! — ele exclamou, mas não pôde evitar um sorriso. — Vai ficar ensopada!

— E daí? — Laura respondeu, rindo. — Às vezes, é preciso se molhar!

Enquanto caminhavam, outros homens e mulheres se juntavam ao caminho, cada um com suas reações à chuva. Algumas mulheres, com seus sapatos de salto, pulavam de maneira cuidadosa para não sujar as roupas. Homens, por sua vez, pareciam mais apressados, com expressões de frustração, tentando evitar as poças.

— Olha a diferença! — Laura exclamou. — As mulheres parecem mais adaptáveis, enquanto os homens estão tão preocupados em manter as aparências.

— Não é bem assim. — Cido argumentou. — A questão é que muitos homens foram ensinados a não demonstrar vulnerabilidade. Para eles, ficar molhado é um sinal de fraqueza.

Laura refletiu sobre isso.

— E será que isso não é um problema? A pressão para se manter firme e forte pode ser pesada. Eu vejo isso em muitos dos meus amigos.

Cido ficou em silêncio, considerando as palavras da amiga. Enquanto isso, a chuva continuava a cair, e a cidade parecia ganhar vida própria. Os sons da água, os risos, e até mesmo as reclamações se misturavam em uma sinfonia urbana.

Quando chegaram ao destino, Laura estava completamente molhada, mas com um sorriso no rosto.

— Viu? Sobrevivi! E, no final das contas, a chuva não é tão malvada assim.

— Você é impossível. — Cido disse, balançando a cabeça, mas sem esconder um sorriso. — Você sempre encontra uma maneira de ver o lado bom das coisas.

— E você sempre encontra um jeito de se preocupar demais. — Laura respondeu, com um olhar brincalhão. — Vamos tomar um café e aquecer esses pensamentos pessimistas!

Enquanto entravam no café, a cidade continuava a ser banhada pela chuva, e em cada gota, havia histórias, sentimentos e a beleza de um momento compartilhado.

Laura e Cido, com suas visões distintas, aprenderam um pouco um com o outro naquele dia, enquanto o mundo lá fora continuava a girar, indiferente e majestoso.

A outra face do Natal

José Feldman

Numa grande cidade, o Natal se aproximava, e as vitrinas das lojas brilhavam com cores e luzes, como se quisessem ofuscar a realidade dura que se escondia nas sombras. Entre essas sombras, um menino chamado Leandro caminhava pelas ruas, seu pequeno corpo envolto em roupas desgastadas e seu olhar carregado de sonhos.

Ele vivia nas ruas há anos. De manhã, ele coletava garrafas vazias para ganhar algum dinheiro e, à noite, se encolhia em um canto qualquer, tentando encontrar um pouco de calor. Quando avistava as vitrines decoradas, seu coração se apertava. Ele imaginava um Natal repleto de presentes, de risadas e de uma família que o amasse. Mas, para ele, o Natal era apenas um dia como os outros, repleto de solidão e esperança não correspondida.

Naquela noite fria, enquanto caminhava, ele ouviu um som fraco vindo de um beco. Curioso, se aproximou e encontrou um cachorro abandonado, tremendo de frio e com os olhos tristes. Leandro não hesitou, se agachou e estendeu a mão.

— Olá, amigão. Você está sozinho também? — perguntou, acariciando o cão que, após um momento de hesitação, se aproximou e começou a lamber sua mão. Leandro sorriu, sentindo uma conexão imediata. O cachorro, que ele decidiu chamar de Faísca, parecia entender sua dor.

Os dias seguintes foram repletos de calor inesperado. Leandro e Faísca se tornaram inseparáveis. Juntos, enfrentavam a solidão das ruas e encontravam conforto um no outro. Leandro dividia o pouco que tinha com seu novo amigo, e Faísca, em troca, oferecia carinho e lealdade. Eles se aqueciam com o calor de seus corpos, e, pela primeira vez, Leandro sentia que não estava tão sozinho neste mundo.

Na véspera de Natal, a cidade estava envolta em um manto de neve, e as luzes brilhavam mais intensamente. Leandro encontrou um pequeno presente em uma caixa de papelão: um velho cachecol que alguém jogara fora. Ele imediatamente o colocou em Faísca, e o cachorro parecia feliz, sacudindo o rabo em agradecimento. Leandro sorriu, imaginando que, talvez, aquele Natal pudesse ser diferente.

No entanto, o destino tinha outros planos. Naquela mesma noite, enquanto caminhavam pelo centro da cidade, um motorista bêbado perdeu o controle de seu carro e avançou pela calçada. Leandro não teve tempo de reagir. O impacto foi rápido e brutal. Faísca foi atingido e caiu ao lado do menino, gemendo de dor.

Leandro correu até seu amigo, abraçando-o com desespero. Ele sentiu a vida de Faísca se esvair, enquanto o cachorro olhava para ele com os olhos cheios de amor e dor. As pessoas que passavam viraram o olhar, algumas até riram, sem se importar com o garoto e seu amigo. O mundo continuou, indiferente ao sofrimento que se desenrolava.

— Não, Faísca, por favor! — Leandro implorava, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Não me deixe, eu preciso de você!

Mas, enquanto o frio da noite invadia seu coração, Faísca fechou os olhos pela última vez. Leandro sentiu uma dor imensa, como se a própria vida tivesse sido arrancada de seu peito. Ele chorou, e o pranto ecoou na solidão da cidade, mas ninguém ouviu. A magia do Natal, que um dia ele sonhou, se desfez em uma onda de desespero.

Na manhã de Natal, uma forte nevasca cobriu a cidade, e o frio se intensificou. As pessoas saíram de casa para celebrar, mas, ao passar pelo beco onde Leandro e Faísca estavam, encontraram os dois juntos, abraçados. O menino estava imóvel, congelado, seu corpo ainda aquecido pelo amor que nutrira por seu amigo de quatro patas.

A imagem do garoto abraçado ao cachorro emocionou algumas pessoas, mas muitos ainda passaram de forma indiferente, sem entender a profundidade da dor e da solidão que aqueles dois haviam enfrentado. Os olhos de Leandro, que um dia brilhavam com esperança, agora estavam fechados, mas seu coração, ao lado de Faísca, havia encontrado a paz que tanto buscara.

Naquele Natal, a cidade estava cheia de luzes e risos, mas, em um canto esquecido, a verdadeira essência do amor e da amizade se despedia. Leandro e Faísca, juntos na eternidade, provaram que, mesmo em meio à solidão e ao desprezo, o amor sincero é capaz de transcender até mesmo a morte. E, enquanto as luzes brilhavam, um novo tipo de silêncio se instalou, um lembrete de que a verdadeira magia do Natal reside na compaixão e na conexão que formamos com aqueles que amamos.

Um encontro inusitado

José Feldman

Era uma tarde tranquila na biblioteca de um universo que desafia a nossa compreensão. Estantes infinitas se estendiam até onde os olhos podiam ver, cobertas de livros de todas as épocas e estilos. Em um canto iluminado por um brilho suave, três figuras notáveis saíram de uns livros e tiveram um encontro inusitado além da imaginação: William Shakespeare, Edgar Allan Poe e Monteiro Lobato.

Shakespeare, com seu ar aristocrático e uma pena na mão, foi o primeiro a se pronunciar.

— Ah, senhores! Que prazer imenso é vê-los! Eu sou William Shakespeare, dramaturgo e poeta. E vocês devem ser os ilustres Edgar Allan Poe e Monteiro Lobato. Um encontro de mentes brilhantes, sem dúvida!

Poe, com seu olhar sombrio e uma aura de mistério, respondeu:

— Sim, sou eu, Edgar Allan Poe. O gênio do terror e do macabro. E você, Sr. Shakespeare, deve saber que seus

sonetos são maravilhosos, mas, francamente, você precisa de um pouco mais de escuridão em suas obras.

Lobato, sempre com um sorriso no rosto e uma caneta na mão, interveio:

— E eu sou Monteiro Lobato, o escritor para crianças e do folclore do Brasil! Prazer em conhecê-los, senhores. Agora, o que vocês precisam é um pouco de imaginação infantil! Shakespeare, seus dramas são tão sérios que eu me pergunto se você já ouviu uma boa piada!

— Vamos lá, então! — disse Shakespeare, ajeitando seu colarinho. — Eu, que escrevi sobre o amor, a ambição e a tragédia, defendo que a complexidade da condição humana é meu forte. O que você tem a dizer sobre isso, Poe?

— Complexidade? — Poe levantou uma sobrancelha. — O que você entende de complexidade, meu caro? Você escreve sobre amores perdidos, enquanto eu exploro as profundezas da loucura e da morte. Em "O Corvo", por exemplo, abordei a obsessão de um homem que perde sua amada. Não é isso que chama a atenção?

Lobato se inclinou para frente, rindo.

— Loucura, sim, mas e o humor? Vocês dois parecem estar sempre tão sérios! Eu, em "O Sítio do Picapau Amarelo", trago a fantasia e a brincadeira! Afinal, quem não gostaria de conversar com um saci ou uma boneca de pano que ganha vida? Isso é o que eu chamo de literatura!

Shakespeare, com um sorriso travesso, respondeu:

— Então você acha que um saci é mais interessante que um Hamlet? Um príncipe que discute sobre a vida e a morte? Venha, Monteiro, não me diga que prefere a companhia de um personagem que não sabe nem se deve existir!

Poe não deixou barato:

— E o que dizer de sua "Comédia dos Erros"? Uma confusão de identidades que só pode ser resolvida com um final feliz? Isso é muito otimista para o meu gosto. Onde está a tragédia, a verdadeira essência da vida?

Lobato, rindo ainda mais, respondeu:

— Olha, eu não diria que confundir personagens é um erro. É mais uma estratégia de marketing! E, Shakespeare, você fala de tragédia, mas seus personagens têm um talento incrível para fazer escolhas ruins. Que tal um pouco de sabedoria popular? "Quem não arrisca, não petisca!" E olha que eu sou um especialista em ensinar isso às crianças!

A conversa continuou, repleta de risadas e provocações. A biblioteca, testemunha desse encontro inusitado, parecia vibrar com a energia das palavras trocadas. Após horas de debate, todos concordaram que, apesar das diferenças, o que realmente importava era o amor pela literatura.

Poe, finalmente relaxando, disse:

— Sejamos francos, senhores. Cada um de nós tem sua própria abordagem para a complexidade do ser humano. Shakespeare com seu romantismo, Lobato com sua fantasia e eu com meu terror.

Shakespeare assentiu, um brilho de compreensão em seus olhos:

— Exatamente, meu amigo. E o que seria do mundo sem essas diferentes vozes? A diversidade é a alma da literatura.

Enquanto Shakespeare, Poe e Lobato discutiam animadamente, uma nova presença se fez notar na biblioteca. A luz suave que iluminava o espaço pareceu se intensificar, e um homem de porte elegante, com um olhar penetrante e um leve sorriso nos lábios, se aproximou. Era Machado de Assis.

— Boa tarde, senhores! Posso me juntar a essa conversa tão vibrante? Sou Machado de Assis, e ouvi falar sobre suas obras. Estou curioso para saber o que pensam sobre "O Alienista".

Shakespeare, sempre cortês, respondeu:

— Senhor Machado, é uma honra tê-lo entre nós. "O Alienista" é uma obra fascinante. A forma como você aborda a loucura e a razão é singular. Mas diga, o que o levou a explorar a mente humana dessa maneira?

Machado, com um brilho nos olhos, explicou:

— A loucura é um tema que me intriga profundamente. Em "O Alienista", eu queria discutir não apenas a sanidade, mas também o que é considerado normal em nossa sociedade. O Dr. Simão Bacamarte, que se dedica a entender a mente, acaba por se perder em sua própria obsessão. É uma crítica à ciência e à razão.

Poe, com um sorriso enigmático, interveio:

— Fascinante, de fato! Mas você não acha que, em sua busca pela razão, Bacamarte se torna uma figura trágica? Ele se assemelha aos meus personagens que, perdidos em suas obsessões, acabam se destruindo. A diferença é que você traz uma ironia bem-humorada à sua narrativa, enquanto eu prefiro o tom sombrio.

Machado assentiu, apreciando a observação.

— Sim, Edgar. A ironia é um dos meus instrumentos. Eu quis mostrar como a busca pela lógica pode ser tão irracional quanto a própria loucura.

Shakespeare, com seu estilo característico, comentou:

— Muito bem colocado, Machado! Mas me pergunto se a crítica social em "O Alienista" não perde um pouco da

profundidade emocional que permeia minhas tragédias. Bacamarte, embora intrigante, parece distante. Não seria mais poderoso se ele tivesse um dilema mais humano, como o meu Hamlet, que luta com questões de vida e morte?

Machado sorriu, reconhecendo a validade da crítica.

— Você tem razão, William. A emoção é fundamental na literatura. Contudo, minha intenção foi refletir a sociedade de uma maneira mais cerebral, quase como uma fábula. O que importa é que, ao final, Bacamarte é um espelho de todos nós.

Lobato, sempre entusiasmado, não deixou de defender seu ponto de vista:

— E eu gostaria de adicionar que, enquanto você aborda a loucura, eu trago a fantasia como uma forma de libertação! Os personagens do seu livro, cercados pela racionalidade, poderiam se beneficiar de um pouco de magia! Imagine Bacamarte conversando com o Saci ou criando novas teorias com a ajuda de Emília!

Machado riu, imaginando a cena.

— Seria uma combinação curiosa, sem dúvida! A magia poderia oferecer a Bacamarte o que falta em sua vida: um pouco de leveza.

Após a troca de ideias, Machado de Assis, com seu olhar perspicaz, fez uma reflexão sobre as obras de seus colegas.

— Senhores, é interessante notar que, apesar de nossas abordagens distintas, todos nós tratamos da condição humana. William, você mergulha nas profundezas da emoção, explorando o amor e a tragédia. Edgar, você desafia os limites da sanidade e do terror, revelando a fragilidade do ser humano diante do desconhecido. E Lobato, você nos lembra da importância da imaginação e da infância, onde tudo é possível.

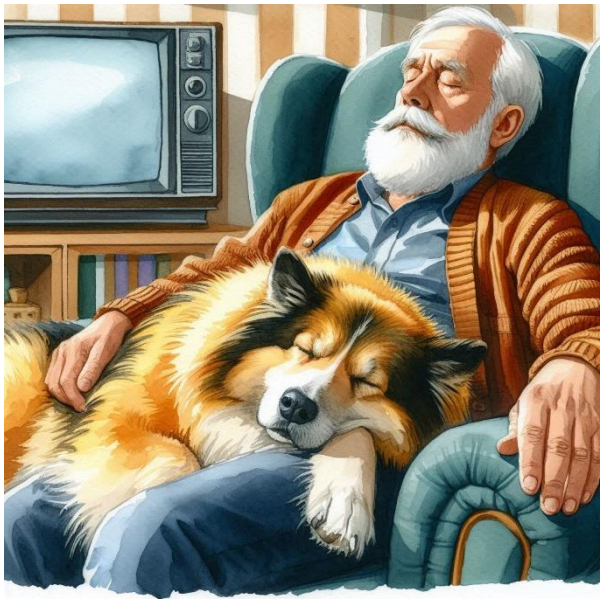
Ele fez uma pausa, permitindo que suas palavras ecoassem.

— Assim como Bacamarte busca entender a mente humana, nós buscamos entender o que nos torna humanos através de nossas obras. Cada um à sua maneira, contribuímos para um entendimento mais profundo da vida e da sociedade. E, se pudermos aprender uns com os outros, talvez possamos criar um universo literário ainda mais rico.

Os três escritores, tocados pela análise de Machado, concordaram, reconhecendo que, no final das contas, a literatura é um diálogo contínuo. Eles estavam apenas começando a explorar as maravilhas que poderiam surgir de suas interações, prontos para desafiar e inspirar uns aos outros, como verdadeiros mestres da palavra.

Com risadas e promessas de um novo encontro, os escritores se despediram, cada um levando consigo a certeza de que, embora suas obras fossem diferentes, a paixão pela escrita os unia em um laço eterno. E assim, na biblioteca dimensional, as histórias continuaram a se entrelaçar, trazendo à vida a magia da literatura.

A última noite de Natal



José Feldman

Era uma véspera de Natal na cidade. As luzes coloridas piscavam nas janelas, e as vitrines das lojas estavam adornadas com enfeites brilhantes e delicadas árvores de Natal, mas para João, um homem idoso de cabelos brancos e mãos enrugadas, tudo isso parecia distante, quase irrelevante. Ele caminhava lentamente pelas ruas, seu coração pesado com a solidão que o acompanhava como uma sombra.

As ruas estavam repletas de famílias, risadas e abraços calorosos, mas João se sentia como um espectador em um mundo que não o incluía. Ele parou em frente a uma vitrine que exibia uma bela mesa posta, com pratos finamente decorados e presentes embrulhados com cuidado. A cena o fez lembrar de tempos passados, quando sua casa estava cheia de vida e alegria, repleta de vozes familiares e risadas. Agora, tudo o que restava eram memórias.

Continuou seu passeio, observando as luzes refletindo na água acumulada em poças. O cheiro de pinheiro e canela pairava no ar, misturado ao aroma de castanhas assadas e chocolate quente. Cada passo que dava parecia ecoar em seu coração, um lembrete doloroso de sua solidão. Ele desejou que, ao menos, alguém o reconhecesse, que alguém o olhasse nos olhos e dissesse que ainda se importava.

Após algumas horas vagando pelas ruas, ele decidiu voltar para casa. A caminho, as paredes de sua pequena casa pareciam ainda mais frias. Assim que abriu a porta, uma onda de calor e amor o atingiu. Sua fiel companheira, Mila, uma cachorrinha de velhos cabelos grisalhos, com seus 17 anos de idade, estava à espera. Os olhos dela brilhavam com alegria ao vê-lo, e ela foi em direção a seus pés, abanando o rabo com entusiasmo. Para João, Mila era a única que sempre esteve ao seu lado, que nunca o abandonou.

Sentou-se no sofá, e Mila se acomodou sobre suas pernas, como fazia sempre. O calor do corpo dela confortava o coração de João, que, mesmo em meio à solidão, encontrava consolo na presença da sua amiga. Ele acariciou sua cabeça, sentindo a suavidade de seu pelo. Mas, à medida que o tempo passava, uma inquietação começou a crescer dentro dele. Algo não parecia certo.

Ele olhou para Mila e, de repente, percebeu que seu pequeno peito não subia e descia. O coração de João afundou. Ele a chamou, mas não houve resposta. Com mãos trêmulas, ele a pegou e a colocou em seu colo, mas a sua fiel companheira não reagiu. O desespero tomou conta dele ao perceber que Mila havia partido.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto enrugado enquanto ele a segurava, a dor da perda se misturando à solidão que já o consumia. Ele havia prometido que nunca a abandonaria, que sempre estariam juntos. Agora, ele se sentia perdido, sem saber como seguir em frente.

Com o coração pesado, João, segurando Mila em seus braços, em meio ao luto, começou a rezar. Com a voz embargada, pediu a Deus que o levasse também, que o levasse para estar com sua fiel amiga, onde quer que ela estivesse. Ele não queria viver em um mundo sem ela, sua única companheira que sempre o amou incondicionalmente.

"Meu Deus," ele murmurou, "leve-me para onde ela está. Eu prometi que nunca a deixaria sozinha. Se for possível, que eu possa encontrá-la novamente."

As palavras saíam de seu coração, um apelo de um homem que já não tinha mais a quem recorrer. O som da cidade lá fora se tornava distante, enquanto sua alma se unia em um último desejo. Ao sentir a ausência de Mila, ele sabia que o amor verdadeiro não se extingue com a morte.

Então, como se Deus tivesse ouvido sua prece, João sentiu uma paz inexplicável invadir seu ser. Seu coração, que tantas vezes havia carregado a tristeza da solidão, começou a desacelerar. Ele olhou para Mila, agora tão serena em seus braços, e um sorriso triste surgiu em seu rosto. Em um último suspiro, ele se deixou levar, o peso da vida desaparecendo enquanto se reunia com sua querida companheira de tantos anos.

E assim, naquela noite de Natal, João e Mila partiram juntos, lado a lado, em um último abraço eterno. Na quietude daquele momento, eles encontraram o que tanto buscavam: a certeza de que, onde quer que estivessem, nunca mais estariam sozinhos.

MORAL:

O sofrimento das pessoas idosas, como João, que se sentem abandonadas por parentes e amigos, é uma realidade dolorosa e muito frequente e muitas vezes invisível na sociedade. À medida que envelhecemos, as relações podem mudar, e muitos idosos enfrentam a solidão em um momento em que mais precisam de apoio e companhia.

A falta de tempo se torna uma desculpa comum, mas, para o idoso, essa ausência pode se traduzir em solidão profunda e tristeza. A sensação de que não são mais úteis é dolorosa e pode levar a um ciclo de desânimo e depressão. Videochamadas e mensagens podem ajudar, mas nada se compara ao calor de uma visita pessoal. Para muitos idosos, a falta de interação face a face amplifica a sensação de abandono, fazendo-os sentir que seus entes queridos estão longe não apenas fisicamente, mas também emocionalmente.

A tristeza da perda de um companheiro fiel, como no caso de João, pode ser devastadora, lembrando-os da fragilidade de suas relações e da inevitabilidade da morte. A história de João e Mila é um reflexo da realidade de muitos idosos que enfrentam o abandono e a solidão. É um chamado à empatia e à ação, lembrando-nos da importância de cultivar relações significativas e de cuidar daqueles que nos deram tanto ao longo de suas vidas. Cada gesto de amor e atenção pode fazer uma diferença significativa na vida de um idoso, ajudando a transformar a solidão em conexão e esperança.

A solidão das cadeiras vazias

José Feldman

O crepitar dos fogos de artifício ecoava pela cidade, iluminando o céu noturno com cores vibrantes. Era a época do ano em que a alegria parecia contagiar a todos, mas, para muitos, essa festa era apenas um lembrete da solidão. Nas janelas empoeiradas de um pequeno apartamento, Dona Lucinda se acomodava em sua cadeira de balanço, o mesmo lugar que ocupava há décadas. Com um olhar distante, observava os fogos riscando o céu, enquanto lembranças do passado dançavam em sua mente.

Dona Lucinda era uma mulher de noventa anos, cheia de histórias e vivências. Nos tempos áureos, sua casa estava sempre repleta de risadas, familiares e amigos. Ela era a matriarca da família, a que organizava as festas, as ceias, a que contava histórias de um tempo em que o mundo parecia mais gentil. Mas, ao longo dos anos, as perdas foram se acumulando. Filhos que se foram, amigos que se afastaram, e a solidão, silenciosa, se instalou em sua vida.

Enquanto os fogos iluminavam o céu, Dona Lucinda não conseguia evitar a tristeza que a envolvia. A saudade

apertava o seu peito. Lembrou-se de como costumava dançar com seu falecido marido, Jorge, sob as estrelas, com a música embalando seus sonhos. "Como o tempo passa", pensou, enquanto uma lágrima escorria por seu rosto enrugado. O barulho da festa lá fora parecia distante, quase como um eco de um mundo que já não pertencia a ela.

A solidão dos mais velhos, especialmente nas festividades de fim de ano, é um tema que frequentemente passa despercebido na correria das celebrações. Muitas vezes, todos estão tão ocupados com os preparativos, os encontros e as festanças que esquecem que, do outro lado da rua, existem pessoas que gostariam de ser lembradas. A vida moderna, com sua agitação e individualismo, muitas vezes deixa para trás aqueles que construíram as bases da sociedade.

Dona Lucinda não era a única. Em cada esquina, havia histórias semelhantes. O senhor Manoel, que morava no andar de cima, também estava sozinho. Ele costumava ser um contador de histórias, mas agora suas narrativas eram apenas sussurros perdidos no vento. E a dona Rita, que sempre preparava os melhores doces para a ceia, agora se via cercada por caixas vazias, enquanto o cheiro de panetone no mercado a lembrava de tempos melhores.

A conscientização sobre a solidão dos mais velhos deve ser um esforço coletivo. Precisamos olhar para além de nossas vidas agitadas e enxergar aqueles que estão à nossa volta. Um simples gesto – uma visita, um telefonema, ou mesmo um convite para a ceia – pode fazer toda a diferença. É preciso que cada um de nós se lembre que, enquanto estamos cercados de amigos e familiares, há quem deseje apenas um pouco de companhia, quem apenas anseia por um ouvido atento.

Naquela noite de Ano Novo, ao invés de se deixar consumir pela tristeza, Dona Lucinda decidiu fazer algo diferente. Lembrou-se de um projeto que havia começado anos atrás: uma cartinha escrita à mão para cada um de seus netos, contando um pouco de suas memórias e desejos. Com um novo ânimo, pegou papel e caneta e começou a escrever. Enquanto as palavras fluíam, sentiu-se menos sozinha. Era como se, ao relembrar sua história, ela pudesse compartilhar um pedaço de sua vida com aqueles que amava.

A festa lá fora continuava, mas dentro do pequeno apartamento, um novo brilho começava a surgir. A cada palavra escrita, Dona Lucinda sentia que estava, de alguma forma, conectando-se novamente ao mundo. Assim como os fogos de artifício que iluminavam a noite, suas lembranças

também brilhavam, oferecendo um vislumbre de esperança.

MORAL:

A vida continua, e a importância de estender a mão a quem está sozinho é uma responsabilidade que todos devemos carregar. Que no fim de ano, ao celebrarmos juntos, possamos sempre lembrar das cadeiras vazias e fazer delas, por um momento, lugares cheios de histórias e amor. Porque, no fundo, cada um de nós é um pouco da história do outro.

Companheiros de Infortúnio

Era uma fria manhã de dezembro quando o Professor Bruno, um ex-professor universitário de filosofia, acordou em um canto da calçada na cidade de Fênix, interior do Paraná, que antes considerava seu lar. O sol mal havia surgido, e a brisa gelada cortava o ar, lembrando-o de mais um dia de luta. Ao seu lado, um filhote de cachorro, que ele carinhosamente nomeara de Akira, se espreguiçava e se aconchegava em seu casaco velho. Akira não era um cão de raça pura; seu pai era um vira-lata cruzou com uma akita, e o resultado era um adorável, mas pouco convencional, companheiro.

A história de Bruno era uma das muitas tristes histórias que a cidade escondia sob sua fachada vibrante. Ele havia investido todas as suas economias em uma escola que prometia revolucionar a educação da região. Infelizmente, a escola faliu, levando consigo não apenas o sonho dele, mas também a sua família. Sua esposa, sem conseguir suportar a pressão financeira, e seus dois filhos, que

cresceram em meio a dificuldades, decidiram deixá-lo. Bruno ficou sem nada, apenas com suas memórias e um sentimento profundo de perda.

Os anos passaram e, enquanto a cidade se enchia de luzes e decorações natalinas, Bruno e Akira sobreviviam nas ruas, buscando restos de comida nos restaurantes e se aquecendo juntos sob cobertores velhos. Ele mantinha sua dignidade; ele nunca pediu dinheiro. Em vez disso, usava seu tempo para observar as pessoas, refletindo sobre a vida e as escolhas que o levaram àquela situação. Akira, com seu olhar inocente e leal, era seu único conforto.

Na véspera de Natal, enquanto Bruno e Akira se aqueciam com o pouco que tinham, um jornalista chamado Lídio passava pela rua. Ele estava em busca de histórias humanas para compartilhar em uma reportagem especial sobre o espírito natalino. Ao ver a cena do professor idoso com seu cachorro, se aproximou, sentindo uma mistura de compaixão e curiosidade.

— Olá, senhor! — disse Lídio, oferecendo um sanduíche que havia comprado. — Quer comer algo?

Bruno, com um sorriso gentil, agradeceu e, em um gesto inesperado, pediu licença para dar o conteúdo do sanduíche a Akira, ficando apenas com o pão.

— Por que você faz isso? — indagou Lídio, intrigado.

— Akira é meu guarda-costas — respondeu Bruno, com um brilho nos olhos. — Quando me deito para dormir, preciso que ele esteja bem alimentado e alerta. Ele me protege enquanto eu descanso.

Lídio ficou impressionado com a resposta. Ali estava um homem que, mesmo em meio ao sofrimento, ainda encontrava formas de cuidar e valorizar a amizade que tinha com seu cachorro. Bruno começou a contar sua história: suas esperanças, seus sonhos, e a dolorosa queda que o levou àquela vida. O jornalista, emocionado, escutava atentamente, sentindo que havia mais naquele homem do que as circunstâncias da vida haviam deixado à vista.

Movido pela história do professor e a pureza do amor entre ele e Akira, decidiu levá-los para passar o Natal em sua casa.

Quando chegaram, a casa estava cheia de amigos jornalistas, todos prontos para celebrar. Lídio apresentou Bruno e Akira e, ao contar a história deles, a sala se encheu de emoção. As pessoas estavam tocadas, e as câmeras começaram a registrar aquele encontro inusitado.

A reportagem que Lídio criou trouxe a história de Bruno e Akira para a televisão. À medida que a história se espalhava, algo maravilhoso aconteceu. O espírito natalino despertou nos corações das pessoas. Doações começaram a chegar de toda a cidade. As pessoas se uniram, não

apenas para oferecer dinheiro, mas também carinho e apoio. O prefeito, sensibilizado pela história, fez questão de oferecer uma casa para eles.

Na manhã de Natal, Bruno acordou em um lar, rodeado por amigos e pessoas que se importavam com ele. A felicidade não estava apenas nas doações, mas na conexão humana que se formou ao redor de sua história. Ele percebeu que, apesar de todas as dificuldades e das perdas, ainda havia amor e solidariedade no mundo.

Enquanto Akira corria pelo quintal, ele refletiu sobre a nova vida que começava. Ele se sentiu grato não apenas pelas doações, mas pela empatia que havia encontrado nas pessoas. O Natal não era apenas uma data; era uma oportunidade de recomeçar e de lembrar que, mesmo nas piores situações, a bondade humana pode brilhar intensamente.

Após o Natal, a vida de Bruno e Akira começou a se transformar de maneira surpreendente. Com o apoio da comunidade e a nova casa que o prefeito havia oferecido, Bruno sentiu que estava finalmente recuperando um pouco da dignidade que havia perdido. Mas, no fundo de seu coração, havia uma dor persistente: a saudade de sua família.

Um dia, enquanto passeava com Akira pelo parque próximo à nova casa, viu um grupo de crianças brincando e rindo. Aquelas risadas o lembraram de seus filhos, de como suas vidas haviam mudado e do quanto ele sentia falta deles.

Decidido a tentar, começou a escrever cartas. Ele escreveu para cada um deles, expressando seu amor, sua dor e o desejo de se reconectar, mesmo que houvesse passado tanto tempo.

Com a ajuda de Lídio, o jornalista que se tornara seu amigo, enviou as cartas. Lídio ajudou a encontrá-los, e, após semanas de espera, uma resposta finalmente chegou. Sua esposa, Bianca, escreveu que, embora a dor da separação ainda fosse grande, ela nunca deixou de pensar nele. As cartas dele tocaram seu coração e despertaram uma vontade de recomeçar.

Bianca e os filhos concordaram em se encontrar com Bruno.

O reencontro aconteceu em um dia ensolarado de primavera, no mesmo parque onde ele costumava passear com Akira. Bruno estava nervoso, mas também esperançoso. Quando viu Bianca e as crianças se aproximando, seu coração disparou. Os olhos dela brilharam ao reconhecer o homem que ainda amava, e ele sentiu que, apesar dos anos, o amor ainda estava presente.

As crianças, agora um pouco mais velhas, foram até ele, hesitantes, mas curiosas. Ele se ajoelhou para abraçá-las

e, naquele momento, as lágrimas rolaram por seu rosto. Akira, percebendo a emoção, se aproximou, abanando o rabo e buscando carinho.

— Eu sinto tanto a falta de vocês — disse com a voz embargada. — Nunca deixei de amar vocês.

Bianca, emocionada, respondeu: — Nós também sentimos sua falta. A vida não foi fácil, mas suas cartas nos mostraram que ainda existe esperança.

A conversa fluiu, repleta de histórias e risadas, e os ressentimentos começaram a se dissipar. Ele compartilhou como havia mudado, como o amor de Akira o ajudou a encontrar força e dignidade novamente. As crianças estavam fascinadas pelo cachorro, e ele foi cercado por elas, recebendo carinho e atenção.

Com o passar do tempo, o reencontro se transformou em um recomeço. Eles começaram a reconstruir a confiança e a amizade, enquanto as crianças se acostumavam a ter o pai de volta em suas vidas.

O Natal daquele ano foi especial de uma forma que Bruno nunca imaginou. Ele não apenas reconquistou um lar, mas também a possibilidade de um futuro juntos. A empatia e a solidariedade que haviam florescido em sua vida agora se estendiam a sua família, mostrando que, mesmo após as maiores adversidades, o amor pode sempre encontrar um caminho de volta.

E assim, Bruno, Bianca, os filhos e Akira celebraram o Natal juntos, cercados por amor e gratidão, prontos para enfrentar o futuro como uma família unida novamente.

A história de Bruno é um testemunho poderoso da resiliência humana e da capacidade de recomeçar. Ele nos ensina que, mesmo diante das adversidades, o amor e a empatia podem nos guiar de volta à esperança. A conexão que ele reconstrói com sua família, junto ao carinho incondicional de Akira, demonstra que os laços familiares e a solidariedade têm o poder de curar feridas profundas. É uma lembrança de que nunca estamos sozinhos e que sempre há espaço para a renovação e o perdão. Essa jornada nos inspira a valorizar as relações e a buscar a luz mesmo nos momentos mais sombrios.

Reflexões sobre a Solidão Coletiva

José Feldman

Houve um tempo em que a solidariedade existia nas pequenas ações do cotidiano. Lembro-me de histórias contadas por meus pais sobre como as comunidades se uniam durante momentos difíceis. Os vizinhos se ajudavam, as portas estavam sempre abertas, e a empatia era uma norma não escrita. As desgraças alheias eram sentidas como se fossem próprias, e a coletividade era um valor inegociável.

Hoje, no entanto, vivemos em uma era marcada pela insensibilidade. A compaixão parece ter se esvaído, dando lugar a um egoísmo crescente. As desgraças que antes nos uniam agora são frequentemente ignoradas. Vemos imagens de catástrofes naturais, guerras, e crises humanitárias deslizando nas redes sociais, como se fossem apenas mais um item na lista interminável de conteúdos a serem consumidos. O coração, antes pulsante de solidariedade, parece ter se petrificado.

A falta de ação diante do sofrimento alheio é alarmante. O que poderia ser um chamado à empatia se transforma em um mero espetáculo. As tragédias se tornam cifras em estatísticas, e as pessoas, rostos anônimos em uma multidão. O "like" nas redes sociais substitui a verdadeira ação; compartilhar uma postagem é considerado um ato de solidariedade, quando, na verdade, é apenas um gesto vazio.

Enquanto a empatia se esvai, o que vemos na televisão e nos meios de comunicação é um festival de desavenças e baixarias. Programas que promovem a discórdia, que elevam o conflito ao status de entretenimento, se tornaram comuns. A audiência ri e se diverte com as provocações, enquanto a verdadeira conexão humana se perde em meio a gritos e insultos. O respeito ao próximo foi substituído pelo espetáculo da desgraça alheia, e a cultura da crítica feroz tomou conta.

Esses programas não apenas alimentam a insensibilidade, mas também moldam comportamentos. A banalização da hostilidade se infiltra no cotidiano das pessoas, que começam a ver a desavença como norma. As discussões se tornam debates acalorados, onde a razão dá lugar à ofensa. O diálogo, antes um espaço de construção, se transforma em um campo de batalha.

E, como se não bastasse, o som alto dos carros ecoa pelas ruas como um símbolo da falta de respeito. A música, que poderia ser uma forma de expressão e celebração, se transforma em uma arma de desrespeito. O barulho ensurdecedor invade o espaço público, desconsiderando aqueles que buscam paz e tranquilidade. Os motoristas, absortos em seu próprio prazer, ignoram os olhares de reprovação e os pedidos silenciosos por um pouco de silêncio.

Essa cultura do "eu primeiro" se reflete em todas as esferas da vida. As pessoas se tornam ilhas em meio a um mar de indiferença, cada uma preocupada apenas com seu próprio bem-estar. O respeito ao próximo, que outrora era um pilar fundamental das interações sociais, se torna uma relíquia do passado.

Vejo muitos poetas, trovadores e outros literatos que escrevem sobre fraternidade, sobre humanidade, sobre solidariedade, mas são palavras vazias por quem, ao contrário delas, só pensam em si mesmas, não movem um dedo em favor da empatia. Ficam simplesmente em cima do muro. Falam de respeito, mas não respeitam os outros. Lembro que meus pais sempre diziam, se você quer mudar o mundo deve primeiro mudar a si mesmo, seus pensamentos, suas atitudes, senão serão ações vãs. Ou como se diz: "O inferno está cheio de boas intenções".

Entretanto, mesmo em meio a essa escuridão, há pequenas chamas de esperança. Existem aqueles que ainda lutam pela solidariedade, que se mobilizam para ajudar os necessitados, que se importam com o bem-estar do outro. Grupos comunitários, ONGs, e iniciativas locais são exemplos de que a empatia ainda vive em algumas partes do mundo. Essas ações, embora muitas vezes ofuscadas pelo barulho da indiferença, são fundamentais para reacender o espírito solidário que parece ter se perdido.

A reflexão sobre a falta de solidariedade do ser humano nos tempos atuais nos convida a repensar nossas próprias atitudes. Como podemos ser agentes de mudança em um mundo que parece se desumanizar? A resposta pode estar nas pequenas ações do dia a dia: um gesto de gentileza, um ouvido atento, um momento de silêncio respeitoso.

A solidariedade não é uma característica inata; ela deve ser cultivada. Cada um de nós tem o poder de transformar o ambiente ao nosso redor, de ser a mudança que desejamos ver. Ao olharmos para o próximo com olhos de compaixão, podemos começar a restaurar a conexão que foi perdida.

Assim, enquanto caminhamos por um mundo que muitas vezes parece indiferente, é essencial lembrar que a verdadeira força reside na solidariedade. O eco do egoísmo pode ser ensurdecedor, mas a voz da empatia, quando unida, pode criar um coro poderoso. Que possamos, juntos, redescobrir o valor da compaixão e do respeito, e que nossas ações sejam um lembrete de que a humanidade ainda tem um longo caminho a percorrer, mas que o primeiro passo começa dentro de cada um de nós.

Cuchulainn* e Danned Dur

*Nota: Cuchulainn, nome do herói mitológico irlandês que aparece nas histórias do Ciclo de Ulster, bem como no folclore escocês e da Ilha de Man. O resto é ficção.

Em tempos antigos, quando as lendas eram contadas ao redor das fogueiras e os deuses caminhavam entre os homens, havia um herói chamado Cuchulainn, da terra de Ulster. Ele era conhecido por sua coragem indomável e força sobre-humana, mas o que muitos não sabiam era que sua verdadeira força vinha de uma amizade profunda com um cão chamado Danned Dur (dentes de aço), um animal leal que sempre esteve ao seu lado.

Desde pequeno, Cuchulainn e Danned Dur eram inseparáveis. O cão, de pelagem dourada e olhos brilhantes, era mais do que um simples companheiro; era um guardião e amigo. Juntos, eles exploravam as florestas densas da Ulster, enfrentando desafios e desvendando mistérios. Danned Dur sempre estava lá, seja em momentos de alegria ou de tristeza.

Cuchulainn, ao crescer, passou a treinar com os mais valentes guerreiros e, durante suas aventuras, conquistou muitos inimigos poderosos. Mas Danned Dur estava sempre ao seu lado, defendendo seu mestre em batalhas e alertando-o sobre perigos iminentes. A conexão entre os dois era tão forte que muitos acreditavam que eles compartilhavam uma alma.

Certa manhã, enquanto Cuchulainn treinava nas margens do rio, uma voz ecoou em sua mente. Era a Deusa Morrigan, que se manifestava na forma de uma corvo negro. "Cuchulainn, herói de Ulster, um grande desafio se aproxima. Você deve preparar-se, pois os inimigos de sua terra estão a caminho, e você será o único a impedi-los."

Ele sabia que o chamado da deusa não era em vão. Com Danned Dur ao seu lado, Cuchulainn preparou-se para a batalha, enfrentando não apenas guerreiros, mas também criaturas místicas que ameaçavam a paz de Ulster. Ele lutou bravamente, sua espada cortando o ar com precisão, e Danned Dur atacando ao seu lado, feroz e destemido.

A batalha culminante ocorreu em uma vasta planície, onde os inimigos de Ulster se reuniram em grande número. Cuchulainn, com a força dos deuses correndo em suas veias, enfrentou um inimigo de proporções titânicas, um gigante chamado Ferchtne, que vinha para desferir o golpe final em sua terra.

Durante a luta, Danned Dur lutou ao lado de Cuchulainn, atacando ferozmente, mas o gigante era forte. Em um momento de desespero, quando parecia que tudo estava perdido, Cuchulainn fez um sacrifício. Ele usou uma técnica secreta ensinada a ele por Morrigan, transformando-se em uma forma ainda mais poderosa, mas a um custo: seu corpo ficaria vulnerável após a transformação.

Com um grito de guerra, Cuchulainn derrotou Ferchtne, mas a vitória teve um preço alto. Danned Dur, ferido gravemente na batalha, caiu ao lado do herói.

A dor de perder Danned Dur foi insuportável. Cuchulainn, que havia enfrentado exércitos inteiros, agora se sentia completamente derrotado. Ele segurou a cabeça do cão em seu colo, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. "Você foi mais do que um amigo, Danned Dur. Você foi minha alma gêmea. Sem você, estou perdido."

Com o coração partido, Cuchulainn construiu um túmulo para Danned Dur nas margens do rio onde costumavam treinar. Ele fez um voto diante da sepultura: "Nunca esquecerei sua lealdade. Eu lutarei em sua memória até meu último suspiro." As estrelas começaram a brilhar intensamente, como se os deuses estivessem chorando junto com ele.

Nos dias que se seguiram, Cuchulainn mergulhou em uma tristeza profunda. Ele abandonou a espada e se isolou,

incapaz de enfrentar o mundo sem seu fiel amigo. Foi então que a Deusa Morrigan apareceu novamente, em um sonho envolto em névoa e mistério.

"Cuchulainn," disse ela, sua voz suave como a brisa, "a dor que você sente é real, mas não deve deixá-la consumir você. Danned Dur é um espírito livre agora, e ele sempre estará ao seu lado, mesmo que você não o veja."

Cuchulainn se levantou, a luz da deusa penetrando em sua tristeza. "Mas como posso viver sem ele? Ele foi minha força, minha luz."

"Você carrega o espírito dele em seu coração. Lute não apenas por Ulster, mas por Danned Dur. Ele viverá através de suas ações, em cada batalha que você travar. A honra dele deve ser preservada, e sua memória deve ser celebrada."

A sabedoria de Morrigan ressoou em Cuchulainn. Ele entendeu que não poderia permitir que a dor o paralisasse. Com um novo propósito, ele se preparou para a próxima batalha que se aproximava. A memória de Danned Dur agora o guiava, como uma luz nas trevas.

Na batalha seguinte, Cuchulainn lutou com uma fúria renovada. Ele se movia como uma tempestade, cada movimento carregando a força de seu companheiro perdido. Ele gritou o nome de Danned Dur em cada golpe, cada ataque, e a presença do cachorro parecia estar com ele, lutando ao seu lado.

Ao final da batalha, quando a poeira assentou e os inimigos foram derrotados, Cuchulainn ergueu sua espada em homenagem a Danned Dur. "Você não está perdido, amigo. Você vive em cada vitória, em cada lembrança que guardo."

Com a bênção de Morrigan, Cuchulainn aprendeu a equilibrar sua dor com sua coragem. Ele sabia que a vida continuaria, mas a memória de Danned Dur sempre estaria presente em seu coração. As lendas de Cuchulainn se espalharam ainda mais, agora não apenas como um herói, mas como um homem que conhecia a dor e a perda, e que encontrou força na amizade e no amor.

E assim, entre as histórias de bravura e batalhas, o nome de Danned Dur tornou-se parte da lenda, eternamente ligado ao de Cuchulainn, o grande herói de Ulster, que nunca esqueceu o amigo que o acompanhou em cada passo de sua jornada.

O brilho dos antigos Carnavais [ou a falta dele]

José Feldman

Ah, o Carnaval! Essa época mágica do ano em que, por alguns dias, as regras sociais parecem ser colocadas de lado, e a fantasia toma conta das ruas. Mas, se você der um passo atrás e olhar para os carnavais dos tempos antigos, vai perceber que o clima era bem diferente do que encontramos nas festas modernas.

Vamos fazer uma viagem no tempo, entre confetes, serpentinas para entender o que aconteceu com essa celebração tão rica.

Imagine-se no século XVIII, em uma pequena cidade do Brasil colonial. O Carnaval era uma explosão de cores e sons, com a população se reunindo para celebrar antes do jejum da Quaresma. As pessoas se fantasiavam, mas não era apenas para esconder a identidade; era uma oportunidade de quebrar as barreiras sociais. O rico se misturava ao pobre, o senhor ao escravo, todos dançando em harmonia enquanto o som dos tambores ecoava pelas ruas.

Era uma época em que a folia tinha um significado profundo. O Carnaval era quase uma válvula de escape, um momento em que as tensões sociais eram temporariamente dissolvidas. As pessoas podiam rir de seus problemas, zombar das autoridades e se sentir livres, mesmo que por um breve instante. Os pierrôs e as colombinas, representações de amor e desamor, dançavam sob os olhares divertidos da multidão, enquanto as máscaras escondiam não apenas rostos, mas também as frustrações do cotidiano.

Por outro lado, se você olhar para os carnavais contemporâneos, vai notar que, embora a festa ainda tenha seu brilho, algo parece um pouco… diferente. Hoje, o que vemos são escolas de samba competindo por prêmios, trios elétricos arrastando multidões e fantasias que custam mais do que meu salário mensal. E o que aconteceu com aquele espírito de união e liberdade? Ah, esse parece ter sido deixado em casa, ao lado da fantasia que nunca foi usada.

Nos tempos antigos, as pessoas se reuniam em praças para dançar, cantar e celebrar a vida. Não havia uma marca patrocinando cada bloco, nem uma equipe de marketing planejando como fazer o evento "viralizar" nas redes sociais. O que havia era uma alegria genuína, uma sensação de comunidade que fazia cada um se sentir parte de algo maior. As pessoas não precisavam de um "influencer" para lhes dizer como se divertir; elas já sabiam.

E não vamos esquecer do humor! Os antigos carnavalescos eram mestres na arte de fazer rir. As sátiras e as brincadeiras eram uma forma de crítica social, uma maneira de expor as hipocrisias da sociedade. Hoje, corremos o risco de levar tudo muito a sério. Se alguém decide se fantasiar de abacaxi, pode ser que acabe em uma discussão acalorada sobre apropriação cultural! Cadê o tempo em que a única preocupação era se o confete estava colado na fantasia ou se a serpentina ia acabar antes do final da festa?

Ah, e as músicas! As marchinhas de antigamente, com suas letras engraçadas e críticas sociais sutis, faziam todo mundo cantar junto. Hoje, você ouve uma batida eletrônica que não dá tempo nem de entender a letra. E, se você perguntar sobre o significado da música, a resposta provavelmente será: "É o ritmo, meu amigo! O importante é dançar!" Certamente, dançar é importante, mas um pouco de letra inteligente não faria mal a ninguém.

Além disso, o Carnaval antigo possuía uma capacidade única de refletir e criticar a sociedade. As pessoas se vestiam de figuras caricatas, fazendo sátiras de políticos e celebridades, enquanto hoje, muitos preferem se fantasiar de personagens de filmes ou séries da moda. O

riso como forma de protesto foi substituído por um "like" nas redes sociais, onde a crítica é feita em 280 caracteres e a reflexão, muitas vezes, fica pelo caminho.

Por fim, é essencial reconhecer que, apesar das mudanças, o Carnaval ainda tem seu valor. A festa moderna continua a reunir pessoas, a promover a cultura e a celebrar a diversidade. No entanto, talvez seja hora de resgatar um pouco daquela essência dos antigos carnavais. Que tal trazer de volta o humor, a crítica e a verdadeira união?

Quem sabe, um dia, as pessoas voltem a se misturar nas ruas, não apenas para dançar, mas para se divertir, rir e refletir sobre a vida. Afinal, no fundo, o que importa é a alegria genuína, a conexão com o próximo e, é claro, a liberdade de ser quem você realmente é — mesmo que isso signifique se vestir de abacaxi.

Que venha o Carnaval!

José Feldman

O Último Suspiro de Mia

José Feldman

Os nomes são fictícios, mas a história foi real.

Para Ayllin (2001-2016), minha princesa guerreira.

Oh, amiga leal, tua ausência é um tormento,
teu miado é um canto que não se apaga,
e a vida, sem ti é um triste lamento.
Nos dias nublados a dor é uma chaga,
em cada lembrança, um doce momento,
que me abraça e em lágrimas se embriaga.

Na esquina de uma rua movimentada, sob a sombra de um velho carvalho, havia uma gata chamada Mia. Ela era apenas um filhote quando a vida a presenteou com uma dura realidade: o abandono. Junto com seu irmão, Max, Mia enfrentava o mundo desconhecido, cheio de perigos e solidão. Os dois se aconchegavam em caixas de papelão, buscando calor e proteção um no outro. Mas, à medida que os dias passavam, a vida na rua tornava-se cada vez mais insuportável.

Certa manhã, um casal, Giuseppe e Erin, que passava por ali notou os dois gatinhos. Erin, a mulher, de olhos suaves e coração gentil, não conseguiu resistir. "Olha, amor! Precisamos ajudar!" disse ela, apontando para os filhotes trêmulos. Giuseppe , que sempre teve um carinho especial pelos animais, concordou. Eles se aproximaram e, com cuidado, pegaram Mia e Max, levando-os para casa.

O novo lar era um lugar acolhedor. Mia e Max foram recebidos com carinho, comida e um espaço quentinho para dormir. Eles logo se adaptaram, explorando cada canto da casa, enquanto o casal se tornava a família que nunca souberam que precisavam.

Mas a felicidade não durou muito. Dois anos depois, Max começou a apresentar problemas de saúde. Giuseppe e Erin fizeram o possível para cuidar dele, levando-o ao veterinário, mas infelizmente a doença venceu a batalha. Mia estava ao lado do irmão quando ele deu seu último suspiro. A dor da perda foi insuportável. Ela não entendia por que seu pequeno mundo havia desmoronado tão rapidamente.

Com a partida de Max, a vida de Mia se transformou em um luto silencioso. O calor do lar agora parecia gelado. Ela se afastou de tudo e todos, passando horas em um canto escuro da casa. O casal, preocupado, tentava animá-la, mas a alegria que antes preenchia o lar havia se dissipado. Ela não parecia mais ser a mesma gata brincalhona.

Foi Giuseppe quem mais se dedicou a cuidar dela. Ele a cercou de amor, tentando atrair sua atenção com brincadeiras e petiscos.

"Mia, minha querida, você ainda tem a mim", ele dizia, acariciando seu pelo macio. Com o tempo, ela começou a reagir, mas apenas em momentos fugazes. Ele sentava-se ao seu lado, contando histórias, e afagando seus pelos.

Com o passar dos meses, Mia começou a aceitar a presença dele, mas a tristeza nunca a abandonou por completo.

Giuseppe se tornara um amigo dedicado, compreendendo que a cura de Mia precisava vir do seu próprio ritmo.

Ele sempre dizia: "Estamos juntos nessa, meu amor." E, assim, um novo laço foi formado, uma amizade silenciosa, mas profunda.

Os anos se passaram, e Mia envelheceu. Já não era mais a gata ágil e brincalhona que um dia foi. Com 15 anos, ela começou a enfraquecer.

Giuseppe, agora mais velho também, percebeu que o tempo estava se esgotando. Ele se dedicou ainda mais a cuidar dela, alimentando-a com carinho e dando-lhe amor nos momentos mais difíceis.

"Você é minha irmã, e eu estarei com você até o fim", prometeu ele, segurando-a em seus braços.

Mia se aninhava em seu colo, buscando conforto. Giuseppe se lembrava de cada amassada de pão, cada momento feliz que passaram juntos, e seu coração se apertava ao pensar que tudo isso estava chegando ao fim.

Certa manhã, Giuseppe acordou e percebeu que Mia não havia se levantado. Ele se aproximou e viu que ela estava mais fraca do que nunca. Com delicadeza, a pegou no colo, acariciando seu pelo, enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

"Você é tudo para mim, Mia. Eu te amo tanto", ele sussurrou, com a voz embargada.

Enquanto Mia respirava lentamente, ele ofereceu um pouco de comida, ajudando-a a comer. Mas, naquela manhã, ela parecia tão cansada. Seu olhar, antes vibrante, agora estava distante. Giuseppe, com o coração pesado, sabia que o momento estava se aproximando. Ele segurou Mia mais apertado, como se pudesse transmitir todo o amor que sentia através daquele abraço.

E então, em um momento silencioso e sereno, Mia deu seu último suspiro. Giuseppe sentiu seu corpo relaxar em seus braços, e a dor da perda o atingiu como uma onda devastadora. Ele chorou como uma criança, deixando suas lágrimas caírem sobre o pelo dela, enquanto o vazio se instalava em seu coração.

Mia partiu, mas seu espírito permaneceria para sempre na vida de Giuseppe. Ele sabia que havia amado e sido amado de uma maneira pura e incondicional. A dor da perda seria eterna, mas as memórias dos momentos felizes que passaram juntos seriam seu consolo.

A casa, agora silenciosa, era um lembrete do amor que um dia habitou aqueles espaços. Giuseppe prometeu nunca esquecer a gata que entrou em sua vida em meio à dor e encontrou um lar. Ele sabia que, embora Mia não estivesse mais ali fisicamente, seu amor e a amizade que compartilharam viveriam para sempre em seu coração.

O Natal de Seu Miguel

José Feldman

Era véspera de Natal e a cidade estava envolta em uma atmosfera mágica. As luzes piscavam nas janelas, as ruas estavam decoradas com guirlandas e as pessoas se apressavam para comprar os últimos presentes. No entanto, na pequena casa de Seu Miguel, a única coisa que iluminava o ambiente era a presença de sua fiel companheira, a cachorra Lili.

Seu Miguel era um homem idoso, com cabelos brancos e mãos calejadas pelo trabalho de uma vida inteira. Ele havia se casado, cerca de 25 anos depois o amor que um dia o aquecera se afastara sendo uma lembrança distante daqueles momentos. Seus irmãos, que moravam em outro estado, não o visitavam desde que ele se casou. A solidão tornara-se sua única companheira, e a casa, antes cheia de risadas e alegria, agora ecoava o silêncio de sua tristeza.

Lili, uma simpática vira-lata, estava sempre ao seu lado. Com seus olhos brilhantes e o jeito carinhoso de se aconchegar a ele, ela trazia um pouco de luz aos dias

sombrios de Seu Miguel. Ele costumava dizer que ela era o único presente que realmente importava. Ao olhar para ela, ele sentia um amor incondicional que aquecia seu coração.

O quarto de Seu Miguel era acolhedor, mas carregava a marca do tempo e da solidão. As paredes eram de um tom suave de azul desbotado, com algumas manchas de desgaste que contavam histórias de muitos anos. Um quadro antigo, com uma paisagem de verão, pendia um pouco torto acima da cama, lembrando dias mais alegres.

A cama de casal, coberta por um edredom de retalhos. Ao lado da cama, uma pequena mesa de cabeceira sustentava um abajur de luz amarelada, que iluminava suavemente o ambiente ao entardecer. Sobre a mesa, havia um livro aberto, suas páginas amareladas pela passagem do tempo, e uma xícara de chá fria, esquecida em um canto.

O chão era de madeira, com algumas tábuas rangendo sob o peso dos passos, e um tapete desgastado cobria parte do espaço, dando um toque de calor ao ambiente. Perto da janela, uma cortina balançava suavemente com a brisa, permitindo que os as gotas de chuva que caíam lá fora fossem visíveis.

Em um canto do quarto, uma prateleira abrigava souvenirs e fotografias emolduradas, capturando momentos de felicidade que agora pareciam distantes. Havia um porta-retratos com uma imagem de Seu Miguel e sua ex-esposa, sorrindo em uma praia.

No chão, ao lado da cama, estava a caminha de Lili, um acolchoado simples, mas confortável, onde a cachorra costumava descansar. O ambiente, embora nostálgico e um tanto triste, tinha um toque de amor e lembranças que preenchiam o ar com uma sensação de lar.

Na véspera de Natal, enquanto a chuva começava a cair lá fora, Seu Miguel sentou-se na poltrona ao lado da lareira. Ele olhou para o pinheiro que havia montado, uma árvore simples, já sem enfeites para alegrar o ambiente, mas, naquele momento, ela parecia mais uma lembrança dolorosa do que um símbolo de celebração.

Ele fechou os olhos e fez um desejo silencioso. Queria sentir o abraço da família novamente, ouvir as risadas que preenchiam a casa, e quem sabe até mesmo ouvir os filhos e netos de seus irmãos correndo pelo lugar. A saudade o apertava como um nó no peito, e ele não conseguia evitar que as lágrimas escorressem pelo seu rosto.

Lili, percebendo seu desânimo, levantou-se e se aproximou. Ela encostou a cabeça em seu colo, como se dissesse: "Eu estou aqui, não se preocupe."

Seu Miguel sorriu, acariciando o pelo macio da cachorra. Ela era a única que o compreendia, a única que não o abandonara.

A noite avançava e, enquanto a neve cobria a cidade, Seu Miguel decidiu preparar um pequeno jantar. Ele fez um prato simples, mas saboroso, e dividiu um pouco com Lili, que se deliciou com cada pedaço. Durante a refeição, ele contou histórias para a cachorra, compartilhando memórias de tempos mais felizes. Lili parecia atenta, como se entendesse cada palavra.

Após o jantar, ele pegou um cobertor e se acomodou na poltrona, enquanto a lareira crepitava suavemente. A melodia suave de canções de Natal vinha das casas vizinhas, e, por um momento, ele se deixou levar pela nostalgia. As músicas o transportaram para um tempo em que a vida era mais cheia e as preocupações pareciam distantes.

Mas a realidade logo o trouxe de volta. Ele olhou para a árvore e, em meio à tristeza, sentiu uma onda de gratidão por Lili. Ela era sua luz nos dias escuros, seu motivo para levantar da cama todas as manhãs. Apesar da solidão, ele ainda tinha alguém que o amava.

Enquanto a chuva caía suavemente lá fora, a música de Natal envolvia a casa de Seu Miguel em um manto de nostalgia e esperança. Ele fechou os olhos por um momento, permitindo que o cansaço o levasse, quando um toque suave na porta interrompeu seu pensamento.

Seu coração disparou. Quem poderia ser? Nunca ninguém o visitava.

Ele hesitou, mas Lili, sempre curiosa, correu até a porta, latindo.

Ao abrir, Seu Miguel se deparou com seus irmãos, acompanhados de suas famílias. Eles estavam com sorrisos largos e braços abertos, prontos para abraçá-lo. A surpresa tomou conta dele, e a tristeza que há tanto tempo o acompanhava começou a se dissipar.

— Feliz Natal, Miguel! — gritaram.

Ele mal podia acreditar. O abraço apertado de seus irmãos, os risos das crianças e a alegria contagiante daquela noite o envolveram como um cobertor quente. Lili, animada, pulava ao redor, recebendo carinhos e afagos.

Naquela noite, a casa de Seu Miguel se encheu de amor e risadas. As memórias dolorosas foram substituídas por novas, e a solidão deu lugar à alegria.

Mas, de repente, a cena começou a desvanecer. As vozes dos familiares se tornaram ecos distantes, e a luz da árvore, que antes brilhava intensamente, começou a se apagar. Seu Miguel tentou chamar seus irmãos, mas suas

palavras não saíam. Ele se viu sozinho novamente, perdido na escuridão.

Quando finalmente despertou, a realidade o atingiu como um balde de água fria. A sala estava silenciosa, e a única luz vinha da lareira, que agora crepitava suavemente. Lili, sua fiel companheira, estava deitada ao seu lado, olhando para ele com olhos cheios de preocupação.

A tristeza tomou conta de seu coração. Ele olhou ao redor e percebeu que estava novamente sozinho, sem os abraços calorosos de sua família. Um nó se formou em sua garganta, e as lágrimas começaram a escorregar por seu rosto.

Os olhos, grandes e expressivos de Lili, se iluminaram ao ver que o velho estava acordado. Com um leve abanar de rabo, ela se levantou de seu canto e se aproximou, suas patas macias fazendo pouco barulho no chão.

Lili cheirou o ar ao redor de Seu Miguel, como se buscasse entender suas emoções. Ao notar as lágrimas em seu rosto, ela pousou a cabeça suavemente em seu colo, olhando-o com um olhar preocupado. Seu coração canino parecia sentir a tristeza dele, e ela se aconchegou ainda mais perto, buscando confortá-lo.

Lili lambeu a mão dele, como se dissesse: "Estou aqui, não precisa ficar triste." Sua presença calorosa e carinhosa trouxe um alívio instantâneo ao coração de Seu Miguel. Ela se aninhou nele, oferecendo seu amor incondicional, e ficou atenta, como se estivesse pronta para proteger seu amigo de qualquer dor.

Com um suspiro profundo, ele envolveu os braços em torno de Lili, apertando-a contra seu peito. Naquele momento, ele fez uma promessa a ela:

— Nunca vou te abandonar, Lili. Você é minha única amiga, minha luz em meio à escuridão. Não importa o que aconteça, sempre estarei aqui para você, assim como você sempre esteve para mim.

Ele sentiu a presença calorosa da cachorra, e um conforto profundo começou a preencher o vazio da solidão. Ali, no silêncio da pequena casa, Seu Miguel percebeu que, mesmo sem a família por perto, ele ainda tinha um amor sincero e verdadeiro.

E assim, enquanto a chuva continuava a cair lá fora, ele e Lili se aconchegaram juntos, prontos para enfrentar o Natal e todos os dias que ainda estavam por vir.

Seu Miguel sentiu uma onda de gratidão. A maneira como Lili reagiu, com sua lealdade e compaixão, fez com que ele se sentisse menos sozinho. Ela era uma luz em sua vida, sempre disposta a estar ao seu lado. E naquele momento,

ele soube que, independentemente da solidão que o cercava, ele nunca estaria verdadeiramente só, enquanto tivesse Lili.

E assim, enquanto as estrelas brilhavam no céu, ele fez um novo desejo. Enquanto tivesse sua fiel companheira, seus dias seriam sempre iluminados, não apenas naquela noite, mas em todos os dias que viriam. Afinal, a verdadeira magia do Natal reside nas conexões que cultivamos e no amor que compartilhamos, mesmo quando a vida nos parece solitária.

Nota do autor:

Infelizmente esta é uma realidade cada vez mais constante nos dias de hoje, principalmente em pessoas idosas que não tem filhos.

O Natal é uma época de celebração, amor e união, mas para muitos idosos, essa época do ano pode ser repleta de solidão e tristeza. Infelizmente, muitos deles se encontram abandonados por seus familiares, sentindo-se esquecidos e desamparados.

Se você conhece algum idoso que está sozinho, uma simples visita pode fazer toda a diferença. Ouvir suas histórias e compartilhar momentos pode trazer alegria a seus corações.

Oferecer seu tempo para atividades ou até mesmo um café da tarde pode iluminar o dia de alguém.

Muitas vezes, a falta de apoio é resultado de desinformação e preconceitos. Vamos mudar essa narrativa!

É fundamental que, como sociedade, estejamos atentos a essa realidade. Os idosos merecem carinho, respeito e atenção, especialmente em momentos que deveriam ser de alegria. O abandono pode afetar profundamente a saúde emocional e física dessas pessoas, tornando o Natal uma lembrança dolorosa em vez de uma celebração.

O Relógio das Memórias

José Feldman

Em um futuro não muito distante, as pessoas começaram a perceber que o tempo não era apenas uma sequência de momentos, mas uma tapeçaria intricada de memórias. Em uma pequena cidade chamada Palatium, um inventor excêntrico chamado Victor criou um dispositivo revolucionário: o "Relógio das Memórias". Este relógio tinha a capacidade de capturar e reproduzir memórias de forma vívida, permitindo que as pessoas revivessem momentos de suas vidas como se estivessem acontecendo novamente.

Victor, um homem de cabelos desgrenhados e olhos brilhantes, sempre acreditou que as memórias eram a essência da vida. Ele passou anos em seu laboratório, cercado por engrenagens e dispositivos, até que finalmente completou sua obra-prima. O Relógio das Memórias não apenas armazenava recordações, mas também as transformava em experiências sensoriais completas. As cores, os sons, os cheiros — tudo poderia ser revivido com um simples toque.

A cidade estava em polvorosa quando Victor apresentou seu invento ao público.

"Imaginem, meus amigos!" ele exclamou. "Poder reviver os melhores momentos de suas vidas! Conhecer novamente aqueles que amamos, sentir a euforia da juventude, ou até mesmo corrigir erros do passado!"

A multidão estava atenta, maravilhada com a ideia de ter suas memórias ao alcance da mão.

Entre os espectadores estava Clara, uma jovem professora de história. Clara sempre teve um amor profundo pelas memórias, especialmente as de sua infância, quando passava horas ouvindo sua avó contar histórias de tempos passados. Ao final da apresentação, Clara sentiu uma atração irresistível pelo Relógio. O desejo de reviver suas memórias mais queridas a levou até Victor.

"Posso experimentar?" perguntou Clara, sua voz trêmula de emoção.

"Claro!" respondeu Victor, ajustando os dials do relógio. "Escolha uma memória."

Clara hesitou, mas logo decidiu: "Quero reviver o dia em que minha avó me contou sobre sua juventude."

Assim que Clara tocou o relógio, a sala se iluminou e, em um piscar de olhos, ela se viu na cozinha de sua avó, o aroma de bolo de cenoura fresco no ar. As paredes estavam adornadas com fotos antigas, e o sol filtrava-se pelas cortinas, criando um ambiente acolhedor. Sua avó, com um sorriso caloroso, começou a falar sobre sua juventude e as aventuras que a vida lhe proporcionara.

Clara sentiu a alegria inundar seu coração. Ela riu, chorou e se lembrou do quanto amava aquelas histórias. O tempo passou, mas para Clara, tudo parecia tão real quanto antes. No entanto, quando a experiência terminou, uma tristeza profunda a envolveu. Ela percebeu que, apesar de reviver momentos felizes, não poderia alterar o que havia passado.

Com o passar do tempo, o Relógio das Memórias se tornou uma sensação na cidade. As pessoas começaram a usá-lo com frequência, cada vez mais dependentes das memórias que podiam reviver. No entanto, algo bizarro começou a acontecer. As pessoas estavam se tornando incapazes de viver no presente. Elas se isolavam, preferindo a segurança de suas memórias a enfrentar a realidade.

Clara, preocupada com o que estava vendo, decidiu confrontar Victor.

"Victor, as pessoas estão se perdendo! Elas estão tão obcecadas por reviver suas memórias que esquecem de viver! O relógio se tornou uma prisão!"

Victor, que antes estava entusiasmado, agora parecia preocupado.

"Eu não previ isso. A intenção era boa, mas talvez tenhamos aberto uma porta que não deveria ser aberta."

Determinada a mudar a situação, Clara começou a pesquisar sobre o impacto das memórias e do tempo na

vida humana. Ela descobriu que as memórias, embora belas, também podiam ser dolorosas. A idealização do passado impedia que as pessoas apreciassem o presente e planejassem o futuro.

Clara decidiu que precisava fazer algo radical. Junto com algumas pessoas da cidade, criou um movimento chamado "Viva o Agora". As pessoas eram incentivadas a se desconectar do Relógio e a redescobrir a alegria de viver no presente. Era uma batalha difícil, pois o Relógio havia se tornado um símbolo de status e felicidade.

Em um evento público, Clara subiu ao palco e se dirigiu à multidão.

"Amigos, o passado é uma parte de quem somos, mas não podemos deixá-lo nos aprisionar! Precisamos viver cada dia como se fosse um novo começo! O Relógio das Memórias pode ser uma ferramenta, mas não pode ser a nossa vida!"

Enquanto falava, Victor a observava, orgulhoso e triste ao mesmo tempo. Ele percebeu que havia criado algo que não só capturava memórias, mas também capturava as pessoas. Ele decidiu desativar o Relógio, mesmo que isso significasse perder sua invenção.

A decisão de Victor trouxe a cidade de volta ao presente. As pessoas começaram a se reconectar com suas vidas, a valorizar o que tinham agora, ao invés de viver no passado. Clara tornou-se uma líder na comunidade, ajudando as pessoas a entender o valor do presente.

O Relógio das Memórias foi desmontado e suas peças foram transformadas em arte. As pessoas começaram a criar suas próprias histórias e memórias, agora sem a ajuda de um dispositivo. Elas aprenderam a aceitar o tempo como um fluxo natural, onde cada momento, por mais simples que fosse, tinha seu valor.

Anos depois, em uma tarde ensolarada, Clara estava sentada em um parque, cercada por crianças rindo e brincando. Ela sorriu ao lembrar de sua avó e das histórias que tanto amava. Agora, Clara contava suas próprias histórias para as crianças, criando novas memórias.

E assim, a passagem do tempo tornou-se uma celebração da vida. As memórias não eram mais algo a ser revivido, mas uma parte de uma narrativa contínua. O Relógio das Memórias pode ter desaparecido, mas a essência do tempo, com todas as suas alegrias e tristezas, continuava a ser a verdadeira magia da vida.

A Biblioteca dos Portais

José Feldman

No coração da cidade de Elidória, cercada por ruas de paralelepípedos e edifícios antigos, havia uma biblioteca que poucos conheciam. Chamava-se "A Biblioteca dos Portais". Seu exterior era modesto, com uma fachada de tijolos desgastados e janelas empoeiradas, mas aqueles que se aventuravam a entrar descobriam um mundo de maravilhas.

A biblioteca era enorme e labiríntica, com estantes que se estendiam até o teto e escadas que pareciam se mover sozinhas. Mas o que a tornava realmente especial eram as portas. Cada uma delas, de madeira antiga e ornamentos intricados, levava a um mundo completamente diferente.

A Biblioteca possui uma magia própria que a torna única e misteriosa. Sua escolha de visitantes não se baseia em critérios comuns, mas sim em uma conexão íntima entre o coração da pessoa e o espírito da biblioteca. Aqui estão algumas maneiras de como essa seleção ocorre:

Intenção Pura

A biblioteca é sensível às intenções dos visitantes. Aqueles que entram com um desejo genuíno de explorar, aprender ou encontrar respostas são atraídos para dentro. A curiosidade e a abertura de espírito são fundamentais para serem escolhidos.

Sinais e Coincidências

Muitas vezes, os futuros visitantes encontram sinais antes de chegarem à biblioteca. Pode ser um livro esquecido em um banco, uma conversa sobre a biblioteca que escutam ao passar, ou mesmo um sonho recorrente. Esses sinais são como convites sutis que a biblioteca envia para aqueles que estão prontos.

Experiências de Vida

A biblioteca também parece reconhecer a jornada de vida de cada um. Pessoas que passaram por desafios significativos, ou que buscam inspiração após uma perda ou mudança, frequentemente sentem uma atração inexplicável pelo local. A biblioteca se conecta com essas experiências, oferecendo mundos que refletem suas necessidades e anseios.

Escolhas do Coração

Quando um visitante entra, a biblioteca parece avaliar o que está em seu coração. Se alguém está lutando com medos, pode ser levado a um mundo como o das Sombras, onde aprenderá a enfrentar suas inseguranças. Se busca criatividade, pode ser atraído para o Reino dos Sonhos. Essa escolha é feita de maneira quase intuitiva, guiada por uma sabedoria antiga.

O Tempo e o Destino

Por fim, o tempo desempenha um papel crucial. A biblioteca é atemporal, e às vezes, os visitantes chegam em momentos específicos de suas vidas, quando estão mais receptivos a mudanças e descobertas. Essa sincronia entre o momento certo e a pessoa certa é o que torna cada visita especial.

A Biblioteca dos Portais não apenas escolhe seus visitantes; ela os reconhece. Cada pessoa que atravessa suas portas é vista e compreendida, e a magia do lugar oferece experiências que ressoam profundamente com suas almas. Assim, cada visita se torna uma jornada transformadora, onde a biblioteca se revela não apenas

como um espaço físico, mas como um guia espiritual na busca pelo autoconhecimento e pela aventura.

A primeira porta que Marla, uma jovem curiosa, decidiu abrir era forrada com um veludo azul profundo. Ao atravessá-la, ela se encontrou no Reino dos Sonhos, onde as nuvens eram feitas de algodão-doce e os rios corriam com néctar. Os habitantes eram criaturas etéreas, feitas de luz e sombra, que podiam transformar pensamentos em realidade.

Ela passou dias explorando esse lugar mágico, aprendendo a moldar seus próprios sonhos. Fez amizade com um pequeno dragão de cristais chamado Lúcio, que a ensinou a voar. Quando decidiu voltar, Lúcio lhe deu uma pena brilhante como lembrança, dizendo que ela poderia usar para lembrar-se sempre de que seus sonhos eram possíveis.

A próxima porta que Marla encontrou era coberta por musgo verde e tinha um som suave como o sussurrar do vento. Ao abri-la, ela entrou na Floresta dos Ecos, onde cada palavra proferida se tornava um eco que dançava entre as árvores. As árvores eram altas e antigas, e as folhas pareciam cantar em harmonia.

Ali, ela conheceu uma sábia coruja chamada Eldrin, que a ensinou sobre o poder das palavras. Também aprendeu que as histórias contadas na floresta se transformavam em vida, e que cada eco era uma memória que moldava o futuro. Ao sair, Eldrin a presenteou com um livro em branco, prometendo que cada história que ela escrevesse teria o poder de ressoar na floresta para sempre.

A terceira porta era feita de um metal brilhante, quente ao toque. Ao cruzá-la, Marla se viu no Deserto da Ilusão, um lugar onde as miragens eram tão reais que poderiam enganar até os mais sábios. As dunas brilhavam sob o sol escaldante, e figuras dançavam à distância, sempre fora de alcance.

Lá, conheceu Zara, uma viajante que havia perdido seu caminho. Juntas, elas enfrentaram as ilusões, aprendendo a distinguir o que era real do que era apenas uma miragem. Zara revelou que o deserto testava a coragem e a determinação de quem passava por ele. Quando finalmente conseguiram encontrar a saída, Zara deu a Marla um espelho, dizendo que ele a ajudaria a ver além das aparências.

A última porta que Marla encontrou era feita de madeira escura e emanava um frio intenso. Ao abri-la, ela se viu no Mundo das Sombras, onde as luzes eram escassas e as criaturas pareciam se esconder nas trevas. Contudo, havia uma beleza estranha nesse lugar, com constelações brilhando em um céu noturno.

Ela conheceu um ser chamado Noctis, que guardava os segredos das sombras. Ele a ensinou que as sombras não eram para ter medo, mas sim para serem compreendidas. Com sua ajuda, Marla aprendeu a dançar com as sombras, a transformar o medo em arte. Quando decidiu voltar, Noctis deu a ela uma pequena lanterna, dizendo que ela nunca deveria esquecer a luz que existe mesmo nas trevas.

Após suas aventuras, Marla retornou à biblioteca, onde as portas agora pareciam mais brilhantes do que antes. Com cada objeto que trazia de seus mundos — a pena, o livro, o espelho e a lanterna — ela percebeu que não só tinha explorado novos lugares, mas também descoberto partes de si mesma.

Ao sair da biblioteca, ela não era mais a mesma. Tinha histórias para contar, experiências para compartilhar e, acima de tudo, um novo entendimento sobre a vida e suas possibilidades. A cada visitante que passava pela porta, ela se tornava uma contadora de histórias, levando um pouco da magia da biblioteca para o mundo real, inspirando outros a explorarem suas próprias portas e a descobrirem os mundos que habitam dentro de si.

Existem várias histórias sobre pessoas que tentaram entrar na Biblioteca dos Portais, mas não conseguiram. Essas experiências muitas vezes se tornam lendas na cidade de Elidória, servindo como avisos e reflexões sobre a natureza da biblioteca e a importância da intenção.

Um homem chamado Artur, conhecido por sua visão pragmática e ceticismo em relação a tudo que era mágico, decidiu que queria provar que a biblioteca era apenas uma fábula. Ao chegar à porta, ele empurrou-a com firmeza, mas, para sua surpresa, a porta não se abriu. Ele tentou novamente, mais insistentemente, mas nada aconteceu. A biblioteca, percebendo sua falta de crença e abertura, decidiu que ele não estava pronto. Artur saiu frustrado, mas a experiência o levou a refletir sobre suas crenças, e, eventualmente, ele se tornou uma pessoa mais receptiva ao mistério da vida.

Um grupo de amigos, animados e ansiosos para explorar, chegou à biblioteca em um dia ensolarado. Eles estavam tão distraídos com suas conversas e risadas que não notaram a aura mágica ao redor do lugar. Quando tentaram abrir a porta, ela parecia selada. Confusos, tentaram várias vezes, mas a porta não se abriu. A biblioteca, percebendo que suas intenções não eram genuínas e que estavam mais interessados na diversão do que na descoberta, decidiu não deixá-los entrar. Deveriam dar importância à calma e a atenção ao momento presente.

Uma mulher chamada Eliana, em busca de respostas para uma tragédia pessoal, chegou à biblioteca com o coração

pesado e a mente confusa. Ela queria desesperadamente escapar da dor, mas sua ansiedade e desespero eram tão intensos que a biblioteca não a reconheceu como uma visitante pronta. Ao invés de abrir a porta, uma voz suave ecoou em sua mente, aconselhando-a a encontrar paz dentro de si antes de buscar fora. Ela saiu, não sem dor, mas determinada a trabalhar em seu interior.

Um jovem chamado Leo, cheio de curiosidade, decidiu que queria explorar todos os mundos da biblioteca em uma única visita. Ele se aproximou da porta, mal conseguindo esperar para entrar. Sua impaciência era palpável, e quando tentou abrir a porta, ela permaneceu firmemente fechada. A biblioteca, percebendo sua falta de respeito pelo processo e pela jornada, decidiu que Leo não estava pronto para a profundidade da experiência que oferecia. Grandes descobertas requerem paciência e respeito.

Essas histórias ilustram que a Biblioteca dos Portais não é apenas um lugar físico, mas um espaço que exige introspecção e sinceridade. As portas podem ser fechadas, mas cada tentativa frustrada serve como um aprendizado, preparando os visitantes para a verdadeira magia que aguarda aqueles que entram com o coração aberto e a mente receptiva. Cada história de negação se transforma em uma lição valiosa, guiando as pessoas em suas jornadas pessoais até que estejam prontas para cruzar o limiar da descoberta.

E assim, a Biblioteca dos Portais continuava a ser um lugar onde a imaginação não conhece limites, e onde cada porta abre um novo capítulo na história de quem se atreve a cruzá-la.

Previsões e Ilusões

Texto construído tendo por base a trova de Arthur Thomaz (Campinas/SP)

O profeta idealiza
o futuro, em previsões...
E o poeta o finaliza
colorindo-o de ilusões...

O profeta idealiza o futuro, erguendo-se como uma figura solene em meio ao tumulto do presente. Em uma pequena aldeia, ele caminhava pelas ruas de paralelepípedos, suas vestes longas esvoaçando ao vento. Os aldeões paravam

para ouvi-lo, atraídos por suas palavras que pareciam trazer uma luz nas trevas da incerteza. Suas previsões eram como faróis em noites tempestuosas, guiando-os através das tormentas da vida.

"Um dia", ele proclamava com a voz firme, "as colheitas serão fartas, e a paz reinará entre nós. A era da prosperidade está por vir, bastando que nos unamos em fé e determinação."

As palavras do profeta, repletas de esperança e otimismo, ecoavam por toda a aldeia, e, por um momento, acendiam a chama da expectativa nos corações dos ouvintes. Ele era um visionário, um sonhador que via além do horizonte, onde a realidade se confundia com a fantasia.

Mas, em meio a essa atmosfera de esperança, existia outro personagem, um poeta que observava tudo com um olhar perspicaz. Ele estava sempre à sombra das árvores, com um caderno em mãos, onde registrava não apenas as previsões do profeta, mas também as nuances da vida que se desenrolavam ao seu redor. O poeta via a beleza nas pequenas coisas, mas também sentia o peso das dores e desilusões que permeavam a existência dos aldeões.

Enquanto o profeta falava de um futuro glorioso, o poeta ouvia e refletia. Ele sabia que as previsões eram apenas isso: previsões. Não se tratava apenas de um futuro idealizado; era necessário colorir essas palavras com a realidade das emoções humanas. A esperança, sem questionamentos, poderia ser uma armadilha, e ele desejava que as pessoas não se deixassem levar apenas pelas promessas.

Certa manhã, após uma longa noite de reflexão, o poeta decidiu que era hora de compartilhar sua visão. Ele subiu a uma pequena colina, onde o profeta costumava pregar, e começou a recitar seus versos.

"O futuro, caro povo, não é apenas o que se sonha, mas também o que se vive. As ilusões podem ser lindas, mas são as verdades que nos moldam."

Suas palavras dançavam no ar, misturando-se ao vento que passava.

Os aldeões, inicialmente confusos, começaram a ouvir com atenção. O poeta falava sobre a fragilidade da esperança e a beleza das cicatrizes que cada um carrega em sua alma.

"Em cada sorriso escondido, há uma lágrima que não foi enxugada. Em cada sonho realizado, uma renúncia ficou para trás."

Ele coloria o futuro não apenas com a paleta da esperança, mas também com as sombras da realidade.

O profeta, que até então ouvira em silêncio, sentiu-se incomodado. Ele acreditava que seu papel era inspirar e

elevar os espíritos, enquanto o poeta parecia querer puxar as pessoas de volta para o chão.

"Mas o que é a vida sem sonhos?", questionou o profeta. "Como podemos viver sem acreditar em um futuro melhor?"

O poeta olhou nos olhos do profeta e respondeu:

"Os sonhos são essenciais, mas não devem nos cegar. O futuro é construído sobre as bases do presente. Precisamos reconhecer nossas dores, nossas falhas, para que possamos realmente transformar o que está por vir."

Havia uma tensão no ar, uma batalha de ideias entre o idealismo do profeta e o pragmatismo do poeta.

Os aldeões, fascinados pela troca, começaram a refletir sobre suas próprias vidas. Era verdade que o profeta trazia esperança, mas também era verdade que o poeta oferecia uma visão mais completa. As ilusões que o poeta coloria não eram meras escapadas; eram uma forma de abraçar a complexidade da vida.

Com o passar dos dias, a aldeia começou a mudar. As pessoas começaram a falar mais, a compartilhar suas histórias, seus medos e suas esperanças. O profeta e o poeta, ao invés de se oporem, começaram a trabalhar juntos.

O profeta falava sobre o futuro e a importância de sonhar, enquanto o poeta trazia as verdades do presente, colorindo os sonhos com a realidade das experiências vividas.

Juntos, eles formaram uma aliança poderosa. O profeta idealizava, mas agora com a consciência das lutas que os aldeões enfrentavam. E o poeta finalizava, não apenas com ilusões, mas com a rica tapeçaria de emoções que compunham a vida de cada um. As previsões do profeta agora estavam entrelaçadas com as verdades do poeta, criando uma narrativa mais profunda e rica.

A aldeia floresceu, não apenas em termos de prosperidade material, mas em conexões humanas. As pessoas aprenderam a sonhar, a esperar pelo futuro, mas também a viver intensamente o presente. O futuro não era apenas um destino a ser alcançado, mas uma jornada a ser apreciada, cheia de cores, sombras e nuances.

E assim, sob a luz do sol poente, o profeta e o poeta caminhavam lado a lado, reconhecendo que, juntos, poderiam iluminar não apenas o horizonte, mas também os corações da aldeia. O futuro, agora, não era apenas uma promessa, mas uma tela em branco, onde cada um poderia pintar sua própria história, entrelaçando sonhos e realidades em uma dança harmoniosa.

José Feldman

A esperança nunca morre

Gumercindo, um senhor viúvo de 75 anos, passava seus dias em uma rotina tranquila, mas marcada pela solidão. Seu filho, Tião, de 25 anos, era seu maior orgulho e a razão de muitos sorrisos. No entanto, uma discussão durante um jantar, uma daquelas que surgem do nada, fez com que a relação entre eles desmoronasse. Tião, impetuoso e determinado a não aceitar a realidade que o cercava, saiu de casa sem se despedir, deixando seu pai com o coração pesado e a alma magoada.

Os anos passaram, e Tião, ao invés de buscar a reconciliação, mergulhou em sua carreira e em sua vida, tornando-se uma figura pública conhecida. O sucesso, no entanto, não preencheu o vazio deixado pela falta do pai. Gumercindo, por sua vez, esperava. Cada dia, sentado na varanda de sua casa, ele olhava pela rua, esperando que o filho voltasse. O orgulho que sentia por Tião era imenso, mas a dor do abandono o corroía lentamente.

Foi em um dia qualquer, após cinco longos anos, que Tião leu uma notícia devastadora em um jornal: seu pai havia falecido. O mundo ao seu redor pareceu desmoronar. Desesperado, ele decidiu voltar para a cidade onde cresceu, onde a casa que um dia foi cheia de risos agora guardava apenas ecos de memórias.

Ao chegar, encontrou a casa fechada, como se o tempo tivesse parado. Foi então que Leandro, um vizinho e amigo de Gumercindo, ao vê-lo, se aproximou. Ele possuía a chave da casa e, percebendo a dor nos olhos de Tião, abriu a porta. O cheiro de madeira antiga e o silêncio o acolheram de maneira quase dolorosa.

Enquanto caminhava pela casa, Tião se surpreendeu ao ver recortes de jornais e fotos pendurados nas paredes. Cada conquista sua, desde a infância até a vida adulta, estava ali, como uma galeria de orgulho e amor. Gumercindo, mesmo na ausência do filho, havia encontrado maneiras de celebrar o seu sucesso. E foi nesse momento que Leandro começou a contar histórias sobre Gumercindo.

"Seu pai sentava aqui todos os dias, na varanda. Ele falava de você com tanto carinho...", disse Leandro, com a voz embargada. "Ele esperava a sua volta, sonhando em poder te abraçar novamente. Mas a tristeza foi tomando conta dele. Ele tinha leucemia, e eu sempre tentava cuidar dele, mas a falta de você o consumia."

Tião escutava em silêncio, cada palavra como uma punhalada em seu coração. A imagem de seu pai esperando por ele, definindo-se dia após dia, foi mais do que ele poderia suportar. Ele nunca soube o quanto o pai o amava, mesmo quando se afastaram. E agora, o peso da culpa começou a se instalar.

A morte de Gumercindo não foi apenas uma perda, foi um divisor de águas. Tião, tomado pela dor e pela solidão, começou a beber. A bebida se tornou sua única companheira, uma tentativa de apagar a lembrança da dor que ele mesmo causara. Mas Leandro, já idoso e com sua própria batalha contra o câncer, não o abandonou. Ele percebia que Tião precisava de ajuda.

Com o tempo, a relação entre eles se fortaleceu. Tião começou a cuidar de Leandro, retribuindo o carinho que recebera. E em um momento de fraqueza, quando a vida de Leandro se esvaía, ele sussurrou: "Seu pai tinha muito orgulho de você. Agora eu sei por quê. Obrigado por seu carinho, seu pai me passou um recado, caso você voltasse: Eu te perdoo, meu filho, você vive em meu coração."

Essas palavras foram um bálsamo para Tião. Ele entendeu que o amor de um pai é incondicional e que, mesmo nas piores circunstâncias, sempre há espaço para o perdão. A vida, com suas reviravoltas, havia lhe ensinado uma lição dolorosa, mas necessária.

Após a morte de Leandro, Tião se viu imerso em um mar de sentimentos conflitantes. A culpa que já o consumia pela morte de seu pai agora se amplificava, pois sentia que havia falhado mais uma vez, perdendo outra figura paterna importante em sua vida.

No início, ele ficou recluso, revivendo suas memórias com Leandro, lembrando-se do apoio que recebeu e das lições que aprendeu. Ele começou a perceber que a relação com Leandro, assim como a que teve com seu pai, era marcada por amor e aprendizado. Essa reflexão o levou a aceitar que a culpa não deveria ser um fardo, mas uma motivação para mudar.

Ele decidiu enfrentar sua dor em vez de se afogar nela. Ele começou a frequentar grupos de apoio, onde compartilhava suas experiências e ouvia histórias de outras pessoas. Isso não apenas o ajudou a lidar com seus sentimentos, mas também lhe ensinou sobre empatia e a importância de cultivar relacionamentos.

Com o tempo, começou a honrar a memória de seu pai e Leandro de maneiras práticas. Ele se envolveu em atividades comunitárias, ajudando jovens que enfrentavam desafios semelhantes aos que ele mesmo passou. Ao fazer isso, sentia que estava transformando sua dor em algo positivo, contribuindo para a vida de outros e, assim, mantendo vivos os legados de amor e orgulho de seus pais.

Através da escrita, Tião começou a expressar seus sentimentos em um diário. Ele escrevia cartas para seu pai e Leandro, compartilhando suas reflexões, arrependimentos e promessas de mudança. Esse processo se tornou uma forma de cura, permitindo-lhe dialogar com os que haviam partido e encontrar paz interior.

Com o tempo, percebeu que a culpa poderia ser transformada em força. Ele decidiu que não queria mais viver à sombra da dor, mas sim como um exemplo do que Gumercindo e Leandro sempre acreditaram que ele poderia ser. Essa nova perspectiva o ajudou a reconstruir sua vida, cercando-se de pessoas que o apoiavam e incentivavam.

A culpa, embora pesada, se tornou uma aliada na jornada dele. Ele aprendeu que, para honrar aqueles que amava, precisava viver plenamente e com propósito. Assim, não apenas lidou com sua dor, mas também encontrou um caminho para a redenção, transformando sua vida em um tributo ao amor que sempre recebera.

Tião percebeu a importância de não abandonar os pais, de valorizar cada momento. Eles sempre têm orgulho e muito amor pelos filhos, mesmo quando a relação parece estar quebrada. E, assim, ele decidiu não apenas honrar a memória de seu pai, mas também se tornar um homem melhor, não apenas para si, mas para aqueles que ainda o cercavam.

A vida, afinal, é muito curta para ser vivida com arrependimentos. Ele prometeu a si mesmo que, ao olhar para o futuro, faria isso com amor e gratidão, sabendo que, em cada passo, carregaria consigo o legado de seu pai.

O sonho do poeta

Texto construído tendo por base a trova de Carolina Ramos (Santos/SP)

Sofredor desde menino
e tendo o sonho por meta
quis saber qual seu destino,
diz-lhe o cigano: - Poeta!

Numa pequena cidade do interior de São Paulo, onde as ruas de paralelepípedos contavam histórias de tempos passados, havia um menino chamado Odair. Desde muito jovem, ele se sentia diferente dos outros. Enquanto seus amigos se divertiam jogando futebol ou brincando na rua, ele passava horas observando as nuvens, sonhando

acordado e escrevendo os sentimentos que brotavam de sua alma. Era um sonhador, um poeta em formação, mesmo que as palavras ainda não tivessem encontrado seu lugar nas páginas de um caderno.

Ele cresceu em uma família simples, onde o sofrimento e as dificuldades eram companheiros constantes. Seu pai, um trabalhador incansável, lutava para sustentar a família, enquanto sua mãe, sempre otimista, tentava encontrar a beleza nas pequenas coisas do dia a dia. Desde menino, Odair aprendeu que a vida era uma jornada repleta de desafios, mas seu coração pulsava com a esperança de que os sonhos poderiam, um dia, se transformar em realidade.

Certa manhã, enquanto caminhava pela feira da cidade, viu um grupo de pessoas reunidas em torno de um homem distinto, vestido com roupas coloridas e adornos brilhantes. Era um cigano, conhecido por suas previsões e sabedoria. A curiosidade tomou conta dele, e se aproximou para ouvir o que o homem tinha a dizer. Os murmúrios da multidão eram cheios de expectativa, e o cigano parecia ter uma aura mágica que atraía todos a ele.

Quando chegou sua vez, Odair, nervoso, pediu ao cigano que lhe dissesse qual era seu destino. O homem olhou fundo em seus olhos, como se estivesse penetrando em sua alma. Após um longo silêncio, ele sorriu e disse: "Sofredor desde menino e tendo o sonho por meta, quis saber qual seu destino. E eu lhe digo: Poeta!"

Aquelas palavras ecoaram na mente de Odair como um tambor distante. Ele não sabia ao certo o que o cigano queria dizer, mas algo dentro dele se acendeu. O sonho que sempre carregou como um fardo agora se apresentava como uma identidade. Ser poeta era mais do que escrever; era uma forma de viver, de transformar o sofrimento em arte. Sentiu que, de alguma forma, aquele encontro mudaria sua vida para sempre.

Após a feira, ele passou a dedicar-se ainda mais à sua escrita. Cada dor, cada alegria, cada momento de sua vida se tornava um verso, uma estrofe, uma canção. Ele escrevia sobre as lutas de sua família, as belezas do cotidiano, os amores perdidos e as esperanças renovadas. Com o passar do tempo, suas palavras começaram a ganhar vida própria, como se estivessem aguardando o momento certo para florescer.

Porém, a jornada do poeta não era fácil. Odair enfrentou a rejeição de editoras, a crítica de pessoas que não compreendiam sua arte e, por vezes, até a falta de inspiração. Mas, mesmo nos momentos de desânimo, ele se lembrava das palavras do cigano. O sonho de ser poeta era sua meta, e ele não poderia desistir. Assim, continuou a

escrever, mesmo quando as palavras pareciam se esconder nas sombras.

Certa noite, enquanto caminhava à beira do lago que tanto amava, sentou-se à sombra de uma árvore e refletiu sobre sua vida. Ele olhou para a superfície da água, que refletia a luz da lua, e sentiu uma onda de gratidão. As dificuldades que enfrentara o tornaram mais forte, mais sensível ao mundo ao seu redor. Ele entendeu que a dor e o sofrimento são partes essenciais da vida, moldando não apenas quem somos, mas também a arte que criamos.

Com o tempo, começou a compartilhar seus poemas em pequenos saraus e encontros literários na cidade. As pessoas começaram a reconhecer seu talento, e suas palavras tocaram os corações de muitos. Aquela conexão que ele sempre buscava finalmente se concretizava. O sofrimento, que antes parecia um fardo, agora se transformava em uma ponte que unia almas.

Anos se passaram, e Odair tornou-se um poeta respeitado em sua comunidade. Com suas publicações e leituras, ele inspirou outros a encontrar suas vozes e a expressar seus sentimentos. O cigano, com suas palavras enigmáticas, havia acertado: o destino dele era ser um poeta, e ele havia cumprido essa missão com coragem e determinação.

Certa tarde, ao receber um prêmio por suas contribuições à literatura, Odair subiu ao palco e, antes de agradecer, lembrou-se do cigano. Ele compartilhou com a plateia a mensagem que sempre guiou sua jornada: "Nunca subestime o poder dos sonhos. Eles podem ser a luz que brilha nas horas mais escuras. O sofrimento é apenas um capítulo da vida, e o que importa é como escolhemos contar nossa história."

E assim, ele se tornou um símbolo de esperança e inspiração, provando que mesmo as jornadas mais difíceis podem levar a destinos extraordinários. Que, ao longo de nossa vida, possamos lembrar que, mesmo nas sombras do sofrimento, os sonhos são a chave para a transformação e a verdadeira realização.

A Caixinha de Música

José Feldman

Era uma manhã de sol intenso nas ruas de uma cidade. Entre os prédios imponentes e as pessoas apressadas, havia uma menina de cabelos desgrenhados e roupas puídas. Seu nome era Belinda, e sua casa era a calçada. Apesar da dureza da vida, havia uma luz especial em seus olhos, uma chama que a mantinha viva em meio à escuridão.

Belinda possuía apenas uma caixinha de música, um objeto simples, mas que guardava todo o seu mundo. Quando a abria, uma bailarina de porcelana começava a rodopiar, enquanto uma melodia suave preenchia o ar. Aquela presença delicada era seu refúgio, o escape de uma realidade dura. Ela sonhava acordada, imaginando-se girando sob os holofotes, vestida com um vestido brilhante, dançando como as estrelas que via à noite.

A cada dia, ela se sentava em um canto da praça, onde o som das risadas e das conversas se misturava à música da sua caixinha. As pessoas passavam, algumas lançavam

olhares de compaixão, outras ignoravam. Mas para ela, nada disso importava. A bailarina dançava, e ela sonhava.

Certa tarde, enquanto o sol começava a se pôr, tingindo o céu de laranja e rosa, ela decidiu que era hora de mostrar sua caixinha a um grupo de crianças que brincavam nas proximidades. Com um sorriso radiante, abriu a caixinha, e a música começou a tocar. As crianças pararam, fascinadas pela dança da bailarina, e ela se deixou levar pela melodia, girando e rodopiando junto com sua criação.

Mas, em um momento de distração, a caixinha escorregou de suas mãos. O tempo pareceu se desacelerar enquanto ela via o objeto precioso cair. O som do impacto foi como um trovão em sua mente. A música parou abruptamente, e a bailarina ficou imóvel, como se tivesse perdido a vida.

Belinda sentiu uma onda de desespero invadi-la. As lágrimas escorriam pelo seu rosto, misturando-se com a poeira da calçada. O que era ela sem sua música? O que era seu sonho sem a bailarina girando? O mundo ao seu redor parecia escurecer, e a tristeza a envolveu como um manto pesado.

Neste momento de dor, um senhor idoso, que sempre passava por ali com sua bengala, notou a cena. Ele se aproximou, agachou-se lentamente e pegou a caixinha do chão. Suas mãos, envelhecidas mas firmes, examinavam o pequeno objeto com cuidado. Ela o observava, a respiração entrecortada pela ansiedade, sem saber o que esperar.

Com um toque suave, o velho abriu a caixinha. Ele olhou para Belinda e sorriu, um sorriso que parecia carregar a sabedoria de uma vida inteira. Então, com um gesto habilidoso começou a ajustar a engrenagem. Para a surpresa dela, a música começou a tocar novamente. A bailarina, como por encanto, voltou a girar e a melodia encheu o ar.

— Aqui está, menina — disse o velho, entregando a caixinha de volta a ela. Sua voz era doce, como a brisa suave que soprava entre as árvores. — A verdadeira mágica, menina, é nunca deixar de sonhar.

Ela, com os olhos brilhando de gratidão, segurou a caixinha contra o peito. O senhor a observava, e em seu olhar havia algo que a fez sentir que ele entendia a profundidade de seu sonho. Naquele instante, a tristeza se dissipou, e a esperança floresceu novamente dentro dela.

— Obrigada! — sussurrou, com a voz embargada.

Ele sorriu novamente, e antes de se afastar, acrescentou:

— Lembre-se, os sonhos são como esta música. Às vezes, podem parar, mas sempre podem voltar a tocar. Basta acreditar.

Com o coração renovado, Belinda observou o homem se afastar, enquanto a música continuava a tocar. A bailarina girava, e com ela, seus sonhos voltavam a dançar. A caixinha de música não era apenas um objeto, era um símbolo de que mesmo nas sombras da vida, a luz da esperança nunca se extingue.

E assim, todos os dias, ela se sentava na praça abrindo sua caixinha e dançando com a bailarina, sonhando e acreditando que as dificuldades são passageiras e nunca deixaria que apagassem a música de sua vida.

Os dias passaram e Belinda continuava a visitar a praça, sempre com sua caixinha de música. A cada manhã, o velho senhor a encontrava ali, assistindo-a dançar e sonhar. Em uma dessas manhãs, enquanto a música ecoava suavemente, ele se aproximou e se sentou ao seu lado.

— Menina — começou ele, com um olhar gentil —, eu percebo que você ama dançar. O que você sonha em ser quando crescer?

Ela hesitou por um momento, mas a confiança que aquele homem lhe proporcionara a encorajou a abrir seu coração.

— Eu quero ser bailarina, como a da minha caixinha — disse ela, com os olhos brilhando de emoção. — Quero dançar para o mundo todo ver.

O velho sorriu amplamente, seus olhos se iluminando com a determinação da menina. Então, ele decidiu que era hora de transformar aquele sonho em realidade.

— Venha, querida — disse ele, estendendo a mão para ela. — Tenho algo especial para você.

Com um misto de curiosidade e excitação, ela segurou a mão dele, que era firme e calorosa. O caminho que seguiram levou-os a uma escola de dança, um lugar onde a música preenchia o ar e as crianças se moviam com graça e alegria. Ela ficou maravilhada ao entrar, seus olhos se arregalando ao ver as bailarinas rodopiando e se alongando.

— É aqui que você vai aprender a dançar — disse o senhor, olhando para ela com ternura. — Eu quero que você faça parte deste mundo.

Ela não conseguia acreditar. Olhou para o homem, seu coração acelerado de felicidade. Ele se dirigiu à diretora da escola, e com um tom firme e respeitoso, pediu que aceitassem Belinda como aluna. A diretora, tocada pela história do senhor e pela paixão da menina, concordou.

Quando o senhor se virou para Belinda, ela estava tão emocionada que lágrimas de alegria escorriam pelo seu

rosto. Ela correu até ele e o abraçou com força, sentindo a segurança e o carinho que ele lhe oferecia.

— Obrigada, vovô! — exclamou, a palavra saindo de seus lábios como um sussurro mágico. Ela nunca havia conhecido um avô, mas sentia que aquele homem havia preenchido um espaço vazio em seu coração.

O velho, que sempre vivera sozinho, sentiu uma onda de emoção. Ele nunca imaginou que poderia ter uma neta, alguém para cuidar e amar. A partir daquele dia, Belinda tornou-se a luz da sua vida. Ele a acompanhava nas aulas, a incentivava em cada passo e a congratulava por cada conquista.

Os anos se passaram, e Belinda cresceu, transformando-se em uma bela jovem com um talento excepcional para a dança. Ela subia ao palco com a mesma alegria que sentia ao rodopiar com sua caixinha de música. Cada apresentação era uma homenagem a sua infância, àquela bailarina que sempre dançava para ela.

Apesar de seu sucesso, ela nunca abandonou sua caixinha. Ela a mantinha em um lugar especial de seu coração. Às vezes, em momentos de dúvida ou cansaço, abria a caixinha e deixava a melodia envolver seu ser. Era um lembrete constante das suas raízes e da importância de acreditar.

Em uma noite especial, quando Belinda se preparava para uma grande apresentação, ela olhou nos olhos do seu "vovô", que estava sentado na primeira fila, orgulhoso e emocionado. Ele sempre dizia:

— Lembre-se, os sonhos são como esta música. Às vezes, podem parar, mas sempre podem voltar a tocar. Basta acreditar.

Com essas palavras ecoando em sua mente, subiu ao palco. A luz a abraçou, e a música começou. Ela dançou como nunca antes, cada movimento uma celebração de sua jornada, do amor que a cercava e da mágica que existia em nunca deixar de sonhar.

E no fundo de seu coração, sabia que, independentemente do que acontecesse, sua caixinha de música sempre tocaria, guiando-a por toda a vida.

Solidão: Ser e estar

José Feldman

A solidão é uma das experiências mais universais e, ao mesmo tempo, mais profundamente particulares da condição humana. Em um mundo hiperconectado, onde a comunicação flui instantaneamente através de telas e redes sociais, a ironia é que muitos se sentem mais sozinhos do que nunca. Esta contradição nos leva a refletir sobre o impacto da solidão no ser humano, suas nuances, suas dores, e, paradoxalmente, seus potenciais benefícios.

Para alguns, a solidão é uma sombra que se estende, envolvendo o ser em um manto de tristeza e abandono. A ausência de companhia, a falta de diálogo e a desconexão emocional podem se transformar em um labirinto sem saída. Ao olhar ao redor, muitos se deparam com o eco de suas próprias vozes, e a vida se torna um monólogo onde cada pensamento se torna um peso. A perda de vontade de viver é uma consequência comum - a solidão, em sua forma mais crua, pode corroer a esperança e o desejo de mudança.

Entretanto, a solidão não é apenas um estado de dor. Ela também pode ser um espaço de introspecção e autodescoberta. A solidão, quando bem administrada,

oferece uma oportunidade ímpar de reflexão. Em momentos de quietude, o ser humano pode se voltar para dentro, questionar suas crenças, reavaliar seus valores e, quem sabe, encontrar um novo propósito. É nesse silêncio que muitos artistas, pensadores e filósofos encontraram sua voz. A solidão, nesse contexto, pode ser um terreno fértil para a criatividade e o crescimento pessoal.

Diante desse quadro, a questão que se impõe é: como podemos ajudar aqueles que se encontram presos na solidão? A resposta exige empatia, compreensão e ação. O primeiro passo é a escuta atenta. Muitas vezes, aqueles que se sentem sozinhos apenas desejam ser ouvidos. Um simples gesto de atenção pode fazer toda a diferença. Conversas informais, um convite para um café ou uma caminhada no parque podem quebrar a barreira da solidão e reacender a chama da conexão humana.

Além disso, é fundamental reconhecer que a solidão não é uma falha pessoal, mas uma condição da vida. Ajudar alguém a entender que não está sozinho em sua experiência é um presente poderoso. Compartilhar histórias, experiências e dificuldades pode criar um vínculo que transforma a solidão em uma jornada compartilhada. Muitas vezes, as pessoas se sentem mais confortáveis em abrir-se quando percebem que outros também enfrentam desafios semelhantes.

Outro aspecto importante é a promoção de atividades comunitárias. Grupos de leitura, oficinas de arte, ou até mesmo clubes de caminhada podem oferecer oportunidades para que os solitários se conectem com outros e encontrem um senso de pertencimento. A socialização, quando feita de forma gradual e respeitosa, pode ajudar a reestabelecer laços e a confiança em relacionamentos.

Por outro lado, é crucial respeitar o espaço do outro. Não se deve forçar a interação, pois isso pode resultar em mais angústia. Cada um tem seu tempo e seu modo de lidar com a solidão. O apoio deve ser oferecido, mas sempre de maneira sensível e atenta.

A solidão, portanto, é uma condição ambivalente. Ela pode ser uma fonte de dor profunda ou um espaço para o florescimento pessoal. O desafio está em encontrar um equilíbrio, em reconhecer quando a solidão se torna um fardo e em buscar formas de transformá-la em uma oportunidade de conexão e crescimento.

Viver sozinho pode ser um ato de resistência ou um convite ao autoconhecimento. A chave está em como cada um lida com essa experiência. Para muitos, a solidão é um estado transitório, um capítulo que pode ser escrito com novas histórias de amor, amizade e pertencimento. Para outros,

pode ser um lugar de reflexão profunda, mas que, se não for cuidado, pode levar à ruína da vontade de viver.

Assim, cabe a nós, enquanto sociedade, cultivar uma cultura de acolhimento, onde a solidão não seja estigmatizada, mas compreendida. Ao estender a mão para aqueles que se sentem sós, podemos juntos construir um mundo onde cada ser humano se sinta visto, ouvido e amado. A solidão, quando compartilhada, não precisa ser um fardo, mas pode se tornar um espaço onde todos aprendem a se conectar com a essência do ser humano: o amor e a empatia.

Amores na mocidade

Texto construído tendo por base a trova do Professor Garcia (Caicó/RN)

Amores na mocidade!...
Depois, a contrapartida:
cansaço, dor e saudade
na curva extrema da vida!

Numa pequena cidade , onde o sol sempre brilhava e as flores coloridas enfeitavam as ruas, vivia uma jovem chamada Lara. Em sua juventude, era conhecida por sua beleza radiante e sua risada contagiante. Ela sonhava com grandes amores, com aventuras que a levariam a lugares distantes e emocionantes. Ao lado de suas amigas,

costumava passar as tardes discutindo sobre os romances que lia e imaginando o príncipe encantado que um dia surgiria em sua vida.

Certa manhã, enquanto caminhava pelo parque, Lara encontrou um jovem chamado Lúcio. Ele era diferente de todos que conhecia: tinha um olhar profundo e um jeito tranquilo que a encantava. Os dois logo se tornaram inseparáveis, compartilhando risadas, sonhos e promessas de um futuro juntos. Os dias se transformaram em meses, e aqueles momentos de amor intenso pareciam eternos. Eles faziam planos, falavam sobre construir uma vida juntos e acreditavam que a felicidade seria infinita.

Contudo, com o passar do tempo, a paixão que os unia começou a se transformar. As diferenças entre eles se tornaram evidentes, e as pequenas desavenças que antes eram insignificantes começaram a se acumular. Lúcio, que sempre fora sonhador, agora se via pressionado a assumir responsabilidades que não desejava. Lara, por sua vez, aspirava por aventuras e desafios, enquanto ele buscava segurança e tranquilidade. O amor que antes parecia inabalável começou a fraquejar sob o peso das expectativas e da realidade.

Após alguns meses de tentativas frustradas de resolver suas diferenças, eles decidiram se separar.

O término foi doloroso, e ambos sentiram a perda de um futuro que acreditavam ser certo. Lara, em particular, sentiu uma onda de saudade que a envolveu como um manto pesado. As memórias dos momentos felizes pareciam agora uma sombra do que poderia ter sido. A cidade que antes vibrava com as cores de sua juventude agora parecia mais cinzenta e solitária.

Com o passar do tempo, ela buscou consolo em novas amizades, mas a dor da perda permanecia. Ela percebeu que, apesar da beleza dos amores da mocidade, havia uma contrapartida que não se podia ignorar: o cansaço emocional, a dor da saudade e a sensação de que algo precioso havia sido deixado para trás. Ela começou a refletir sobre o que realmente significava o amor e como, muitas vezes, ele podia ser fugaz e decepcionante.

Anos se passaram, e ela se tornou uma mulher mais madura. Ela viveu novos relacionamentos, cada um trazendo suas próprias lições e desafios. Aprendeu a valorizar não apenas os momentos de alegria, mas também as dificuldades que moldavam seu caráter. As cicatrizes emocionais que carregava se tornaram parte de sua história, e ela começou a aceitar que o amor, em suas diferentes formas, é uma jornada repleta de altos e baixos.

Um dia, durante um passeio pelo parque, encontrou Lúcio novamente. Ambos estavam mais velhos, com marcas de vida que contavam histórias de amores e perdas. Eles se cumprimentaram com um sorriso tímido, lembrando-se da intensidade da juventude. A conversa fluiu naturalmente, e logo estavam rindo das lembranças que compartilhavam.

"Você se lembra daquele verão?", perguntou Lara, com um brilho nostálgico nos olhos. "Aquele em que prometemos que seríamos sempre felizes?" ele sorriu, mas havia uma tristeza em seu olhar. "Sim, eu me lembro. Mas a vida nos ensinou que a felicidade é feita de muito mais do que apenas promessas."

A conversa se aprofundou, e os dois compartilharam suas experiências, seus erros e aprendizados ao longo dos anos. Ela percebeu que, apesar da dor e da saudade, havia algo belo na jornada que vivera. Cada amor, cada desilusão, havia contribuído para a mulher que se tornara. Ela compreendeu que, embora a vida pudesse ser desafiadora, cada capítulo era essencial para seu crescimento.

Ao final do encontro, Lara e Lúcio se despediram com um abraço sincero, cada um levando consigo uma sensação de paz. Ela percebeu que os amores na mocidade, com suas alegrias e tristezas, não eram em vão. Eles faziam parte dos retalhos da vida, cada tecido contribuindo para a imagem mais ampla de quem ela era.

E assim, com o coração mais leve, caminhou de volta para casa, sabendo que a vida, com suas curvas extremas, era uma jornada que valia a pena. A moral dessa história ficou clara em sua mente e coração:

Os amores da juventude, com suas alegrias e dores, são fundamentais para moldar quem nos tornamos, e mesmo na saudade, há beleza e aprendizado.

A síndrome da folha em branco madrugada adentro

José Feldman

A madrugada se estende como um tapete sujo e sem graça, daqueles que você encontra em liquidações de garagem. E eu, no meio desse tapete, revirando-me na cama como um frango assado esquecido no forno. A insônia e a falta de inspiração formam uma dupla imbatível, tipo Batman e Robin da desgraça criativa. Só que, no caso, o Coringa sou eu, rindo histericamente do meu próprio fracasso literário.

Deveria estar sonhando com mundos fantásticos, personagens cativantes e reviravoltas mirabolantes. Em vez disso, a minha mente é um deserto árido, onde o único oásis é a contagem regressiva para o amanhecer. E cada segundo parece uma eternidade, martelando nos meus ouvidos como o baterista de uma banda de heavy metal bêbado.

A inspiração, essa vadia ingrata, me abandonou faz tempo. Acho que ela fugiu para uma ilha deserta com um grupo de

escritores adolescentes que escrevem fanfics eróticas sobre duendes. E eu, aqui, com um bloqueio criativo do tamanho do Monte Everest.

Já tentei de tudo para driblar a insônia. Chá de camomila? Me deixa mais irritado. Contar carneirinhos? Acabo imaginando um churrasco e fico com fome. Meditação guiada? Adormeço no meio e acordo com a voz da instrutora dizendo: "Visualize sua paz interior... Zzzzzz... Ei, acorda!".

O problema é que a minha cabeça não desliga. Fica repassando os mesmos pensamentos obsessivamente: Por que a geladeira faz esse barulho estranho? Será que eu deixei o ferro ligado? Por que a Adele ainda não me convidou para ser o tema de uma música?

E, claro, a questão central: Por que diabos eu não consigo escrever NADA?!

Já tentei escrever sobre a minha insônia. Virou um tratado filosófico existencial tão chato que nem eu aguentei reler. Tentei escrever sobre a falta de inspiração. Virou uma metalinguagem pretensiosa que faria Jean-Paul Sartre ter um ataque de soluços.

Chego a invejar os meus vizinhos. Aposto que eles estão lá, roncando como ursos em hibernação, enquanto eu luto contra a sanidade em meio à escuridão. Será que eles têm o segredo para uma vida plena e bem dormida? Ou será que eles só usam tampões de ouvido e tomam soníferos escondido?

De repente, uma luz! Tive uma ideia! Vou escrever sobre... não, espera, já escrevi sobre isso antes. Era sobre um astronauta que se apaixona por uma alienígena que trabalha em um food truck de tacos espaciais. Foi um fracasso retumbante.

Acho que preciso mudar de ambiente. Talvez o problema seja o meu quarto. Essa cama, com esse colchão macio e esses lençóis de algodão que me abraçam como uma mãe judia superprotetora. Espera aí... talvez o problema seja o edredom! Ele é tão quentinho e aconchegante que me induz ao sono, mas não ao sono profundo e revigorante, e sim a um estado de semi-coma que me deixa mais cansado do que antes.

É isso! Vou me livrar do edredom! Vou dormir no chão, enrolado em um cobertor de lã áspero e desconfortável. Assim, vou ficar acordado e alerta, pronto para capturar as ideias que ousarem cruzar o meu caminho.

(Cinco minutos depois)

Ok, o chão é duro. O cobertor pinica. E estou com frio. Mas pelo menos estou acordado! E... e... e...

(Ronco alto e prolongado)

Pelo visto, a maldição do edredom é mais forte do que eu imaginava. E a insônia, a inspiração zero e o sono incontrolável formam um triângulo amoroso perverso que me condena a uma vida de crônicas inconclusivas e madrugadas desperdiçadas.

Mas, ei, pelo menos tenho material para escrever. De novo. Se eu conseguir acordar, é claro. E se a inspiração resolver dar as caras. E se a parar de assistir vídeos de gatinhos no YouTube. Bem, talvez eu devesse me contentar em dormir e sonhar com a Adele me convidando para um show. Pelo menos no sonho, eu sou um escritor famoso e bem-sucedido. E a pizza de calabreza com borda recheada nunca acaba.

A História de uma cadela

José Feldman

Olá, humanos! Meu nome é Laila, e sou uma cadela que tem uma história para contar. Minha vida começou em uma manhã de sol com algumas nuvens, mas como todos sabem, nem sempre o sol brilha para todos. Eu nasci em uma caixa de papelão, em um canto qualquer esquecido em uma rua movimentada. Minha mãe, uma cadela valente, tentou me proteger, mas o mundo lá fora era difícil, e logo ela sumiu e eu nem sei porquê, deixando-me e meus irmãos sozinhos.

Os primeiros dias da minha vida foram cheios de barulhos estranhos e cheiros intensos. Haviam pessoas passando na rua, mas ninguém parecia se importar ou mesmo notar a gente. Eu e meus irmãos nos aconchegávamos juntos, tentando manter o calor e a esperança. Mas, conforme o tempo decorria, um a um, eles foram desaparecendo. O medo e a solidão começaram a ser meus companheiros.

Eu ainda me lembro do dia em que a caixa foi descoberta. Um grupo de crianças a abriu, e eu, com meu pequeno corpo trêmulo, tentei abanar o rabo.

"Olha! Um filhote!" - gritou uma delas.

Mas logo as risadas se transformaram em gritos de desespero, e as crianças começaram a chorar quando perceberam que não podiam ficar comigo.

E assim, eu fui deixada para trás, sozinha novamente.

A vida na rua era dura. Eu procurava comida entre os restos de lanches e tentava me esconder do frio à noite. Aprendi a evitar os humanos que passavam apressados, e a me manter distante dos carros que zuniam. A cada dia, e cada vez mais eu me tornava mais cautelosa, mas a esperança de um lar nunca me abandonou. Sonhava com um lugar quentinho, onde pudesse dormir em paz.

Certa vez, enquanto procurava comida, conheci outros cães. Eles eram mais velhos e tinham suas próprias histórias. Um deles, um vira-lata chamado Lúcio, me ensinou a caçar migalhas e a encontrar abrigo.

"Você precisa ter cuidado", dizia ele, com suas palavras sábias. "A vida na rua pode ser cruel, mas nós somos sobreviventes."

Foi em um dia qualquer, em que o inverno estava inclemente e eu com muito frio, que tudo mudou. Eu estava encolhida em um canto, quando um homem apareceu. Ele não parecia apressado como os outros, tinha uma expressão gentil e um olhar que transmitia calma. Quando se aproximou, meu coração disparou.

"Ôi, pequena", disse ele, agachando-se. "Você está sozinha?"

Naquele momento, algo dentro de mim despertou. Eu sabia que ele era diferente. Ele me ofereceu um pedaço de carne de um sanduíche que tinha nas mãos e, com a barriga roncando, não pude resistir. Depois de comer, eu me aproximei dele, hesitante, mas ele estendeu a mão e acariciou minha orelha. Era o toque mais suave que eu já havia sentido.

Ele decidiu me levar para casa. O caminho foi uma mistura de emoções: medo, alegria e incredulidade. Quando cheguei em sua casa, percebi que era um lugar acolhedor, cheio de cheiros que transmitiam conforto. Ele me deu um nome: Laila, e desde então, minha vida começou a mudar.

Nos primeiros dias, eu ainda ficava tímida e desconfiada. Mas ele, com muita paciência, foi me mostrando que eu estava salva, que não havia razão para eu me preocupar. Ele me chamava de "irmã", e isso fez meu coração se aquecer.

"Você é parte da minha família agora", dizia ele, enquanto me oferecia carinho e um cobertor quentinho para dormir.

Os dias se passaram, e eu fui descobrindo o que era ser amada. Ele me levava para passear no parque, onde eu corria livre, sentindo a grama debaixo de minhas patas. O cheiro das flores e o canto dos pássaros eram um verdadeiro banquete para os meus sentidos. Nunca havia experimentado tanta alegria.

Ele sempre falava comigo, contando suas histórias, e eu me sentia como se estivesse entendendo tudo. "Hoje, Laila, vamos fazer um piquenique!", ele dizia, e eu saltava de alegria. Eu adorava quando ele preparava sanduíches e levava biscoitos para mim.

Às vezes, enquanto observava os outros cães brincando, eu me lembrava da vida na rua. O medo, a solidão e o desamparo. Mas agora, eu tinha um lar, e isso fazia sentir que tudo tinha valido a pena. Cada dificuldade que enfrentei me trouxe até ele, e eu não trocaria isso por nada.

"Você sabe, Laila", ele dizia com um olhar contemplativo, "a vida é cheia de altos e baixos, mas sempre devemos olhar para frente."

E eu, com a cabeça apoiada nas pernas dele, sentia que ao seu lado poderia enfrentar qualquer coisa.

Hoje, continuo a viver com ele, que se tornou meu melhor amigo e protetor. Ele cuida de mim com tanto amor, e eu retribuo com minha lealdade e carinho. Juntos, exploramos novos lugares, vivemos aventuras e criamos memórias que ficarão para sempre em nossos corações.

A cada dia, agradeço por ter encontrado um lar e uma família. A vida pode ser cheia de surpresas, e a minha, que começou com abandono, agora é uma história de amor e superação.

Eu sou Laila, a cadela que encontrou seu lugar no mundo, e sempre vou lembrar que, por mais difícil que seja a jornada, o amor pode transformar tudo.

O jogo das ilusões

Texto construído tendo por base a trova de Solange Colombara (São Paulo/SP)

O mentiroso pensou
ter enganado a donzela...
Por interesse casou,
mas quem o enganou, foi ela!

Na pitoresca vila de São Lucas, onde as casas coloridas se alinhavam como um arco-íris e as flores perfumavam o ar, havia um jovem chamado Álvaro. Ele era charmoso e tinha um sorriso que derretia corações. No entanto, por trás daquela fachada encantadora, Álvaro carregava um segredo: ele era um mentiroso contumaz. Sua habilidade de enganar os outros era quase uma arte, e ele usava isso para conseguir o que desejava.

Certa vez, durante uma festa à beira do rio, Álvaro conheceu Isabela, uma donzela de beleza estonteante e inteligência aguçada. Desde que se olharam pela primeira vez, ele ficou fascinado. Isabela não era apenas uma moça qualquer, ela tinha uma aura de mistério e uma sagacidade que o intrigava.

Mas, como sempre, Álvaro viu em Isabela uma oportunidade. Ele decidiu que a conquistaria não por amor, mas por interesse: seu pai, um próspero comerciante, possuía uma fortuna considerável.

Álvaro começou a cortejá-la, usando todo o seu charme e persuasão. Ele contava histórias fantásticas sobre suas viagens, suas conquistas e seus planos grandiosos para o futuro. Isabela, no entanto, era mais esperta do que ele imaginava. Embora se sentisse lisonjeada pela atenção, ela percebia que havia algo de superficial nas promessas de Álvaro. Mas o jogo de sedução a divertia, e ela decidiu seguir na dança.

Com o decorrer dos meses, Álvaro foi se envolvendo cada vez mais com Isabela, mas sempre com um pé atrás. Ele a via como um meio para alcançar seus objetivos. Quando finalmente pediu sua mão em casamento, ele estava convencido de que tinha enganado a moça.

Casaram-se em uma cerimônia belíssima, rodeados por amigos e familiares, e Álvaro não podia deixar de pensar o quanto foi bem sucedido o seu plano.

No entanto, a verdadeira trama começou a se desenrolar após o casamento. Isabela, que parecia ser a moça ingênua que Álvaro pensava ter enganado, revelou-se uma mulher astuta e determinada. Ela não era apenas uma herdeira de um grande patrimônio, era também uma empresária perspicaz, bem informada sobre os negócios de seu pai e sobre como o mundo funcionava. Aos poucos, ela começou a perceber que Álvaro não era o homem que ele havia pintado em suas histórias.

Certa noite, enquanto Álvaro se gabava de seus "feitos" em uma conversa, Isabela decidiu dar o troco. Com um sorriso enigmático, ela começou a contar histórias sobre suas próprias "aventuras". Falou sobre como havia viajado por terras distantes, feito investimentos inteligentes e se envolvido em negócios lucrativos.

Álvaro, que estava acostumado a ser o centro das atenções, começou a se sentir desconfortável. Ele percebeu que Isabela não era uma moça desavisada, mas uma mulher que poderia, de fato, ser sua parceira em vez de apenas um troféu.

As semanas se passaram, e Álvaro se viu cada vez mais encurralado. Isabela começou a administrar os bens do

casal com uma habilidade que ele nunca imaginara. As histórias de suas "aventuras" se tornaram realidade, e logo ele percebeu que sua esposa era mais do que apenas uma herdeira: ela era uma força a ser reconhecida. O que ele via como uma conquista se transformou em um desafio, e a verdade começou a emergir.

Certa manhã, enquanto Álvaro revisava as contas da casa, encontrou um documento que o deixou intrigado. Era um contrato de sociedade que Isabela havia assinado com um grupo de investidores. Ao ler os detalhes, percebeu que Isabela não apenas conhecia o valor do dinheiro, mas também sabia como multiplicá-lo. O que ele pensava ser uma vida de luxo às custas da fortuna dela se tornara uma parceria em que ele não tinha controle.

Com o passar do tempo, a confiança que Álvaro tinha em sua própria capacidade de manipulação começou a desmoronar. Ele se sentia cada vez mais impotente e, em suas tentativas de manter a aparência de um marido bem sucedido, começou a mentir indiscriminadamente. Mas, para a sua surpresa, Isabela estava sempre um passo à frente. Ela sabia de suas mentiras e, em vez de confrontá-lo de imediato, decidiu usar isso a seu favor.

Certa noite, enquanto Álvaro tentava impressionar os amigos em um jantar, ele começou a contar uma história que envolvia uma conquista de negócios que, na verdade, nunca havia acontecido. Isabela, com um sorriso no rosto, interrompeu-o. "Álvaro, você se esqueceu de mencionar aquele investimento que fizemos juntos, não é? O que você está contando é um pouco diferente da realidade."

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Os amigos de Álvaro trocaram olhares confusos, e ele percebeu que a máscara estava prestes a cair.

A partir daquele momento, Isabela começou a tomar as rédeas da situação. Ela não fez um escândalo, em vez disso, usou sua inteligência e astúcia para transformar a dinâmica do relacionamento. Com um jeito gentil, mas firme, ela começou a fazer com que Álvaro percebesse o valor da honestidade. Ele, que pensava ter enganado a moça, agora se via engolido por suas próprias mentiras.

Isabela não apenas se tornou a administradora dos bens do casal, mas também a mentora de Álvaro. Com paciência e compreensão, ela o ensinou sobre a importância da transparência, da verdade e da parceria. Ele começou a perceber que suas mentiras não o protegiam, mas o isolavam. A vida a dois se transformou em um aprendizado mútuo, onde ambos se tornavam melhores a cada dia.

Com o tempo, Álvaro aprendeu a ser mais verdadeiro, não apenas consigo mesmo, mas também com Isabela. O amor que antes parecia baseado em interesses tornou-se uma relação autêntica, onde ambos se apoiavam e cresciam

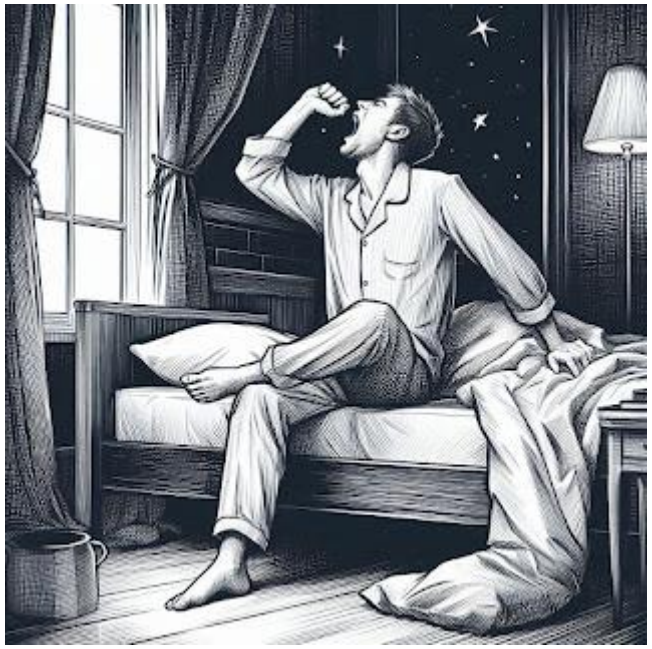
juntos. Ele começou a admirar a força e a determinação de sua esposa, e, mesmo que o início de sua história tivesse sido repleto de erros, o final prometia ser diferente.

Anos depois, quando olhavam para trás, ambos riam das artimanhas que haviam usado no início de seu relacionamento. Álvaro percebeu que, embora tivesse tentado enganar Isabela, foi ela quem realmente o havia ensinado sobre o amor verdadeiro. Em vez de um conto de fadas, sua história era uma narrativa de crescimento, de superação e de aprendizado mútuo.

E assim, a lição ficou clara: as mentiras podem enganar por um tempo, mas a verdade sempre se revela. Na dança do amor, quem tenta manipular pode acabar sendo o manipulado, e o que parece um jogo de interesses pode se transformar em uma parceria genuína.

No silêncio da madrugada

José Feldman



A casa estava mergulhada em um silêncio profundo, interrompido apenas pelo estalo ocasional de uma madeira antiga ou pelo leve sussurro do vento que entrava pelas frestas das janelas. Era uma madrugada como tantas outras, e enquanto o mundo lá fora dormia, eu me encontrava acordado, preso em um ciclo interminável de pensamentos e insônia.

Olhei para o relógio na parede. 3:17 da madrugada. A luz azulada do mostrador parecia zombar de mim, como se dissesse: "Outra vez, você está aqui!!"

Levantei-me da cama, sabendo que a melhor opção era me mover, mesmo que isso significasse vagar pela casa em busca de um pouco de paz.

Os corredores pareciam mais longos àquela hora. Cada passo ecoava, e a sensação de solidão se acentuava. A

cozinha era meu primeiro destino. Abri a geladeira, não por fome, mas pela esperança de que um copo de água gelada poderia trazer algum alívio. O barulho do motor da geladeira ressoava como um mantra, e eu me peguei pensando em quantas vezes, nas últimas semanas, havia me encontrado nesse mesmo ritual.

Depois de um gole de água, caminhei até a sala. A luz da televisão estava apagada, e a escuridão envolvia tudo, exceto pelas sombras projetadas pela luz da rua que filtrava pelas cortinas. Sentei-me no sofá, tentando me distrair com os pensamentos que insistiam em me perseguir. Era como se cada preocupação que eu havia empurrado para o fundo da mente durante o dia tivesse decidido emergir naquelas horas silenciosas.

Lembrei-me de um amigo que sempre dizia que as horas da madrugada eram um campo de batalha. Era verdade. Ali, no silêncio, os pensamentos se tornavam monstros, e eu lutava para não sucumbir a eles. As preocupações financeiras, as inseguranças sobre o futuro, e até mesmo as pequenas frustrações do dia a dia se tornavam gigantes, ameaçando me engolir.

Levantei-me do sofá e comecei a vagar pela casa novamente. Passei pelo quarto de minha irmã, onde ela dormia tranquilamente, alheia à tempestade que se desenrolava em minha mente. Olhei para ela, a respiração calma e serena, e me perguntei como consegui-la dar tanta paz enquanto eu me via preso em um ciclo de ansiedade. O desejo de protegê-la me preenchia, mas também me lembrava das minhas próprias vulnerabilidades.

Segui em frente, indo para o banheiro. O espelho refletia a imagem de alguém que parecia um estranho. O que pouco restou dos cabelos, bagunçados, olheiras profundas que contavam a história de semanas sem dormir direito. Lavei o rosto, esperando que a água fria pudesse me trazer um pouco de clareza. Ao invés disso, só consegui ver a mesma expressão de cansaço e frustração.

Decidi então pegar um livro da estante. A leitura sempre foi um refúgio, uma forma de escapar da realidade. Coloquei o livro na mesa de café, mas as palavras dançavam diante dos meus olhos, sem conseguir se fixar na mente. A insônia transformara minha mente em uma névoa densa, onde a concentração era um luxo que eu não podia me dar.

A cada minuto que passava, a madrugada parecia se estender. Era um paradoxo: quanto mais eu desejava o sono, mais distante ele parecia. Decidi abrir a janela para respirar um pouco do ar fresco da noite. A brisa suave acariciou meu rosto, trazendo consigo o cheiro de terra molhada e o eco distante de risadas que vinham de algum lugar não muito longe, talvez de um bar. O mundo estava

acordado de alguma forma, enquanto eu lutava contra a própria sombra.

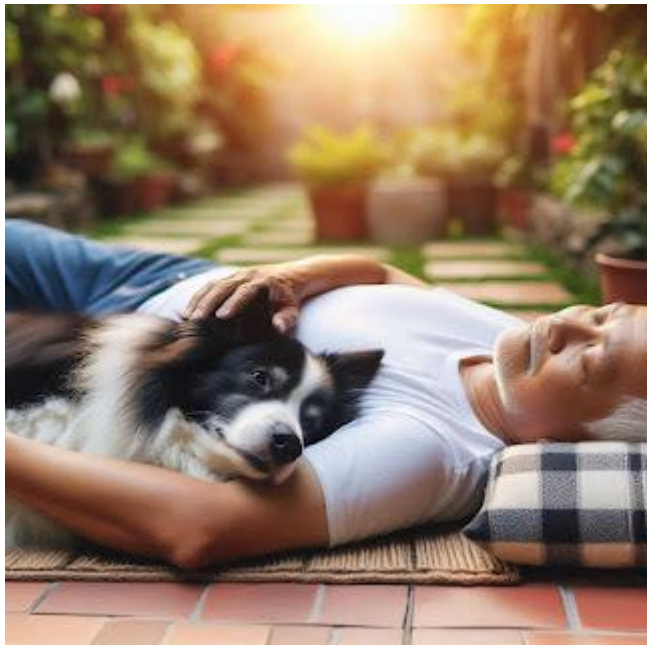
Olhei para o céu, onde as estrelas brilhavam como pequenos faróis. Pensamentos filosóficos começaram a surgir. O que era a insônia, senão um reflexo de uma mente inquieta? A busca por respostas, a incessante necessidade de entender o que não pode ser entendido, me levaram a refletir sobre a vida e suas complexidades.

Finalmente, decidi que era hora de tentar novamente dormir. Voltei para o quarto, onde o lençol ainda estava quente, como se tivesse esperado por mim. Deitei-me, tentando relaxar e esvaziar a mente. Fechei os olhos e respirei fundo, mas em vez de encontrar a tranquilidade, a insônia continuava a me abraçar.

E assim, mais uma vez, a madrugada se arrastou, e eu continuei a vagar, não apenas pela casa, mas por um labirinto de pensamentos. Uma luta silenciosa que muitos enfrentam, mas que poucos compartilham. A insônia não era apenas um inimigo, mas um lembrete de que, mesmo na solidão da madrugada, havia uma vida pulsante, cheia de desafios e esperanças.

Quando finalmente o primeiro raio de sol começou a entrar pela janela, eu me sentia exausto, mas algo dentro de mim tinha mudado. Acordar para um novo dia, mesmo após uma noite sem sono, trazia consigo a promessa de novos começos. Afinal, a vida, com todas as suas dificuldades, continuava a fluir como um rio, e eu, apesar da insônia, ainda fazia parte dessa correnteza.

Lealdade até o fim



José Feldman

Era uma manhã ensolarada em uma pequena cidade do interior, e o parque estava repleto de vida. Entre as árvores, um homem de meia-idade, Alexandre, caminhava com seu fiel Border Collie, Trovão. Eles eram inseparáveis; o homem havia adotado o cão há cinco anos, e desde então, eles compartilhavam cada momento de suas vidas.

Alexandre trabalhava em uma pequena loja de eletrônicos, e todas as manhãs, ele levava Max para o parque antes de ir ao trabalho. O cão adorava correr atrás das folhas que caíam e brincar com as crianças que passavam. A alegria de Trovão era contagiante, e muitos frequentadores do parque conheciam o cão pelo seu espírito brincalhão.

Com o passar dos anos, a saúde de Alexandre começou a fraquejar. Ele havia sido diagnosticado com uma doença grave, e suas idas ao parque tornaram-se menos frequentes. Max, no entanto, parecia entender que seu amigo precisava de apoio. Ele permanecia ao lado dele, oferecendo conforto e amor incondicional.

Certa manhã, Alexandre decidiu que, apesar de sua condição, iria ao parque mais uma vez. Ele vestiu seu casaco e chamou Trovão. O cão correu até ele, abanando o rabo com entusiasmo. Juntos, caminharam até o parque, onde Alexandre se sentou em um banco, admirando a beleza ao seu redor. Trovão correu ao seu redor, buscando folhas e brincando com quem passava.

No entanto, enquanto o sol começava a se pôr, Alexandre sentiu uma fraqueza repentina. Ele tentou se manter firme, mas a dor tomou conta de seu corpo. Trovão, percebendo a mudança, correu até ele, preocupado. Alexandre sorriu para o cão, tentando transmitir que estava tudo bem, mas em seu coração ele sabia que não era verdade.

Com um último gesto de amor, acariciou a cabeça de Trovão e sussurrou: "Eu sempre estarei com você, amigo."

Em seguida, ele fechou os olhos, e um silêncio profundo tomou conta do parque. Trovão, ao perceber que algo estava errado, lambeu o rosto de seu dono, tentando acordá-lo. Mas ele não se mexeu mais.

As pessoas que estavam por perto rapidamente chamaram ajuda, mas não havia nada que pudesse ser feito. Alexandre havia partido. Trovão, em choque, ficou ao lado do corpo de seu amigo, relutante em se afastar. O mundo ao seu redor parecia ter perdido a cor.

As horas se passaram, e Trovão não se moveu. Ele ficou ali, ao lado de Alexandre, como se esperasse que ele acordasse a qualquer momento.

Quando a tarde caía, um sentimento de tristeza profunda tomou conta do cão. Ele começou a uivar, cada som ecoando a dor de sua perda.

Naquela noite, enquanto a lua iluminava o parque, Trovão se deitou ao lado de Alexandre, e seus olhos se fecharam lentamente. O cão, leal até o fim, partiu em busca de seu amigo. A conexão entre os dois era tão forte que, mesmo na morte, parecia que seus espíritos estariam sempre juntos.

A notícia da morte de Alexandre e Trovão se espalhou rapidamente pela comunidade. Todos que conheciam o homem e seu fiel companheiro sentiram a dor da perda. Em um gesto de amor e respeito, os moradores do parque se uniram para homenageá-los. Eles prepararam um local especial onde os dois poderiam descansar juntos.

No dia do sepultamento, as pessoas trouxeram flores e lembranças. O pequeno cemitério no parque tornou-se um lugar de reflexão e amor.

Alexandre e Trovão foram enterrados lado a lado, com uma placa que dizia: "A lealdade verdadeira nunca morre."

A história de Alexandre e Trovão se tornou uma lenda local, lembrando a todos sobre a profundidade da amizade entre um homem e seu cão. Mesmo após suas mortes, a memória deles continuou a brilhar, inspirando outros a valorizar os laços que formamos em vida e a lealdade que transcende até mesmo a morte.

O Tempo e a Amizade

Era uma manhã nublada quando Lúcio, um homem de sessenta anos, decidiu sair para comprar pão. As ruas estavam vazias, e o vento frio soprava suavemente. Enquanto caminhava, algo chamou sua atenção: uma caixa de papelão, abandonada em um canto da calçada. Curioso, ele se aproximou e, ao ver a caixa, sentiu seu coração apertar.

Dentro dela, uma filhote de cachorro, uma mistura de akita e pastor, olhava para ele com olhos grandes e tristes. Seu pelo estava desgrenhado e sujo, e o pequeno corpo tremia de medo. Em um impulso, Lúcio pegou a cadela no colo, sentindo a fragilidade dela. Ele sabia que não podia deixá-la ali.

Envolveu-a em seu casaco. Com a orientação de um veterinário, Lúcio dedicou sua vida a cuidar dela.

— Você vai se chamar Moira, pequena — sussurrou.

As primeiras noites foram difíceis; ela chorava, lembrando-se do abandono. Mas Lúcio, com paciência, a acalmava, balançando-a em seus braços na velha cadeira de balanço. Ele a alimentava, a banhava e a levava para passear. Em pouco tempo, Moira se tornou uma parte essencial de sua vida.

Os dias passaram, e a conexão entre eles cresceu. Moira se tornou uma cadela forte e saudável, mas sempre mantinha aquele olhar de gratidão. Lúcio, por sua vez, via em Moira uma razão para acordar todos os dias. Eles pareciam se entender de forma especial, como se conversassem em uma linguagem silenciosa, telepática. Moira ficava atenta a cada movimento de Lúcio, e ele sentia sua presença acolhedora, especialmente nos dias em que a saúde não estava em seu melhor estado.

A vida seguiu, e Moira se tornou a guardiã da casa. Sempre que Lúcio saía, ela tremia de ansiedade, lembrando-se do abandono. Mesmo assim, sua lealdade era inquebrantável. Latia para estranhos e se posicionava protetora diante de qualquer ameaça. Ela sabia que Lúcio era seu lar, e o defendia com fervor.

Um dia, enquanto caminhava para o mercado, Lúcio escorregou em uma calçada molhada e caiu. A dor foi intensa, e ele não conseguiu se levantar. Um transeunte chamou uma ambulância, e Lúcio foi levado ao hospital. Moira, em casa, sentiu que algo estava errado. Ela vagava pela casa, ansiosa, procurando por seu amigo. A ausência de Lúcio a deixou deprimida. Sua energia, que antes vibrava, agora era uma sombra triste.

Lúcio, no hospital, desesperado, sussurrava o nome de Moira constantemente, preocupado com ela. A amiga dele, Ana, ao ver que ele ficava muito exaltado, e as condições de saúde pioravam sempre que se preocupava com a cadela, decidiu levar Moira para seu sítio, na esperança de que o ambiente rural a ajudasse a se recuperar e tranquilizasse Lúcio.

Mas a cadela não se adaptou. Ela se recusava a comer e passava os dias olhando em direção à estrada, esperando ver Lúcio correndo para ele. O vazio em seu coração era palpável, e Ana se preocupava com a saúde da amiga de quatro patas.

Passaram-se semanas. Lúcio, no hospital, lutava para se recuperar, pensando em Moira a cada instante. Ele sabia que ela precisava dele, assim como ele precisava dela. Quando finalmente recebeu alta, um misto de alegria e ansiedade tomou conta dele. Ele mal podia esperar para reencontrá-la.

No dia da sua volta, Lúcio foi até o sítio onde Moira estava. Mesmo com a fraqueza do corpo, seu coração pulsava com a esperança de vê-la novamente. Ao abrir o portão do sítio,

um milagre aconteceu. Moira, que estava na casa, sentiu o cheiro familiar de Lúcio mesmo de longe. Suas orelhas se ergueram, e um instinto poderoso a fez levantar-se.

Ela correu pela casa, saltando sobre móveis e superando qualquer obstáculo em seu caminho. Ao alcançar o portão, Moira não hesitou; ela saiu correndo, em direção ao som da voz que ela tanto amava.

Lúcio, ao vê-la se aproximando, sentiu seu coração acelerar. Quando os dois se encontraram, o mundo ao redor desapareceu. Moira pulou em volta dele, abanando o rabo como se dissesse: "Você voltou! Eu sabia que voltaria!" Lúcio se agachou, segurando Moira em seus braços, chorando de felicidade.

As pessoas que acompanhavam a cena se emocionaram. Era um momento de pura alegria e amor incondicional. Lúcio e Moira, finalmente reunidos, eram a definição de felicidade. Ele a abraçava com força, e ela lambeu seu rosto, como se quisesse dizer que nunca a abandonaria novamente.

A relação deles, marcada por amor, dor e resiliência, agora era mais forte do que nunca. Lúcio sabia que, não importava o que acontecesse, Moira sempre estaria ao seu lado, e ele, por sua vez, seria o protetor que ela sempre mereceu.

Naquela tarde ensolarada, enquanto o sol se punha no horizonte, Lúcio e Moira estavam juntos, e o amor que compartilhavam era uma luz que iluminava até os cantos mais escuros de suas almas. Eles tinham encontrado um no outro não apenas um lar, mas uma verdadeira família.

Os anos passaram como folhas levadas pelo vento, e Lúcio e Moira viveram juntos uma vida cheia de amor e cumplicidade. Cada dia que se passava era uma nova oportunidade para aprofundar a conexão que tinham construído. No entanto, o tempo, implacável, começou a deixar suas marcas.

Lúcio, agora com setenta e oito anos, sentia o peso dos anos em suas articulações. As caminhadas que antes eram longas e revigorantes agora se tornaram mais curtas e cuidadosas. Moira, que havia crescido e se tornado uma cadela majestosa, também estava envelhecendo. Seus pelos, antes brilhantes e espessos, agora tinham manchas brancas, e seus movimentos se tornaram mais lentos. Mas seus olhos ainda brilhavam com amor e sabedoria, sempre atentos ao seu querido humano.

Com o passar do tempo, o cuidado que Lúcio dedicava a Moira se inverteu em algumas ocasiões. Havia dias em que ele precisava de ajuda, e era ela quem ficava ao seu lado, como uma guardiã fiel. Moira, mesmo com sua idade avançada, se esforçava para acompanhar Lúcio, sempre

atenta às suas necessidades. Ela o observava com um olhar que parecia entender cada suspiro, cada movimento lento.

Em uma manhã de outono, enquanto as folhas caíam suavemente, Lúcio sentiu uma dor aguda no peito. Ele hesitou, mas não queria preocupar Moira. "Só um pouco de cansaço", pensou. Entretanto, a cadela percebeu que algo estava errado. Com um olhar preocupado, ela não se afastou de Lúcio, seguindo-o de perto enquanto ele tentava realizar suas tarefas diárias.

Com o tempo, as idas ao veterinário tornaram-se mais frequentes para ambos. Moira, que sempre fora cheia de vida, agora apresentava dificuldades nas articulações. Lúcio, por sua vez, começou a enfrentar problemas de saúde mais sérios.

Certa noite, após uma visita ao médico, ele sentiu-se particularmente abatido. Ao se sentar na cadeira de balanço, Moira se aproximou, colocando a cabeça em seu colo, como se dissesse: "Estou aqui para você."

Esses momentos, embora difíceis, reforçavam o laço indestrutível que compartilhavam. Lúcio acariciava o pelo macio de Moira, lembrando-se dos dias em que ela era apenas um filhote. O amor que eles tinham um pelo outro era uma força que os mantinha vivos, mesmo nos dias mais sombrios.

Com o passar dos meses, Moira começou a apresentar sinais de fraqueza. Ela já não corria como antes e passava mais tempo deitada ao lado de Lúcio. Ele sentia a tristeza se instalar em seu coração, mas tentava ser forte. A cada dia, ele sabia que o tempo estava se esgotando.

Em uma tarde ensolarada, Lúcio decidiu levar Moira para um passeio no parque, um dos lugares que sempre amaram juntos. Ele a conduziu gentilmente, e ela caminhou devagar, cheirando as flores e observando os pássaros. Era um momento de pura alegria, mesmo que a fragilidade de ambos fosse palpável.

Numa manhã, Lúcio acordou e sentiu que algo estava diferente. Moira estava deitada em seu canto, parecendo mais cansada do que o habitual. Ele se aproximou e acariciou seu pelo, sentindo o calor da sua amiga, mas também a fraqueza que a acometia. Moira levantou a cabeça e olhou para ele com aqueles olhos que sempre transmitiram tanto amor. Era como se ela quisesse garantir que Lúcio soubesse o quanto ele era importante para ela.

Naquela noite, enquanto Lúcio se acomodava em sua cadeira de balanço, Moira se aninhou em seus pés. Ele a puxou para mais perto, envolvendo-a com um cobertor. Eles permaneceram assim, em silêncio, sentindo o calor um do outro, como sempre fizeram.

Na manhã seguinte, o sol se levantou, mas a casa estava silenciosa. Lúcio despertou e percebeu que Moira não estava mais ao seu lado. Seu coração se apertou. Ele a encontrou deitada no seu lugar favorito, tranquila, como se tivesse adormecido em paz. As lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ele a segurava em seus braços, lembrando-se de cada momento que compartilharam.

Lúcio sabia que a vida continuava, mesmo sem Moira. Ele a enterrou no pequeno quintal, sob a sombra de uma árvore que plantaram juntos anos atrás. Com cada pá de terra que lançava sobre sua amada cadela, ele se lembrava do amor incondicional que ela lhe deu.

Os dias seguintes foram difíceis, mas Lúcio encontrou consolo nas memórias. Ele continuou a caminhar pelo parque, agora sozinho, mas sempre sentindo a presença de Moira ao seu lado. A conexão que tinham transcendia a vida e a morte; era um amor que permaneceria com ele para sempre.

E assim, enquanto o sol se punha no horizonte, Lúcio sorriu, sabendo que, mesmo após a perda, o amor que compartilhara com Moira ainda iluminava seu caminho. Ele entendia que a verdadeira amizade nunca acaba; ela se transforma, continua a viver nas memórias e nas ações de quem fica.

José Feldman

Cartas ao Vento

Na pequena cidade de Moema, o carnaval se aproximava, trazendo consigo um ar de alegria e festividade. As ruas estavam decoradas com luzes coloridas. No entanto, para Marcelo, um idoso de setenta e um anos, a época era um lembrete doloroso da solidão que o cercava.

Marcelo vivia sozinho em uma casa antiga, repleta de memórias de uma vida que um dia fora cheia de amor e risos. Seu irmão, Carlos, sempre foi seu companheiro mais próximo, mas, após a morte da esposa de Carlos, ele não conseguia mais visitar o irmão como antes. As cartas que trocavam tornaram-se raras, e a distância física se transformou em um abismo emocional.

A única companhia de Marcelo era sua cachorrinha, Aurora, uma golden retriever de olhos ternos e pelagem dourada que refletia a luz do sol. Aurora sempre estivera ao lado de Marcelo, oferecendo amor incondicional e conforto em seus momentos de tristeza. Ela parecia entender os sentimentos de seu dono, como se soubesse que ele lutava contra a solidão.

No sábado de carnaval, Marcelo decidiu que precisava se expressar. Sentou-se à mesa, com uma folha de papel em branco diante dele, e começou a escrever uma carta para Carlos.

"Querido Carlos," começou ele, "mais um Carnaval chegou e, novamente, sinto a sua falta. Lembro-me de todos os

carnavais que passamos juntos, das risadas, das histórias, e da alegria de estarmos juntos. Sinto que o tempo nos afastou, e a solidão me aperta o coração..."

Enquanto escrevia, lágrimas começaram a escorregar por seu rosto, caindo sobre o papel. Aurora, que estava deitada a seus pés, levantou a cabeça e olhou para ele com preocupação. Marcelo parou de escrever e a acariciou, sentindo o calor reconfortante do corpo da cadela.

— Sabe, Aurora, eu me sinto tão sozinho. — confessou com a voz embargada. — Às vezes, sinto que ninguém se importa mais comigo.

Aurora se aproximou, esfregando o focinho em sua mão, tentando consolar seu amigo. O olhar de Marcelo encontrou os olhos sinceros dela, e ele sorriu através das lágrimas.

— Você é a única que ainda me entende. — disse ele. — Você é minha melhor amiga.

Naquela noite, Marcelo terminou a carta e decidiu não enviá-la. Em vez disso, guardou-a em uma caixa de sapatos que continha outras cartas e recordações. Ele se sentou no sofá, com a cadela ao seu lado, e assistiram à televisão, enquanto a cidade ao redor festejava. O som dos risos e das músicas penetrava as paredes da casa, mas dentro dela, apenas o silêncio e a tristeza reinavam.

O Carnaval chegou, e Marcelo acordou com uma sensação de vazio. Ele preparou um café simples e sentou-se à mesa, onde havia um único prato. Olhou para Aurora, que estava ao seu lado, e disse:

— Vamos ter um Natal só nós dois, não é, querida?

Ela colocou a cabeça em seu colo e olhou para ele com amor. A presença dela era um alívio, mas a ausência de seu irmão e de sua família fazia seu coração doer. Enquanto os vizinhos se divertiam com suas famílias, Marcelo sentia o peso da solidão.

Na tarde daquele dia, ele decidiu escrever mais uma carta, desta vez para Aurora. Com um sorriso triste nos lábios, começou:

"Querida Aurora, você é minha única companheira. Mesmo quando o mundo parece tão escuro e solitário, você sempre está aqui, ao meu lado. Seu amor me dá força, e eu agradeço a Deus por você. Nunca se esqueça de que, mesmo em meio à tristeza, eu te amo mais do que palavras podem expressar."

Ela se aproximou e lambeu seu rosto, como se estivesse respondendo. Marcelo riu, mas logo as lágrimas voltaram a brotar. Ele abraçou a cachorrinha, sentindo seu calor e o conforto que ela proporcionava.

— Às vezes, eu só queria entender por que as pessoas se afastam. — murmurou. — Não é justo, Aurora... Não é justo.

A tarde se arrastava, e o ambiente festivo do lado de fora parecia um contraste doloroso com a solidão que preenchia a casa de Marcelo. Ele e sua cadela permaneceram no sofá, assistindo à televisão, enquanto todo mundo continuava a se divertir, sem perceber a tristeza que se escondia atrás das portas fechadas.

Finalmente, Marcelo fechou os olhos e deixou as lágrimas caírem sobre o pelo macio de sua amiga. Ela, percebendo a dor de seu amado dono, se aconchegou mais perto, como se pudesse aquecer seu coração ferido.

A noite caiu, e o brilho das luzes do carnaval ainda iluminava a cidade, mas para Marcelo, era como se tudo estivesse apagado. Ele se sentia abandonado por todos, exceto por aquela pequena cadela que nunca o deixara.

No fundo, Marcelo sabia que muitas pessoas experimentavam a mesma solidão. Muitos idosos, muitos corações, deixados de lado, esquecidos. Mas, através do amor de Aurora, ele encontrava um fio de esperança. A conexão que tinham era real e verdadeira, uma luz em meio à escuridão.

Assim, embora a tristeza envolvesse seus corações, Marcelo e Aurora estavam juntos. Eles eram dois amantes da vida, ainda crentes em um futuro melhor, onde o amor poderia aquecer até os dias mais frios. E, enquanto a cidade celebrava, dentro daquela casa, um homem e sua cachorrinha encontravam consolo um no outro, provando que, mesmo na dor do abandono, o amor verdadeiro nunca morre.

Um Café Atemporal

José Feldman

Em uma tarde chuvosa e cinzenta, Daniel, um jovem designer de tecnologia, decidiu se refugiar em um pequeno café que havia descoberto em uma das ruas menos movimentadas da cidade. O lugar tinha um ar vintage, com móveis de madeira escura e luzes de pendentes que criavam um clima aconchegante. Enquanto esperava seu café, ele se perdeu em pensamentos sobre o futuro e as inovações que ainda viriam.

De repente, a porta do café se abriu com um rangido, e três homens entraram, cada um vestido de maneira peculiar. Um deles usava um terno antiquado, com um colete e um chapéu-coco, enquanto o outro vestia uma túnica de lã e um cinto de couro. O terceiro estava com uma armadura brilhante, sua espada ao lado, refletindo a luz do café. Daniel ficou intrigado e, quando os homens se aproximaram da mesa onde ele estava sentado, decidiu puxar conversa.

— Olá! — disse Daniel, sorrindo. — Parece que vocês vêm de... épocas diferentes.

— De fato! — exclamou o homem do terno, ajustando seu chapéu. — Sou Arthur, um gentleman do início do século XX. E quem são vocês?

— Eu sou Ricardo, um cavaleiro da Idade Média. — disse o homem de armadura, com um tom sério. — E este é meu amigo, Federico, um homem do século XII.

— Prazer em conhecê-los! — Daniel disse, rindo. — Eu sou Daniel, do século XXI. É curioso ver todos vocês juntos aqui. O que traz vocês a este café?

Arthur, olhando ao redor, respondeu: — Estou fascinado com este lugar. A tecnologia moderna é realmente impressionante, mas sinto falta da elegância dos meus tempos. A vida era sobre etiqueta, boas maneiras e conversas à mesa.

— Conversas à mesa? — Ricardo riu. — Na minha época, conversas eram sobre batalhas, honra e coragem! O que vocês chamam de "etiqueta" parece um luxo. Eu valorizo a bravura e o espírito de luta!

Daniel, curioso, perguntou: — E o que você acha das inovações que temos hoje, Ricardo? A medicina, a ciência, a tecnologia?

— Ah, isso é algo que admiro! — Ricardo respondeu, com um brilho nos olhos. — Ouvi falar de homens que podem voar como pássaros! Isso é digno de um conto de fadas.

— Não é só isso! — Daniel falou, animado. — Temos carros que andam sozinhos, computadores que conectam pessoas do mundo todo, e até mesmo viagens ao espaço!

Arthur franziu a testa, intrigado. — Viajar pelo espaço? Isso parece algo de um romance de ficção científica. Na minha época, a maior aventura era atravessar um oceano em um navio.

— E que navios! — Ricardo interveio. — Eu sonhei em ser um navegador, desbravando novos mundos. Mas agora, com essa tecnologia, você não precisa mais da coragem de um marinheiro.

— A coragem é essencial, meu amigo! — Arthur disse, com um ar de seriedade. — Na minha época, os homens eram avaliados por sua bravura e suas conquistas. A aventura estava em cada esquina, em cada desafio enfrentado.

— Mas a vida não é só sobre bravura! — Daniel argumentou. — Hoje, valorizamos a criatividade e a inovação. A arte e a tecnologia andam lado a lado. Pense em como a música, a literatura e as artes visuais evoluíram!

— Música? — Federico perguntou, curioso. — O que é isso?

— Ah, onde você estava? — Daniel riu. — A música é uma forma de expressão que evoluiu imensamente. Temos todos os estilos: do rock ao hip-hop, da música clássica à eletrônica. É uma linguagem universal.

— E o que a música traz para vocês? — Arthur perguntou, interessado.

— Emoção, conexão! — Daniel respondeu, animado. — A música é capaz de unir as pessoas, independentemente do tempo ou do lugar. É uma forma de contar histórias.

— Histórias! — Ricardo exclamou. — Eu também aprecio as histórias. Na minha época, contávamos histórias ao redor da fogueira, sobre dragões e cavaleiros. Elas nos ensinavam sobre coragem e lealdade.

— Sim, mas as histórias modernas têm uma profundidade diferente. — Daniel argumentou. — Elas falam sobre questões sociais, identidades e experiências humanas complexas. A literatura de hoje reflete a diversidade do mundo.

— E o que você considera diversidade? — Arthur perguntou, intrigado.

— Hoje, entendemos que cada pessoa tem uma história única, independente de sua origem, cor, ou gênero. Celebramos as diferenças e lutamos pela igualdade. — Daniel explicou, sentindo-se apaixonado pelo assunto.

Arthur olhou pensativo. — Na minha época, a sociedade era muito rígida. As classes sociais definiam o lugar de cada um. Eu sinto que, embora tivéssemos nossas tradições, havia uma beleza em seguir um caminho bem definido.

— Mas e a liberdade? — Federico interveio, com um olhar intenso. — Não seria melhor viver em um mundo onde você pode escolher seu destino, em vez de ser moldado por regras?

— Liberdade é um conceito complicado. — Arthur respondeu, balançando a cabeça. — A liberdade traz responsabilidades. Na busca por liberdade, muitos esquecem a importância da tradição e da comunidade.

— E a comunidade é construída sobre o respeito! — Ricardo disse, com fervor. — Um verdadeiro cavaleiro protege os mais fracos e defende a justiça. Isso é o que importa.

— Justiça! — Daniel exclamou. — Hoje, lutamos por justiça social. As vozes que antes eram silenciadas agora ganham destaque. É um tempo de mudança!

Arthur olhou para Daniel com um sorriso. — Você realmente acredita que essa mudança é para melhor?

— Com certeza! — Daniel respondeu, animado. — Acredito que estamos mais próximos de um mundo onde todos têm a chance de brilhar.

— Você pode estar certo, mas eu sinto falta da simplicidade dos meus tempos. — Arthur disse, pensativo.

— As coisas eram mais diretas. Havia um certo conforto na previsibilidade.

— E eu sinto falta da bravura e da honra! — Ricardo acrescentou. — O mundo moderno, com suas conveniências, parece ter perdido um pouco da essência do que é ser humano.

— Mas cada época traz suas próprias maravilhas! — Daniel insistiu. — Eu não trocaria a tecnologia por nada. Ela nos conecta, nos ensina e nos transforma.

Enquanto os quatro homens se envolviam em uma conversa animada, o café ao redor deles continuava a funcionar, com o cheiro do café fresco e os sons de xícaras tilintando. Cada um, à sua maneira, valorizava o que sua época tinha a oferecer, e, naquele momento, as diferenças se tornaram um terreno fértil para o diálogo.

— Que tal celebrarmos nossas épocas? — Daniel sugeriu, com um sorriso. — Cada um compartilha algo especial de seu tempo.

— Boa ideia! — Arthur concordou. — Eu posso contar sobre as festas elegantes que organizávamos, com danças e músicas ao vivo.

— E eu posso descrever as grandes batalhas que definiram reinos! — Ricardo e Federico disseram em uníssono, com entusiasmo.

— E eu posso falar sobre a revolução digital! — Daniel completou. — Vamos fazer disso uma festa!

E assim, sob a luz suave do café, os quatro homens começaram a compartilhar histórias, risadas e sonhos. Cada um, com sua visão única, encontrou um espaço comum onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçavam, criando um momento mágico que transcendia o tempo. E, enquanto a chuva continuava a cair lá fora, eles perceberam que, apesar das diferenças, as experiências humanas eram universais e atemporais.

Plantando Sorrisos

José Feldman

Risos em cada canto
são momentos que eu planto...
Nosso laço é o encanto.

Em um dia ensolarado, sentei-me em um café à beira da praça e observei o movimento ao meu redor. Risos em cada canto, como flores que brotam em meio ao concreto, eram o cenário perfeito para refletir sobre as pequenas alegrias da vida. Cada risada era um eco de momentos compartilhados, um lembrete de que a felicidade se espalha quando estamos abertos a ela.

A vida é feita de encontros e desencontros. A cada sorriso que encontramos, plantamos uma semente de afeto. São esses momentos que cultivamos que fortalecem nossos laços. Lembrei-me de tardes em que amigos se reuniam em

volta de uma mesa, conversas fluindo como um bom vinho, risadas preenchendo o ar. Esses instantes, simples e genuínos, são o verdadeiro encanto da vida.

Nosso laço é o encanto. Quando estamos rodeados de pessoas que amamos, cada risada se torna uma memória, um tesouro guardado no coração. É um fio invisível que nos une, que nos faz sentir que, apesar das adversidades, temos um ao outro. Assim, aprendemos que a felicidade não é um destino, mas uma jornada que fazemos juntos, risada a risada.

Enquanto observava aquela cena cotidiana, percebi que a vida é um grande jardim. E nós somos os jardineiros, responsáveis por cultivar sorrisos e momentos. Cada interação é uma oportunidade de semear alegria, de regar o amor e de colher gratidão. Muitas vezes, não precisamos de grandes feitos ou de eventos extraordinários; às vezes, um simples "como você está?" pode florescer em uma amizade duradoura.

Ao final daquele dia, deixei o café com o coração leve. As risadas que ouvi foram como promessas de que o melhor da vida está nas relações que construímos. Cada momento que plantamos se transforma em um laço forte e encantador, que nos acompanha nas alegrias e nas dificuldades.

E assim, continuamos a caminhar, sempre em busca de mais sorrisos para semear, pois, afinal, são esses momentos que tornam nossa existência verdadeiramente rica e significativa.

A alegria de viver sete décadas

José Feldman

Nasci nos anos 50, no século passado, em um mundo que respirava esperança e transformação. A infância foi marcada por tardes ensolaradas, brincadeiras na rua e um aroma inconfundível de comida caseira que pairava no ar. Era uma época em que o tempo parecia se arrastar, mas, de certa forma, era também um tempo privilegiado, repleto de descobertas.

Ser criança nas últimas quatro décadas do século passado era viver em um mundo de descobertas simples e brincadeiras ao ar livre. Nos anos 60 e 70, as ruas eram os playgrounds. Crianças jogavam bola, andavam de bicicleta e se reuniam para brincar de esconde-esconde até o sol se pôr. Os brinquedos eram feitos de plástico e madeira, e a imaginação corria solta com bonecas, carrinhos e jogos de tabuleiro.

As tardes eram preenchidas com programas de TV, mas a tela era apenas uma parte do entretenimento. A interação social era vibrante, com amigos se reunindo para

aventuras, criando histórias e laços que muitas vezes duravam a vida inteira.

Hoje, na última década, a infância é marcada pela tecnologia. Tablets e smartphones tornaram-se os novos brinquedos, e as crianças muitas vezes preferem jogos virtuais a brincadeiras ao ar livre. As redes sociais estão moldando novas formas de interação, mas muitas vezes à custa da desconexão física. Embora os brinquedos modernos sejam incríveis, muitos sentem falta da simplicidade e da criatividade dos brinquedos daquela época.

Lembro-me do primeiro telefone que vi: um aparelho de disco, com um som característico quando girávamos os números. Era uma conquista para a família, uma forma de nos conectarmos com o mundo. Hoje, ao olhar para os smartphones que todos carregam, fico impressionado com a velocidade com que as informações circulam. Naquela época, uma ligação era um evento, um contato especial. Agora, trocamos mensagens em segundos, mas a magia do "disca e espera" se perdeu.

Nos anos 60, a revolução cultural começou a tomar forma. O rock'n'roll invadiu nossas vidas, e os discos de vinil giravam nas picapes, criando trilhas sonoras para nossas histórias. As festas eram regadas a música e dança, enquanto hoje os jovens têm acesso a milhares de playlists com um toque no celular. A nostalgia do vinil, com seu chiado característico e a emoção de virar o disco, é algo que não se compara à música digital, que, apesar de prática, muitas vezes carece daquela autenticidade.

Os anos 70 trouxeram mudanças ainda mais drásticas. A invenção do mimeógrafo nos permitiu democratizar a informação nas escolas e nos grupos comunitários. Ah, como era emocionante ver as folhas saindo, ainda com aquele cheiro de tinta fresca! Hoje, a impressão é instantânea, mas a sensação de ver algo feito à mão, de esperar a tinta secar, parecia conectar as pessoas de um jeito especial. Cada cópia era única, uma obra de arte coletiva.

Na década de 80, a explosão da televisão a cores trouxe novas possibilidades. Assistíamos a programas que moldaram nossa cultura, como "Praça da Alegria" e "Os Trapalhões". A televisão estava se tornando a janela para o mundo, e as conversas na sala giravam em torno do que tínhamos assistido. Agora, com o streaming, temos acesso a uma infinidade de conteúdos, mas muitas vezes perdemos a experiência compartilhada. Lembro-me das reuniões familiares em torno da TV, rindo e comentando cada cena; isso criou laços que ainda guardo com carinho.

E assim, ao longo das décadas, vivi a transição dos anos 50 até agora, atravessando dois milênios. Cada fase trouxe

suas belezas e desafios. O desenvolvimento da tecnologia foi impressionante, mas o que realmente me alegra é a capacidade de adaptação. Vi o mundo se transformar, e com isso, aprendi a valorizar o que realmente importa: as conexões humanas.

Hoje, ao olhar para os jovens imersos em suas telas, sinto uma mistura de saudade e admiração. Eles navegam por um mundo que eu mal consigo imaginar, mas também me pergunto se percebem a beleza das pequenas coisas que, para nós, eram fundamentais. A simplicidade de uma conversa à mesa, o toque de uma carta escrita à mão, a espera pela chegada de um disco de vinil pelo correio.

Nos anos 60, a educação era marcada por um ensino rigidamente tradicional. As salas de aula eram organizadas em filas, e o método de ensino focava na memorização e repetição. O professor era visto como uma figura de autoridade, e a participação dos alunos era mínima. Em contraste, a educação atual valoriza a interação e a aprendizagem ativa. Hoje, há um foco maior no desenvolvimento de habilidades críticas e na inclusão, com o uso de tecnologia e metodologias inovadoras que estimulam a curiosidade e o trabalho em grupo.

Nos anos 50, a vida era marcada por papéis tradicionais. Mulheres eram, em sua maioria, donas de casa, dedicadas à família, enquanto os homens eram os provedores. O trabalho feminino fora do lar era visto como exceção, e as aspirações frequentemente limitadas às expectativas sociais. Com a revolução dos anos 60 e 70, as mulheres começaram a desafiar essas normas, ganhando voz lutando por direitos e reconhecimento. Nas últimas duas décadas, tanto mulheres quanto homens enfrentam uma nova realidade. A diversidade de papéis é mais aceita, e o diálogo sobre igualdade de gênero se intensificou. Mulheres são líderes em diversas áreas e homens se tornam mais envolvidos na vida familiar. A luta por igualdade e respeito ainda continua.

Os carros que rodavam nas ruas eram grandes e robustos, com designs icônicos e motores potentes. Os modelos clássicos eram símbolos de liberdade e aventura. Atualmente, os carros são mais eficientes, com tecnologia avançada, como sistemas de navegação, conectividade e motores híbridos. O foco tem mudado para a sustentabilidade e a segurança, refletindo as preocupações modernas.

As lanchonetes eram frequentemente lugares de encontro, com cardápios simples e pratos clássicos, como hambúrgueres e milkshakes. Eram espaços vibrantes, onde jovens se reuniam para socializar. Hoje, as lanchonetes oferecem uma diversidade impressionante de opções, incluindo comidas rápidas de várias partes do mundo,

opções veganas e saudáveis, Mc Donald's, King Burger, Donuts, etc. A experiência de comer fora evoluiu para incluir ambientes temáticos e experiências gastronômicas variadas.

O namoro tinha um caráter mais formal e conservador. As saídas eram planejadas, com o foco em jantares e danças. As interações eram mais diretas e muitas vezes supervisionadas. Atualmente, o namoro é muito mais informal e diversificado. As pessoas se conhecem através de aplicativos e redes sociais, e as dinâmicas de relacionamento são mais flexíveis, permitindo uma ampla variedade de experiências e formas de conexão.

Os parques de diversões eram lugares mágicos, com atrações simples, como carrosséis e montanhas-russas clássicas. A atmosfera era cheia de nostalgia, com jogos de feira e shows ao vivo, jogo de argolas para conseguir prêmios, algodão doce, churros, pipoca. Hoje, os parques de diversões são verdadeiros complexos de entretenimento, com tecnologia de ponta, montanhas-russas emocionantes e experiências imersivas, como simuladores e áreas temáticas. Embora as atrações modernas ofereçam uma adrenalina incrível, muitos ainda guardam boas lembranças das diversões simples de décadas passadas.

Viver era experimentar um mundo cheio de descobertas e simplicidade, enquanto hoje a vida é marcada pela tecnologia e pela diversidade. Ambas as épocas têm suas belezas e desafios, refletindo a evolução da sociedade e das relações humanas. Cada geração traz consigo suas próprias experiências, e é fascinante observar como tudo se transforma ao longo do tempo.

A alegria de ter vivido tanto é uma dádiva. Cada risada, cada lágrima, cada inovação e cada nostalgia me moldaram. E, enquanto o mundo avança, guardo em meu coração essas memórias, como um tesouro que não se pode comprar. Sou grato por ter feito parte de tantas eras, por ter testemunhado a evolução da vida e por saber que, apesar das mudanças, a essência humana permanece a mesma. E assim, sigo em frente, com um sorriso e muitas histórias para contar.

José Feldman

O Tempo e o Agora

O relógio marca a hora,
cada instante é um agora...
A vida não demora.

O relógio marca a hora, e, com cada tique-taque, somos lembrados de que a vida é feita de instantes. Em um mundo que parece acelerar a cada dia, é fácil nos perdermos na correria. Corremos para o trabalho, para compromissos, para a rotina que nos consome. Mas a poesia nos lembra: cada instante é um agora.

Quantas vezes deixamos de apreciar o que está diante de nós? O cheiro do café fresco pela manhã, o sorriso de um

amigo, a luz do sol filtrando pelas folhas. Esses momentos, muitas vezes simples, são os que realmente compõem a tapeçaria da nossa existência. A vida não demora, mas é feita de sutilezas que muitas vezes passam despercebidas.

A verdade é que o tempo é um mestre implacável. Ele não espera. O que temos é este agora, e é nele que devemos encontrar significado. A vida não se mede apenas em grandes eventos, mas nas pequenas alegrias do dia a dia. Cada risada, cada conversa, cada instante vivido intensamente é um lembrete de que estamos aqui, presentes.

Vale a pena parar e refletir. O que estamos fazendo com nosso agora? Estamos realmente vivendo ou apenas existindo? O relógio continua a marcar as horas, e a vida não espera. Por isso, vamos aprender a valorizar cada momento, a respirar fundo e a sentir a beleza do presente.

No final, o que levará a nossa história não serão apenas os grandes feitos, mas as memórias construídas em cada agora. E assim, ao invés de correr, que possamos caminhar, apreciar, amar. A vida é breve, e o tempo, esse sempre fiel companheiro, nos mostra que o agora é tudo o que realmente temos.

E se...?

José Feldman

Era uma tarde abafada em um café literário do Rio de Janeiro, onde o velho charme das calçadas se misturava com a modernidade das telas de celular, um escritor contemporâneo, Lucas, estava sentado em uma mesa, digitando freneticamente em seu laptop, quando, de repente, uma figura conhecida entrou no estabelecimento. Era ninguém menos que Machado de Assis, com seu famoso chapéu e um olhar perspicaz.

Lucas: (olhando para cima, surpreso) Uau, é você, Machado de Assis! O que faz aqui no século XXI?

Machado: (com um sorriso sutil) Ah, jovem, o tempo é uma construção tão maleável quanto a narrativa. Vim ver como andam as letras modernas.

Lucas: (sorrindo) Pois é, a escrita mudou bastante. Você já pensou em como seriam seus livros hoje? Imagina "Dom Casmurro" com redes sociais!

Machado: (levanta uma sobrancelha) Redes sociais? Como assim?

Após algum tempo, regado a várias xícaras de capuccino, explicando resumidamente para Machado de Assis as

mudanças entre os séculos, suas inovações e avanços, continuaram a debater as obras.

Lucas: (animado) Pense! Bentinho faria um perfil no Instagram, postando fotos da Capitu. E você sabe como as pessoas adoram uma polêmica! Imagina os comentários!

Machado: (rindo) Capitu teria que ter um filtro especial para esconde-los, não? O que seria da sua fama com uma "influencer" ao lado?

Lucas: Exato! E Quincas Borba, com seu "Humanitismo", poderia ter uma página de autoajuda no Facebook!

Machado: (pensativo) Hummm... e o que ele diria? "Seja feliz ou não, mas não se esqueça de compartilhar seu progresso"?

Lucas: (rindo) Sim! E imagina a briga entre Quincas e o Robson, agora discutindo em threads de Twitter!

Machado: (com um brilho nos olhos) E a ironia? Ah, meu caro, a ironia seria a estrela! "Humanitismo: mais likes, menos empatia!"

Lucas: (aproximando-se) Vamos ser sinceros, hoje em dia, seria um sucesso! Mas e "Dom Casmurro"? Você ainda acha que ele foi ciumento ou só inseguro?

Machado: (com um sorriso maroto) Ah, meu jovem, a dúvida é o que torna a história tão intrigante. Afinal, quem não tem suas inseguranças? Até mesmo neste café, quem sabe se você não está sendo traído por um croissant?

Lucas: (rindo alto) Bom ponto! Mas eu acho que a Capitu teria um podcast, falando sobre o "casamento moderno". Seria um sucesso!

Machado: (pensando) Um podcast sobre infidelidade? Isso poderia ser um verdadeiro "narrador não confiável" em áudio! Teríamos que chamar o Bentinho para debater.

Lucas: (fazendo gestos) Ouvintes votariam: "Capitu traiu ou não traiu?" E no final, a conclusão seria: "Nada como uma boa conversa no divã!"

Machado: (acena com a cabeça) Uma nova forma de análise, sem dúvida. Mas me conte, como é a literatura atual? Os jovens ainda leem clássicos?

Lucas: (pensativo) Alguns sim, mas muitos preferem resumos e adaptações. E há uma pressão enorme por conteúdo rápido. A leitura se tornou quase um "fast-food"!

Machado: (franzindo a testa) Que pena! A profundidade se perde. A literatura é um banquete, não uma refeição rápida! O que seria de Quincas Borba sem suas reflexões?

Lucas: (com um brilho nos olhos) Certo! Imagino um aplicativo de leitura, onde cada página virada poderia ser um prêmio. "Leia e ganhe pontos!"

Machado: (rindo) Seria um "Humanitismo" gamificado? "Parabéns, você acaba de refletir sobre a condição humana!"

Lucas: (aplaudindo) Exato! E o que você diria aos jovens escritores de hoje?

Machado: (pensativo) Que escrevam com sinceridade. A tecnologia pode mudar, mas a essência da escrita permanece. O olhar humano, as emoções... isso nunca deve se perder.

Lucas: (sorrindo) Palavras sábias, Machado. Vou usar isso na minha próxima obra.

Machado: (levantando a xícara de café) Então brindemos à literatura, que sempre encontrará um caminho, seja no século XIX ou XXI!

Lucas: (erguendo seu copo) À literatura e ao diálogo entre épocas!

E assim, entre risadas e reflexões, o escritor contemporâneo e o mestre do século XIX continuaram a troca de ideias, mostrando que, independentemente do tempo, a literatura sempre será um terreno fértil para a criatividade e o humor.

Contos em Versos Diversos

José Feldman

A Intolerância e a Flor

Em um vale sereno, flores cresciam,
cores vibrantes qual um jardim em esplendor,
mas entre elas, sombras se escondiam,
e a intolerância se tornava um clamor.

Duas flores, irmãs de pétalas finas,
cada uma com um brilho diferente,
uma era roxa, a outra, amarela, divinas,
mas o ciúme fez o amor ausente.

"Por que você brilha tanto, tão bela?"
Disse a roxa com um olhar sombrio.
"Eu sou a mais forte, a mais singela,
e você, apenas um sonho vazio."

A flor amarela, triste, respondeu,
"Não sou ameaça, sou só luz a brilhar,
se você me ama, sejamos um apogeu,

José Feldman

juntas podemos o mundo encantar."

Mas a roxa, enfurecida, não a ouviu,
e as flores do vale começaram a se afastar,
a intolerância fez seu reino e logo surgiu
um muro de espinhos que fez as flores separar.

As abelhas, antes felizes, agora em lamento,
deixaram de dançar entre as flores suaves,
e o vento que trazia um doce sentimento,
passou a soprar apenas em dores nos entraves.

As raízes, aflitas, começaram a secar,
e as cores do vale tornaram-se cinzas,
a beleza se foi, não havia mais par,
e a tristeza ocupou as suas brisas.

Certa manhã um viajante chegou,
viu o vale triste e as flores a chorar:
"Por que essa dor? O que se passou?"
Ele perguntou sem saber o que olhar.

As flores unidas por um grito sutil,
contaram a história da intolerância e dor,
o viajante, sábio, disse, com um olhar gentil,
"É tempo de amor, não de rancor."

"Cada um tem seu brilho, sua diferença,
e juntos, a beleza se torna mais forte,
deixe que o amor cure a desavença,
e o vale florescerá, com nova sorte."

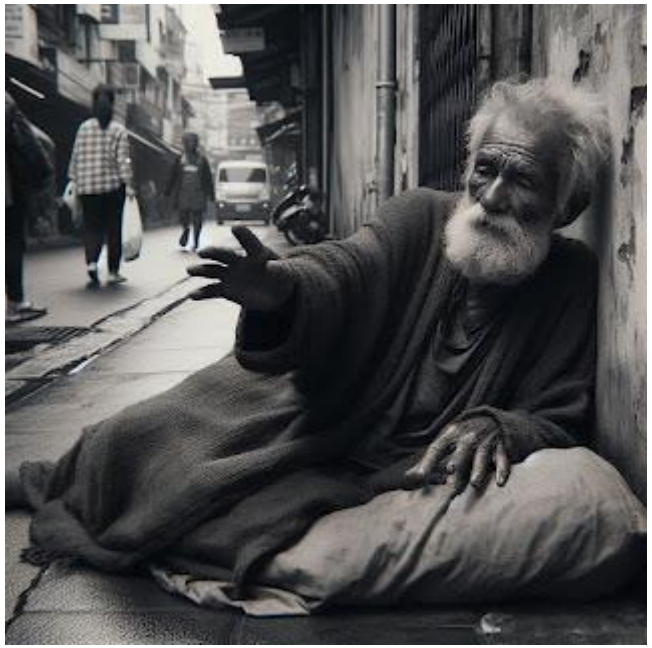
As flores, então, compreenderam a lição,
e decidiram finalmente se abraçar,
a roxa, com amor, pediu perdão,
e a amarela sorriu, pronta a recomeçar.

O sol brilhou alto, e a chuva desabou,
as cores renasceram, a beleza voltava,
a intolerância, enfim, se dissipou,
e o vale, em harmonia, a vida encantava.

Moral
A história nos ensina que em meio à dor
a intolerância fere e nos faz esquecer
que cada um é único, e no amor
juntos podemos, sempre, renascer.

José Feldman

Apenas uma mão



Era um senhor de roupas gastas,
com o andar lento e olhar cansado.
Na calçada, suas memórias vastas
contavam histórias de um tempo amado.

Um dia, tropeçou, a queda foi dura,
e junto ao muro lá ficou a gemer.
Clamava por ajuda em sua amargura,
mas ninguém o ouvia, mesmo vendo-o sofrer.

Os passantes, apressados, viam um mendigo,
e o ignoravam, sem parar para olhar.
Pensavam que era só queria um abrigo,
um bêbado perdido, sem lar para ficar.

Mas eis que um jovem com olhar atento,
se aproximou, perguntando com bondade:
"Senhor, precisa de algum auxílio ou alento?"

A voz sincera trouxe-lhe felicidade.

"Só preciso de ajuda para me levantar,"
disse o velho, com um sorriso tímido.
O rapaz com força, o pôs a caminhar,
e juntos seguiram num passo decidido.

Chegaram a um palacete, imponente e belo,
o jovem, espantado, não podia crer.
"Este é meu lar, um lugar singelo,
venha, entre, e vamos nos conhecer!"

O jovem, surpreso, aceitou o convite,
e um laço de amizade começou a florescer,
contaram histórias, entre risos sem limite…
Um encontro de almas, um novo amanhecer.

Mas a moral que ecoa em nossos corações,
é que a compaixão é um bem que se retrai,
pois muitos, em meio às suas aflições,
ignoram o próximo, uma vida que se esvai.

Que possamos, como o jovem, olhar além,
e estender a mão aos necessitados,
pois cada ser humano tem um valor também,
e a bondade é a luz dos seres abençoados.

O Desconfiado

José Feldman

Em um lar onde o amor reinava,
um homem, de coração aflito,
sentia que a esposa o enganava,
sentindo em si grande conflito.

Os olhos dela, em certos momentos,
eram nuvens que ocultavam o sol,
e os sorrisos em novos sentimentos,
pareciam dançar em um arrebol.

Certa noite, a dúvida o tomou,
decidiu então, segui-la ao luar,
escondido nas sombras ele ficou,
e viu a esposa se deixar levar.

Com um homem bonito, jovem e audaz,
ela se entregou em longo abraço,
o coração do marido em meio à paz,

desabou, sentindo-se ele um bagaço.

Quando ela voltou, ele a esperava,
o olhar ardente, a voz em fúria,
"Traidora!", bradou, enquanto ela falava,
e a casa virou um palco de penúria.

Acusações voaram como flechas cortantes,
e a vizinhança começou a se aglomerar,
os gritos ecoavam em tons vibrantes,
o homem em chamas não parava de gritar.

Mas, logo à porta, o jovem se apresentou,
com um sorriso que apagava o temor,
"Sou irmão dela, aquele que se afastou,
mais de vinte anos, sem saber de seu amor."

O marido, atônito, não entendia nada,
a vergonha o envolveu como um véu,
a esposa, com lágrimas, a história contada,
derrubou o peso que pesava no céu.

O homem galante, era apenas um irmão,
sorrindo, enquanto a tensão se desfazia,
o esposo, com vergonha, em confusão,
não sabia onde a sua cara metia.

E assim, a noite se transformou em paz,
com conversas e memórias a ressoar,
o amor, que antes parecia fugaz,
renovou-se, como o sol a brilhar.

O desconfiado, agora em reflexão,
aprendeu que, às vezes, tudo é ilusão,
e que o amor verdadeiro em sua missão,
supera os medos e traz renovação.

José Feldman

Biografia do Autor

José Feldman nasceu na cidade de São Paulo, no dia 27 de setembro de 1954. Realizou vários cursos, como Filosofia, Italiano, Leitura Dinâmica e Desinibição e Criatividade, Arte Dramática, Administração de Empresas na Universidade de Viçosa, Empreendedorismo no Sebrae e Senai, Logística na UNICAMP, Administração Estratégica na Universidade Anáhuac/ México, Astrobiologia na USP e Universidade de Edimburgo/Escócia, Astronomia na Universidade do Arizona, além de diversas palestras e encontros de literatura. Em 1978, torna-se diretor de Clube de Xadrez, em São Paulo, sendo reeleito sucessivamente até o ano de 1996. Diretor Cultural da mesma entidade. Também auxiliar de diretoria, arbitro e professor de xadrez no Xadrez Clube Sorocaba e no Clube de Regatas Tietê. Formado em Patologia Clínica, trabalhou 18 anos no Hospital das Clínicas de São Paulo, Fundação do Fígado e Hospital especializado em AIDS. Foi digitador em laboratórios de análises clínicas, supervisor do IBGE, carteiro, consultor educacional, atualmente aposentado. Frequentou a Casa Mário de Andrade (Oficina da Palavra) fazendo o curso de Poesia Viva, com a poetisa Eunice Arruda, literatura com Mario Amato, Ficção Científica na literatura e no cinema com o escritor de renome internacional, André G. Carneiro, além da Oficina de Trovas com Izo Goldman, estreitando amizade com estes dois últimos e Eunice, até a morte deles. Casou-se em 1995 com a poetisa escritora e tradutora paranaense Alba Krishna Topan, a qual conhecera no curso de Ficção Científica, na Casa Mario de Andrade.

Foi em 1999 para Curitiba e em 2001 para a cidade de Ubiratã, eleito neste ano, vice presidente da diretoria provisória da Associação dos Literatos de Ubiratã (ALIUBI). Participou de concursos de contos em Portugal e França. Também participou de torneios de xadrez regionais, sagrando-se campeão, terceiro e segundo lugares, respectivamente, em 3 torneios em três anos consecutivos.

Criou o Blog Pavilhão Literário Cultural Singrando Horizontes (http://singrandohorizontes.blogspot.com/) postados diariamente, iniciado ao final de dezembro de 2007. Teve auxílio ao iniciar o blog, do secretário de Educação do Rio de Janeiro, Artur da Távola, criando um vínculo de amizade.

Em novembro de 2008, a convite do escritor Sorocabano Douglas Lara, passou a ser membro da ONE (Ordem Nacional dos Escritores), recebendo juntamente com sua esposa, o medalhão das mãos do presidente da ONE, José Verdasca, em 2008, em Sorocaba. Radicou-se definitivamente em Maringá/PR. Em 2015, foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural Euclides da Cunha da Academia de Letras Brasil-Suiça, localizado em Berna/Suiça, pelo Conde Carlos Ventura.

Em 2017, a convite do presidente Luís Antonio Cardoso, da Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura (ARLAC) de Taubaté/SP, tornou-se Acadêmico Correspondente no Grau de Oficial (1. Grau), quando lhe foi conferido também o Prêmio "Mahatma Gandhi" de Liderança pela Paz, da Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura de Taubaté/SP. Em 2021, o presidente Luiz Antonio Cardoso, da Academia Internacional da União Cultural, o empossa como acadêmico. Em 2021, foi um dos dois fundadores da Confraria Brasileira de Letras, o outro, de Curitiba, o escritor e artista plástico Gael Mac Tireban, viria a falecer no mesmo ano com Covid.

Participou da Comissão Julgadora de diversos Concursos de Poesias. Possui dezenas de premiações em Concursos de Trovas e de Poesias.

Acadêmico da Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG (ALTO) ; Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura (ARLAC) de Taubaté/SP ; Academia Internacional da União Cultural; Confraria Luso-Brasileira de Trovadores (CBT). Cônsul de Maringá desde 2011 de Poetas Del Mundo. Membro da Academia Virtual Brasileira de Trovadores; vice-presidente da Associação dos Literatos de Ubiratã (ALIUBI) ***2001-2003***; Ordem Nacional dos Escritores (ONE); Casa do Poeta Lampião de Gaz, de São Paulo; Ordem dos Cavaleiros Templários (OCT); Ordem Sagrada do Templo e do Graal (OSTG).

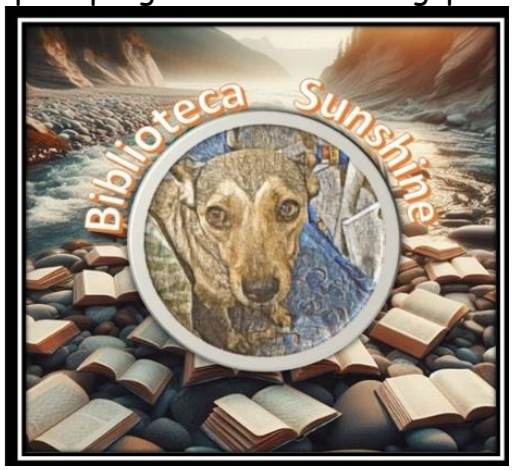
Recebeu as seguintes honrarias:

- Medalha de mérito cultural Euclides da Cunha da Academia de Letras Brasil-Suiça, em Berna/Suiça. 2015;
- Comenda por Mérito Cultural da Academia Pan Americana de Letras e Artes. 2016;
- Medalha de Mérito Cultural da Academia Brasileira de Trovas. 2016;
- Prêmio "Mahatma Gandhi" de Liderança pela Paz, da Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura de Taubaté/SP. 2017;

- Prêmio Monteiro Lobato do Movimento União Cultural. 2018;
- Título de Mérito Cultural "Magnus Magister", da Confraria Luso-Brasileira de Trovadores, 2020.

Organizou e editou:
Almanaque O Voo da Gralha Azul (16 e-books); Boletim Literário Singrando Horizontes (13 e-books); Almanaque Chuva de Versos (475 e-books): Almanaque Paraná (12 e-books); Folhetim Literário Desiderata (e-books); Florilégio de Trovas (40 e-books); Encanto das Trovas, por estado (22 e-books); Tertúlia da Saudade (8 e-books); Trova Brasil (19 e-books)

Participação em livros impressos de Dinair Leite (prefácio), Vânia Ennes (trovas), Carolina Ramos (trovas), Luciano Dídimo (soneto), Academia de Letras de Teófilo Otoni (poesia); 35 anos do Movimento Poético em São Paulo (poesia), Poetas de Maringá (poesia); Coletânea de Poesias da ALIUBI (poesia), Poetas pela paz (poesia).

Livros impressos: Canteiro de Trovas e *Coleção Terra & Céu (José Feldman e Izo Goldman).*

Blogs:
- ***Singrando Horizontes*** (https://singrandohorizontes.blogspot.com/);
- **Voo da Gralha Azul** (https://ondasdetextos.blogspot.com/);
- **Pérgola de textos** (textos de sua autoria) (https://pergola-de-textos.blogspot.com/)